



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
NÚCLEO DE PESQUISA DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM BRASILEIRA -
NUPHEBRAS

REGINA LUCIA MUNIZ DE ALMEIDA

**Formação de Enfermeiras na Cidade de Juiz de Fora: uniforme e identidade na Escola de
Enfermagem Hermantina Beraldo (1947-1978)**

RIO DE JANEIRO
2014

REGINA LUCIA MUNIZ DE ALMEIDA

Formação de Enfermeiras na cidade de Juiz de Fora: uniforme e identidade na Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo (1947-1978)

Dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientadora: Dra. Maria Angélica de Almeida Peres

Rio de Janeiro

2014

Formação de Enfermeiras na cidade de Juiz de Fora: uniforme e identidade na Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo (1947-1978)

Regina Lucia Muniz de Almeida

Dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Data de aprovação: ____/_____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Angélica de Almeida Peres (EEAN/UFRJ)
Presidente

1º avaliadora
Prof. Dra. Gertrudes Teixeira Lopes(FACENF/ERJ)

Prof. Dra. Mariângela Aparecida Gonçalves de Figueiredo (UFJF)
2º avaliadora

Prof. Dra. Tânia Cristina Franco Santos (EEAN/UFRJ)
1ª suplente

2ª suplente
Prof. Dra. Maria Cristina Pinto de Jesus (FACENF/UFJF)

Dedico este trabalho a todos que direta ou indiretamente compartilharam comigo este momento rico de aprendizado, de renúncias, de sofrimentos e alegrias.

Se fosse fazer uma dedicatória individual a todos, com certeza acrescentaria muitas páginas a este trabalho. Mas, em minha memória estão todos aqueles que, com palavras, gestos ou atitudes, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Em especial, à memória da Senhora Aracy de Andrade Albuquerque, enfermeira da I Turma da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo, que tanto contribuiu para a realização deste trabalho, não tendo a oportunidade de vê-lo concretizado: que esteja com o pai celestial!

Que todos saibam o quanto foram importantes.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de vida, fortaleza, sabedoria. Sem ele não seria o que sou.

Ao meu marido e companheiro, Paulinho: obrigado por estar ao meu lado, mesmo diante de minha ausência física e emocional, e quando à volta com leituras, análises e computadores, o colocava a mercê de suas próprias angústias.

Às minhas joias raras: Felipe, Ramon e Jonas, que souberam compreender a ausência e isolamento da mãe e seu afastamento em momentos tão importantes de suas vidas.

À minha orientadora: com seu conhecimento e rigor metodológico me impulsionou a ser melhor do que sou. Sem ela não teria conseguido chegar aonde cheguei.

À minha irmã Soninha, que não mediu esforços para me auxiliar neste período. Seu conhecimento e sua paciência, seu bom senso e incentivo foram fundamentais na etapa de qualificação.

À amiga Mariângela, por me estimular a buscar, sempre, novos caminhos, novos desafios, conhecimento.

À Amiga Ângela: obrigado pelo tudo que foi neste momento de minha vida.

Aos colegas enfermeiros do Hospital Universitário que compartilharam comigo as dificuldades no processo de aprender e as alegrias a cada etapa vencida.

Aos colegas professores da Faculdade SUPREMA, dividindo momentos de angústia e de prazer na finalização deste trabalho.

Ao Nuphebras, lugar de compartilhamento de saberes e de muito aprendizado.

À Banca examinadora, que com seu olhar e contribuição proporcionaram o aprofundamento do trabalho.

À coordenação e secretaria da Pós-graduação: Obrigada!

A todos os colaboradores (depoentes) que se disponibilizaram a compartilhar comigo de um tempo e de lembranças, sem os quais este trabalho não teria sido possível.

Talvez não tenha conseguido o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas graças a Deus, não sou o que era antes.

Martin Luther King

RESUMO

ALMEIDA, Regina Lucia Muniz de. Formação de Enfermeiras na Cidade de Juiz de Fora: uniforme e identidade na escola de enfermagem Hermantina Beraldo (1947-1978). Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Estudo histórico social que teve como objeto os uniformes de alunas usados na Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo (EEHB) e sua influência na construção da identidade da enfermeira diplomada na cidade de Juiz de Fora. O recorte temporal tem como marco inicial 1947 e, como marco final, 1978, que correspondem respectivamente aos anos de início do funcionamento e de extinção da EEHB. Objetivos: descrever o vestuário usado pelas alunas da EEHB nos primeiros anos de seu funcionamento (1947-1964); analisar as transformações ocorridas nos uniformes da EEHB e suas relações com o panorama sócio-político da época (1965-1978); discutir o significado dos uniformes para a representação da imagem identitária da enfermeira diplomada pela EEHB. As fontes primárias foram documentos orais, escritos e iconográficos. Os documentos orais foram produzidos através do método da História Oral Temática, com vinte oito colaboradores. Fontes secundárias: livros, artigos e monografias pertinentes ao tema estudado. Referencial teórico: conceito de identidade, do sociólogo Claude Dubar, e de vestuário e seus significados simbólicos, de Roland Barthes. Resultados: A EEHB adotou três modelos de uniforme hospitalar e dois de saúde pública: o primeiro uniforme hospitalar (1947 a 1964) foi usado exclusivamente nos campos de prática, era constituído de um vestido branco com acessórios também brancos (touca, sapatos e meias); o primeiro uniforme de saúde pública (1947-1968) era constituído de blusa de manga curta, saia estilo envelope e blazer azul marinho, meias cor da pele e sapatos pretos. O segundo uniforme hospitalar (1965-1968), foi um vestido estilo chemise na cor rosa, sapatos e meias brancos; o uniforme de saúde pública manteve-se o mesmo. Em 1968, a EEHB, passou a receber alunos do sexo masculino e adotou um uniforme constituído de calça ou saia na cor cinza, blusa branca e colete cinza para as mulheres; calça cinza e jaleco branco para os homens, com sapatos e meias na cor branca para ambos, utilizados nos campos de prática (hospitalar e saúde pública). As mudanças nos uniformes relacionaram-se com o contexto sócio-político-cultural da época, especialmente com as transformações nas áreas da educação e saúde, que influenciaram o funcionamento das escolas de enfermagem no país. Conclusão: Na EEHB, primeira escola a ser criada nos padrões da Enfermagem Moderna em Juiz de Fora, os uniformes das alunas se configuraram como uma marca importante de reconhecimento da imagem da enfermeira diplomada na cidade. Apesar das dificuldades para manter-se em funcionamento por trinta e um anos, a EEHB utilizou-se de estratégias para a construção da identidade profissional de suas alunas, que incluíam a instituição e manutenção de símbolos e rituais, semelhantes aos de outras escolas de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, demonstrando que havia coerência na formação de enfermeiras diplomadas na região sudeste. O uniforme das alunas da EEHB, durante o período de sua existência, representou um objeto de identificação e distinção de suas alunas e enfermeiras nos espaços institucionais e sociais da cidade de Juiz de Fora.

Palavras-chave: **História da Enfermagem. Escolas de Enfermagem. Vestuário.**

ABSTRACT

The social historical study that had as its aim, the uniform worn by students at Nursing Hermantina Beraldo School (EEHB) and this influence on the construction of the graduated nurse's identity in the city of Juiz de Fora. The temporal recort has its starting point in the year of 1947, and its end in 1978, which correspond to the years of creation an extinction of EEHB. Objectives: describe the clothing worn by the students of EEHB the first years of its operation (1947-1964); analyze the changes in uniforms EEHB and its relations with the socio-political view from (1965-1978), and discuss the meaning of the uniform for the representation of identity image registered nurse by EEHB. The primary sources consisted of oral documents, written and iconographic. We used the thematic oral interview with twenty eight collaborators. Secondary sources: books, articles and monographs relevant to the subject studied. Theoretical framework: concept of identity, Claude Dubar sociologist, and clothing and their symbolic meanings, Roland Barthes as a secondary source used to literature concerning the matter, highlighting the history of nursing, professional identity and clothing. Results: EEHB during the years which remained in operation adopted three types of uniforms: adopted three models for hospital uniform and two public health: the first(1947-1964) the uniforms was worn exclusively in hospital practice fields and public health, and uniforms hospital constituted a white dress white was used exclusively in the practice fields, consisted of a white dress with also white accessories (cap, shoes and socks); the first uniform public health (1947-1968) consisted of short-sleeved blouse, skirt envelope style and navy blazer, skin color stockings and black shoes. O second hospital uniform (1965-1968) was a dress chemise style in pink not having more cap as accessory; and public health are uniformly remained the same. In 1968 the EEHB, which this year also started to receive male students, adopted a uniform consisting of pants or skirt in gray, white blouse and gray vest for woman; for men: long pants gray and white coat with shoes and socks in white for both, used in the fields of practice (hospital and public health).Changes in uniform were related to the historical and social context of each season, especially with the changes in education and health, influencing the functioning of nursing schools in the country. Conclusion: In EEHB, first school to be created in the Modern Nursing standards in Juiz de Fora, the uniforms of nursing students took shape as an important brand for the construction and nurse's id consolidation registered in the city. Despite having faced difficulties of different orders to in operation for thirty-one years, EEHB kept strategies for building the professional identity of his students, which included the establishment and maintenance of symbols and rituals, similar to other schools Minas Gerais an Rio de Janeiro, showing that there was consistency in the training of registered nurses in the Southeast. The uniforms of EEHB students were, in fact, object of identification and distinction in these institutional and social spaces in the city of Juiz de Fora.

Keywords: History of Nursing. Nursing Schools. Clothing.

RESUMEM

Estudio social histórica que apunta los uniforme de las estudiantes incluso utilizados en Enfermería Hermantina Beraldo (EEHB) y su influencia en la construcción de la identidad de la enfermera en la ciudad de Juiz de Fora. El marco de tiempo tiene como punto de partida el año 1947 y como finales de marzo, el año 1978, que corresponden a los años de funcionamiento inicial y la terminación de EEHB. Los objetivos fueron: describir la usada por las estudiantes de EEHB los primeros años de su funcionamiento (1947-1 analizar los cambios de la EEHB uniformes y sus relaciones con el panorama socio-político de la época (1965-1978); discutir el significado del uniforme para la representación de la imagen de identidad de la enfermera registrada por EEHB. Las fuentes primarias consistieron en documentos orales, escritos e iconográficos. Se utilizó la entrevista oral temática con veintiocho empleados (veintiún antiguos alumnos - incluyendo 17 mujeres y 4 hombres, siete ex profesores y ex empleado de EEHB); como una fuente secundaria se utilizó la literatura sobre el asunto, con énfasis en la historia de la enfermería, identidad profesional y la ropa. Las discusiones fueron guiados en la identidad de referencia de Claude Dubar sociólogo, y los conceptos de Roland Barthes en la ropa, la escritura, las imágenes y la real y sus significados simbólicos en la vida diaria. Resultados: EEHB durante los años que permaneció en funcionamiento aprobó tres modelos de uniforme del hospital y dos de salud pública: el uniforme primer hospital (1947-1964) fue utilizado exclusivamente en campos de práctica, consistía en un vestido blanco con accesorios también blancos (gorra, zapatos y medias); la primera la salud pública uniforme (1947-1968) consistió en la blusa de manga corta, estilo envolvente falda y chaqueta azul marino, el color de los calcetines de piel y zapatos negros. El segundo uniforme del hospital (1965-1968), era un estilo camisola vestido en, zapatos y calcetines blancos rosados; y el uniforme de la salud pública sigue siendo el mismo. En 1968, el EEHB, que también comenzó este año para recibir estudiantes varones, adoptó un uniforme consistente en pantalón o falda de color gris, blusa blanca y un chaleco gris para las mujeres y para los hombres: pantalones grises y bata blanca, con zapatos y calcetines en blanco para ambos, que se utilizan en los campos de práctica (hospital y la salud pública). Este uniforme convirtieron sólo para su uso en el campo de la práctica hospitalaria y la salud pública. Los cambios en el uniforme estaban relacionados con el contexto social de cada temporada, especialmente con los cambios en la educación y la salud, que influyen en el funcionamiento de las escuelas de enfermería en el país. Conclusión: Durante el tiempo de vida del EEHB, primera escuela que se creará en los modernos estándares de enfermería en Juiz de Fora, el uniforme de las estudiantes de enfermería se concretó como un hito importante para la construcción de la identidad de la enfermera registrada en la ciudad. A pesar de las dificultades de los diferentes órdenes de permanecer en funcionamiento durante treinta y un años EEHB mantuvo estrategias para la construcción de la identidad profesional de sus estudiantes, que incluían el establecimiento y mantenimiento de los símbolos y rituales, similar a otras escuelas de Minas Gerais y Río de Janeiro, lo que demuestra que no hubo consistencia en la formación de enfermeras registradas en el sureste. Los uniformes de las estudiantes EEHB fue, de hecho, la identificación de objetos y distinción en estos esp institucionales y sociales en la ciudad de Juiz de Fora.

Palabras clave: **Historia de la Enfermería. las Escuelas de Enfermería. De la ropa.**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO Nº 1	Florence Nightingale e alunas da Escola de Enfermagem do “ <i>Saint Thomas</i> ” Hospital – Ano de 1910.....	18
FOTO Nº 2	Alunas da primeira turma da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública – Ano de 1925.....	20
FOTO Nº 3	João Tavares Correia Beraldo	42
FOTO Nº 4	Cerimônia de formatura na EEHB - Ano de 1957.....	50
FOTO Nº 5	Entrega da Lâmpada em Cerimônia de Formatura - Ano de 1959.....	51
FOTO Nº 6	Primeira Sede da EEHB - Ano 1947.....	61
FOTO Nº 7	Sede da EEHB de 1966 a 1978.....	67
FOTO Nº 8	Gerência Regional de Saúde - Juiz de Fora. Antiga Sede da EEHB- Década de 2000.....	67
FOTO Nº 9	Alunas da EEHB na inauguração do Ambulatório da SCM-JF.....	80
FOTO Nº 10	Uniforme de Aluna EEHB de 1968 a 1978.....	92
FOTO Nº 11	Formatura das alunas da EEHB - Ano de 1963.....	97
FOTO Nº 12	Acessório (broche) utilizado para prender a capa.....	100
FOTO Nº 13	Primeira e Segunda Turmas da EEHB – Cerimônia de Formatura em 1950.....	102
FOTO Nº 14	Cerimônia de Formatura da EEHB - Turma de 1959.....	103
FOTO Nº 15	Juramento em Cerimônia de Formatura da EEHB - Ano de 1950.....	105
FOTO Nº 16	Formandas da EEHB - “Turma da Beca - Ano de 1965.....	108
FOTO Nº 17	Formanda de Enfermagem recebendo o diploma - Ano de 1972.....	110
FOTO Nº 18	Cerimônia de Abertura - 1ª Jornada de Enfermagem de Juiz de Fora - 1971.....	116

LISTA DE FIGURAS

FIGURA Nº 1	Matéria Jornalística da Primeira Formatura da EEHB, 1965.....	58
FIGURA Nº 2	Notícia sobre a Formatura da turma pioneira da EEHB	104
FIGURA Nº 3	Convite de Formatura da Turma de Enfermeiras de 1972.....	107

LISTA DE DESENHOS

DESENHO Nº 1	Uniforme hospitalar das alunas da EEHB de 1947 a 1965.....	47
DESENHO Nº 2	Avental usado pelas alunas da EEHB de 1947 a 1965.....	48
DESENHO Nº 3	Uniforme de saúde pública das alunas da EEHB de 1947 a 1965.....	53
DESENHO Nº 4	Uniforme de alunas da EEHB no período de 1965 a 1968.....	75
DESENHO Nº 5	Detalhe da calça comprida em uniforme da EEHB: 1968 a 1978.....	91
DESENHO Nº 6	Capa Pelerine usada em cerimônias de formatura da EEHB até 1964...	99

LISTA DE SIGLAS

CDARA	Centro de Documentação e Registros Acadêmicos
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública
EAN	Escola Ana Neri
EECC	Escola de Enfermagem Carlos Chagas
EEAN	Escola de Enfermagem Anna Nery
EEHB	Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo
EEHW	Escola de Enfermagem Hugo Werneck
EEVB	Escola de Enfermagem Venceslau Braz
EMFA	Estado Maior das Forças Armadas
FMI	Fundo Monetário Internacional
GRS-JF	Gerência Regional de Saúde de Juiz de Fora
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
OPAS	Organização Pan Americana de Saúde
PLANO SALTE	Plano para o Desenvolvimento da Saúde, Alimentação, Transporte e Energia
RU	Reforma Universitária
SCM-JF	Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNE	União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
O OBJETO E O PROBLEMA	15
CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL: políticas de educação e saúde	22
A MOTIVAÇÃO E A RELEVÂNCIA	26
OBJETIVOS	28
ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	28
Quadro Teórico	28
Quadro Metodológico	31
FONTES PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS	32
PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO E COLETA DE DADOS	33
Aspectos éticos	33
Produção de fontes orais	33
COLETA DE FONTES ESCRITAS E ICONOGRÁFICAS	39
PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	40
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	41
1 PRIMEIROS UNIFORMES DE ALUNAS NA ESCOLA DE ENFERMAGEM HERMANTINA BERALDO (1947-1964)	42
1.1 VESTUÁRIO NA EEHB NOS PRIMEIROS ANOS DE FUNCIONAMENTO (1947-1964)	44
1.1.1 Vestuário de Sala de Aula	44
1.1.2 Uniforme Hospitalar	46
1.1.3 Uniforme de Saúde Pública	53
1.2 COTIDIANO DAS ALUNAS NA EEHB: a disciplina como fator de construção das identidades institucional e profissional	55
1.2.1 Fatos que permearam o cotidiano na EEHB	55
1.2.2 Aspectos da disciplina institucional	62
1.2.3 Estratégias da EEHB para a formação de recursos humanos de enfermagem em Juiz de Fora	68
2 MUDANÇAS NOS UNIFORMES DA EEHB (1965-1978)	71
2.1 PANORAMA SOCIAL NA DÉCADA DE 1960 E AS INFLUÊNCIAS NO VESTUÁRIO	71
2.2 SEGUNDO UNIFORME USADO NA EEHB (1965-1968)	75
2.2.1 Vestido rosa para o uniforme: múltiplos significados	81
2.3 A ENTRADA DO HOMEM NA EEHB	84
2.4 TERCEIRO UNIFORME USADO NA EEHB (1968-1978)	88
2.4.2 O uniforme cinza: uma nova imagem das estudantes da EEHB	90
3 UNIFORME COMO OBJETO SIMBÓLICO DE REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM IDENTITÁRIA DA ENFERMEIRA GRADUADA PELA EEHB	96
3.1 UNIFORME USADO NA FORMATURA: símbolo da enfermeira diplomada na EEHB (1947-1965)	97
3.2 O RITUAL DE FORMATURA NA EEHB	103
3.3 A BECA COMO VESTUÁRIO DE FORMATURA DA EEHB	108
3.4 SIGNIFICADO DO UNIFORME DA EEHB PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE ENFERMEIRA	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICES	135
ANEXOS	144

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O OBJETO E O PROBLEMA

Este estudo tem como objeto os uniformes usados por alunas¹ da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo (EEHB), no período em que a instituição esteve em funcionamento, e a sua influência na construção da identidade da enfermeira diplomada na cidade de Juiz de Fora.

O recorte temporal tem como marco inicial o ano de 1947, e como marco final, o ano de 1978, datas que correspondem ao período de existência da Escola. A EEHB foi à primeira escola de enfermagem de Juiz de Fora a formar profissionais segundo o padrão legal da época. Durante o período estudado, foram encontrados cinco modelos de uniformes adotados pelo curso de enfermagem da Escola, sendo três deles utilizados pelas alunas nas atividades práticas hospitalares, e dois, nas aulas de saúde pública.

A EEHB foi criada como uma instituição estadual, pelo Decreto nº 1.751, de 03 de junho de 1946, e inaugurada em 8 de março de 1947 (FIGUEIREDO; BAPTISTA, 2009). Foi a terceira escola de enfermagem do estado de Minas Gerais implantada com o objetivo de formar enfermeiras para atender à demanda de capacitação de profissionais para o exercício da atividade, que exigia novos conhecimentos e novas abordagens no tocante à assistência em saúde com enfoque no âmbito hospitalar. Tendo como referencial a Escola Anna Nery² (EAN), padrão no país, a EEHB incorporou emblemas e rituais da mesma, como elementos constituintes da formação profissional, dando continuidade ao processo de difusão da Enfermagem Moderna.

A Fundação Hemantina Beraldo (FHB) foi criada de acordo com o Decreto Lei nº 11.503, de 27 de novembro de 1968, do Estado de Minas Gerais, com o objetivo de promover a manutenção financeira e o funcionamento da escola. No ano de 1976, e de acordo com o Decreto nº 18.275, de 21 de dezembro de 1976, a então EEHB passa a ser denominada Faculdade Hermantina Beraldo, ainda sob a gestão da Fundação Hermantina Beraldo (MINAS GERAIS, 1976). A EEHB foi extinta pela Resolução nº1919, de 12 de setembro de 1978, que aprovou o convênio celebrado entre o Estado de Minas Gerais, a Universidade Federal de Juiz de Fora e a Fundação Hermantina Beraldo:

¹Utiliza-se nesta parte introdutória da pesquisa a designação alunas para referir-se às discentes, uma vez que a escola, no período de 1947 até 1968 aceitava somente mulheres.

²A EAN foi elevada à escola padrão de ensino de enfermagem no ano de 1931, pelo Decreto nº 20.19, condição que perdurou até o ano de 1949 (BRASIL, 1931).

Art. 1º - Fica aprovado o Convênio celebrado em 3 de julho de 1978 entre o Estado de Minas Gerais, a Universidade Federal de Juiz de Fora e a Fundação Hermantina Beraldo, visando permitir o funcionamento regular, a partir de 1979, do curso de Enfermagem e Obstetrícia recém-criado pela Universidade conveniente, com a consequente extinção, na Fundação, da Escola de Enfermagem. [...] Este convênio tem por objeto permitir o funcionamento regular, a partir do próximo ano, do curso de Enfermagem e Obstetrícia recém-criado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, pela Resolução nº 52/77 do Egrégio Conselho Universitário, com a consequente extinção, na Fundação, da Escola de Enfermagem (MINAS GERAIS, 1978).

Assim, 1978 foi o último ano em que a instituição funcionou como Faculdade de Enfermagem Hermantina Beraldo, mantida pelo Estado. Houve uma fase de transição do corpo social da antiga EEHB para o novo curso inaugurado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), não havendo prejuízo para os alunos, que deram sequência normalmente à sua formação. No ano de 1979 todos os alunos estavam inseridos no Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFJF (FIGUEIREDO; BAPTISTA, 2009).

No decorrer do funcionamento da EEHB na cidade, ou seja, desde a sua criação até a sua extinção, os uniformes sofreram várias alterações, o que instiga a realização de pesquisas buscando conhecer as relações da roupa com a história da escola e da enfermagem, profissão para a qual o vestuário³ se apresenta como um símbolo, e contribui para o processo de concepção da identidade institucional, social e profissional da classe (PERES e BARREIRA, 2003).

Observa-se que os uniformes usados na EEHB e seus modelos modificaram-se ao longo do tempo. Destaca-se, quanto à cor do vestuário, que o primeiro uniforme hospitalar utilizado pelas alunas da EEHB, ao ingressarem nas atividades de ensino prático, no ano de 1947, era branco, complementado por uma touca da mesma cor. O segundo uniforme, instituído em 1965, passou a adotar a cor rosa e a dispensar o emprego da touca; já o terceiro, instituído no ano 1968, passa a empregar o tom cinza como padrão. Quanto ao uniforme de saúde pública, as cores utilizadas eram azul marinho e branco (1947 a 1967), e posteriormente, a cinza. Os detalhes referentes a cada um desses uniformes são apresentados no decorrer do trabalho, por serem parte importante do objeto de estudo.

Embora o uniforme de diplomada não seja o foco deste estudo, ressalta-se que, em campo prático, as professoras da escola utilizaram o uniforme branco durante todo o período de funcionamento da escola.

Estudos sobre uniformes remetem à história do vestuário, que está imbricada com a evolução das sociedades e da moda. O homem, desde os primórdios de sua história cobre o

³ Segundo Nacif (2007, p. 1) o termo designa o “Conjunto formado pelas peças que compõem o traje e por acessórios que servem para fixá-lo ou complementá-lo”.

corpo com artefatos diversos. Cobrir o corpo de variadas formas é uma prática presente no cotidiano da humanidade, desde a existência do homem das cavernas⁴, até nos dias atuais. Os artefatos usados para cobrir o corpo se constituem de uma variedade de componentes, possibilitando a cada pessoa expressar sua individualidade em sociedade, grupo ou comunidade. “Várias são as funções que este cobrir o corpo possui: proteção, pudor, ostentação, diferenciação, distinção, hierarquização, funções estas que, no decorrer da história, ficam mais ou menos evidentes de acordo com a época, o país, a região” (LONZA, 1997, p. 16). Outro fator relevante é o clima, que interfere e motiva a confecção de vestimentas, com diferenciações nos tecidos, nas texturas e nas cores (LURIE, 1997).

A forma de cobrir o corpo se transforma num diferencial entre os homens, e desde os primórdios da civilização exprime os costumes, as regras internas e especificidades geográficas e regionais. Assim, as tribos ou comunidades se identificavam pela vestimenta. Segundo Lonza (1997), o vestuário é considerado uma forma involuntária de uniformização nos grupamentos humanos.

Diferente do conceito de roupa, cuja definição é “tudo o que se usa para cobrir o corpo, primeiramente com sentido utilitário, como cobrir-se do frio, fortes temporais ou sol excessivamente quente” (LURIE, 1997, p. 42), o uniforme é feito segundo um modelo oficial e comum a toda uma categoria. É uma vestimenta que tem por finalidade a identificação de um grupo, de uma determinada classe ou categoria profissional, variando em cor, forma e textura, e princípios de época. Auxiliam e dão os ditames das patentes, influenciando no posicionamento da escala social à qual cada grupo profissional pertence (FERREIRA, 2001).

De uma maneira geral, o uso do uniforme busca identificar as pessoas dentro do ambiente de trabalho, da escola ou outra instituição. O uniforme identifica e faz distinção. Identifica os que pertencem ao mesmo grupo, confere autoridade, respeito, podendo demonstrar *status* perante a sociedade. Contraditoriamente, distingue os uniformizados dos demais, quando se considera características, cores, emblemas e brasões, muitas vezes expressando posições hierárquicas, ao mesmo tempo em que são separatistas e discriminatórias (LONZA, 1997).

⁴ Ao explicar o termo troglodita, Grabianowski descreve homem das cavernas: “Troglodita é um termo usado como sinônimo para homem das cavernas. É uma palavra grega que, literalmente, significa alguém que vive em um buraco ou debaixo da terra. Existem referências históricas e bíblicas de uma tribo de pessoas na costa oeste da África que vivia em cavernas - *Troglodyti* ou *Troglodytae*. Sabemos que as pessoas das cavernas existiram - homens primitivos e outras espécies relacionadas a humanos habitavam cavernas. Algumas espécies pré-humanas ou semelhantes ao ser humano que podem ter vivido em cavernas incluem o Homo antecessor, o *Homo neanderthalensis* ‘homem de Neandertal’, o *Homo erectus* e o *Homo heidelbergensis*. Os homens primitivos, o ‘*Homo sapiens*’, também usavam as cavernas de forma esporádica” (GRABIANOWSKI, 2014, p.1).

O Século XIX foi marcante para a enfermagem porque no período teve início a Fase Moderna da Enfermagem. Até então as pessoas que praticavam a enfermagem pré-profissional de maior *status* eram as religiosas, que usavam vestimentas características de sua ordem, o que é um tipo de uniforme. O advento da Enfermagem Moderna tem seu marco inicial na criação da *School of Nursing* do *Saint Thomas Hospital*, idealizada por *Florence Nightingale* que, a partir da introdução de conceitos de cientificidade, organização e desvelo ao cuidar do ser humano, revolucionou a assistência às pessoas que necessitavam de cuidados de saúde, baseada principalmente na experiência de cuidado com os feridos de guerra. Já então como fator de organização e diferenciação dos demais grupos profissionais, o uniforme na escola de enfermagem foi instituído para as alunas, mantendo uma sobriedade, conforme ditava a moda feminina da época, demonstrando uma boa aparência e um bom caráter, influenciando no surgimento e na formação de uma nova profissional de enfermagem em detrimento de uma enfermagem ultrapassada. Na Europa, no séc. XIX, até a criação da Escola *Nightingale*, o cuidado dos enfermos era realizado por pessoas leigas de classes sociais mais baixas e por religiosos (MIRANDA; 1996 p. 152; PERES; PADILHA, 2014).

Imagens do vestuário das alunas de enfermagem, desde a sua profissionalização iniciada na Inglaterra, no século XIX, mostram mulheres sempre uniformizadas, podendo fazer parte deste vestuário alguns acessórios, como: avental, broches, braçadeiras, véu, toucas, dentre outros (PERES; PADILHA, 2014). No entanto, a touca, em especial, marcou a imagem da enfermeira moderna no mundo, uma vez que a Escola *Nightingale* adotou-a como parte integrante do uniforme (PERES; PADILHA, 2014), conforme ilustrado a seguir.



Foto nº 1: *Florence Nightingale* e alunas da Escola de Enfermagem do *Saint Thomas Hospital* – Ano de 1910

Fonte: Imagem de domínio público⁵.

⁵ Disponível em: <<http://upaipved.blogspot.com.br/2011/05/florence-nightingale-biografia-iv.html>>

O uso da touca como acessório do uniforme de alunas de enfermagem, também é associado ao modelo religioso: “O grande símbolo da matriz religiosa moderna é conferida à touca, cujo significado projetava imagens do véu usado por freiras e irmãs de caridade e que representava a enfermeira como anjos brancos” (OGUISSO, 2007, p.14).

A touca, desde a implantação da Enfermagem Moderna no Brasil, foi um dos símbolos da profissão com um significado intimamente ligado às tradições religiosas, bem como aos valores e compromissos exigidos para o exercício da enfermagem, numa apropriação dos mesmos símbolos anglo-americanos transmitidos às brasileiras (SANTOS, 2004).

O significado atribuído à touca era o domínio de si mesma e a devoção à causa da Enfermagem. Nesse sentido, a touca das alunas sempre esteve impregnada de forte valor simbólico, uma vez que representava a mística da profissão, definida como valor essencial, e constituía simultaneamente estratégia de igualdade e distinção do grupo. (SANTOS, 2004, p.81).

Em relação aos uniformes usados na fase da Enfermagem Moderna, também se observa uma analogia com as vestimentas utilizadas por religiosas. Estas deveriam ser sóbrias, largas o suficiente para cobrir o corpo, escondendo ou minimizando os atributos físicos femininos (PERES; BARREIRA, 2003). Além da vestimenta, também os comportamentos atribuídos àquelas que se aventurassem a seguir carreira deveria estar congruente com os padrões morais da época. (OGUISSO, 2007).

Fazendo uma analogia com os uniformes na área de saúde, sua distinção pode ser um ato carregado de ideologia, trazendo consigo características e traços da individualidade de um grupo específico. Neste aspecto, os uniformes se configuram como algo externo que distingue uma categoria profissional dos demais, associando poder, reconhecimento e *status* a uma determinada profissão. (NAUDERER; LIMA, 2005).

No Brasil, ao considerar-se a história da Enfermagem Moderna, o ano de 1923 é visto como marco, coma inauguração da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), a primeira segundo o modelo de Enfermagem Moderna, criada na capital da república, e que se tornaria padrão em 1931, já com a denominação de Escola Anna Nery (EAN). (PADILHA, VAGHETHI; BRODERSEN, 2006).

O uso dos uniformes na EAN era obrigatório e assemelhava-se aos uniformes usados nas escolas de enfermagem norte-americanas, uma vez que foi criada com base no modelo anglo-americano de enfermagem, no qual valores como disciplina, hierarquia e retidão de caráter estavam presentes (PERES; PADILHA, 2014).

Na foto a seguir, pode- se observar as alunas e a então diretora da EAN, Clara Louise Kieninger (à esquerda do grupo) com uniforme hospitalar, bem como a Enfermeira Chefe do

Serviço de Enfermeiras do DNSP, Ethel Parsons, (à direita) usando uniforme de saúde pública.



Foto nº 2: Alunas da primeira turma da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública – Ano de 1925.
Fonte: Centro de Documentação da EEAN/UFRJ/Banco de Fotos

Desde a implantação da Enfermagem Moderna, normas, rotinas, regulamentos, símbolos e emblemas foram instituídos com objetivo de criar uma identidade, bem como para dar visibilidade à nova categoria profissional que surgia. Dentre os emblemas estabelecidos na Escola, o uniforme se configurava como a representação externa da enfermeira. Os que a vissem saberiam a quem estava se dirigindo, pois o uniforme remetia a uma identidade profissional relacionada às suas características e significados exclusivos (SANTOS, 2004).

Em estudo realizado sobre a trajetória da enfermagem no Brasil, os autores apontaram o uso de uniformes nas escolas brasileiras e divulgaram fotografias que ilustram suas características, que variavam para cada instituição, no período de 1929 a 1931 (FONSECA e PORTO, 2011).

A existência de um padrão de ensino no Brasil, a partir de 1931, não significou um modelo de vestuário nas escolas, e cada uma determinava o uniforme seu uniforme de acordo com suas necessidades e características. No entanto, durante a primeira metade do século XX, um acessório era comum em todos os uniformes usados por alunas de enfermagem e enfermeiras que seguiram o padrão Anna Nery: a touca (PERES e BARREIRA, 2003).

A EAN definiu os uniformes das alunas e enfermeiras, sendo que esses tiveram muitas de suas características incorporadas por outras escolas criadas posteriormente, dentre as quais as do Estado de Minas Gerais: Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), em Belo

Horizonte, criada no dia 7 de Julho, de 1933; Escola de Enfermagem Hugo Werneck (EEHW), criada em Belo Horizonte, no ano de 1942; EEHB, da qual trata este estudo, localizada em Juiz de Fora, criada em 1946. Posteriormente foram criadas a Escola de Enfermagem Frei Eugênio, na cidade de Uberaba, em 1948, e a Escola de Enfermagem Wenceslau Braz, em Itajubá, no ano de 1953 (RIBEIRO, 2007), fato que demonstra o desenvolvimento de enfermagem no estado de Minas Gerais, seguindo o processo de expansão das escolas de enfermagem no país, ocorrido a partir da década de 1930 (MEDEIROS; TIPLLE; MUNARI, 2008).

Na EECC, antes de sua inauguração oficial, Lays Netto dos Reys, como sua primeira diretora, “encaminhou um relatório ao Diretor de Saúde Pública de Minas Gerais, em março de 1933”, solicitando a aquisição de um uniforme para as alunas da escola, numa demonstração contundente da relação das vestes com a identidade profissional ditada pela então Escola Padrão, pela qual era formada, bem como elemento de diferenciação de vestuário das visitadoras escolares e das visitadoras de saúde pública, que possuíam uniformes próprios (NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1999, p. 153).

O uso do uniforme era uma exigência das escolas de enfermagem e constituía a imagem da enfermeira diplomada que se difundia pelo país, sendo a roupa branca e a touca consideradas as principais marcas simbólicas dessa imagem. No entanto, na década de 1950, as alunas da EEHB, questionaram o seu uso nas atividades práticas. O assunto uniforme esteve presente na pauta de reuniões do diretório acadêmico da escola, nas quais “as alunas reivindicaram a substituição da touca pelo véu, mais útil às atividades desenvolvidas durante o curso” (ARAÚJO, 2002, p. 85). Apesar das solicitações das alunas não se tem registros de mudanças até o ano de 1965, quando então ocorreram alterações no modelo, na cor e no tecido dos uniformes, incluindo a retirada da touca (ARAÚJO, 2002).

Em março de 1965 foi diplomada a primeira turma da EEHB “cujas alunas tiveram que atender as exigências de conclusão do curso científico ou similar para o ingresso no curso superior, conforme Lei n.º 4.024 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1961” (ARAÚJO, 2002, p. 49). Esta turma, em particular, vivenciou o processo de mudança no modelo e na cor do uniforme, que passa de branco para um vestido “tubinho⁶” cor de rosa (1965), dispensando a touca como acessório.

Alguns anos mais tarde, precisamente no ano de 1968, novamente o uniforme muda de cor e de modelo, coincidindo com a entrada dos primeiros homens na EEHB. Neste momento,

⁶ Tipo de vestido reto e tubular como um cilindro (CATELLANI, 2010, p. 534).

o uniforme passou a ser confeccionado em cinza e branco, sendo instituído um uniforme para os homens. A touca permaneceu ausente do uniforme.

No recorte temporal da pesquisa, a EEHB contribuiu com a formação de muitos enfermeiros, que levaram consigo a identidade construída durante o curso de formação. Estes profissionais foram logo absorvidos pelo mercado de trabalho. Posteriormente, muitos desses alunos se tornaram professores da escola, contribuindo tanto para a formação de outros enfermeiros como para a consolidação do ensino de enfermagem e afirmação da identidade do profissional em Juiz de Fora e região, o que fez da EEHB uma instituição de referência para o ensino de enfermagem em Minas Gerais (EEHB, 1967).

CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL: políticas de educação e saúde

O contexto social que cerca o tema desse estudo é marcado por grandes transformações sociais, políticas e educacionais, empreendidas nos governos de figuras emblemáticas que conduziram a nação no interstício desses 30 anos, entre elas o presidente Getúlio Vargas, que permaneceu no poder durante 15 anos (1930-1945). (FAUSTO, 1998).

No ano de 1947, era presidente da República o General Eurico Gaspar Dutra, sucessor de Getúlio Vargas, que trazia expectativas de uma redemocratização do país. Entre as ações desenvolvidas durante seu governo, pode-se citar o Decreto-Lei nº 9070, que regulamenta o direito à greve, apesar da redação do texto inserir quase todas as categorias profissionais como essenciais, dificultando a participação da população nos movimentos trabalhistas. No governo Dutra, ocorreu a cassação do registro do Partido Comunista e a intervenção em vários sindicatos trabalhistas que foram fortalecidos no regime anterior. Foi criado o Serviço Social do Comércio (SESC), o Serviço Social da Indústria (SESI) (1946), o Estado Maior das Forças Armadas (EMFA), além do Plano para o Desenvolvimento da Saúde, Alimentação, Transporte e Energia (Plano SALTE) implantado em 1948, tendo como objetivo o gerenciamento dos gastos públicos e o investimento nos setores essenciais ao país (FAUSTO, 1998).

No ano de 1951, Getúlio Vargas é reempossado como presidente eleito pelo voto direto, e institui, no primeiro ano de seu mandato, uma política voltada para o desenvolvimento econômico do país, com ênfase na industrialização, criando o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). O enfraquecimento das bases do governo, a inflação e a insatisfação de camadas mais conservadoras da sociedade, entre elas o Exército, que passava por dificuldades conjunturais e financeiras no período pós-guerra, contribuíram

para gerar uma crise. O atentado contra João Goulart e o manifesto do exército em favor da renúncia do presidente, levaram Getúlio Vargas a cometer suicídio em 24 de agosto de 1954, quando assume o poder o vice-presidente, garantindo as condições para que novas eleições elessem o novo presidente (FAUSTO, 1998).

Entre os anos de 1954 a 1961, o país foi governado pelo presidente Juscelino Kubitschek. Em seu mandato destacam-se os seguintes acontecimentos: a transferência da capital do país para Brasília e o movimento desenvolvimentista com o lema “50 anos em cinco”. Com isso, o Estado assume grandes empréstimos para impulsionar o desenvolvimento econômico, deixando uma grande dívida para o próximo governo, liderado por Jânio Quadros, o primeiro presidente eleito a tomar posse em Brasília. Seu governo foi marcado por medidas impopulares para conter os gastos públicos, mas, por ser um líder populista, levou o povo a acreditar que o país melhoraria com as medidas tomadas. Estas medidas lhe renderam a simpatia do Fundo Monetário Internacional (FMI) e a impopularidade no Congresso Nacional, culminando com sua renúncia em 1961, quando, em seu lugar, assume o governo o vice-presidente João Goulart (FAUSTO, 1998).

Esta crise política interna foi intensificada por lutas ideológicas advindas do sistema partidário, da mobilização popular e de uma grande insatisfação dos vários segmentos da sociedade brasileira, provocando uma reação dos militares, que, apoiados pelo empresariado, empreenderam o golpe de estado. Tal fato, ocorrido no dia 31 março de 1964, resultou na deposição do Presidente João Goulart, e na tomada do poder pelos militares, com a posse do Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, chefe do Estado-Maior do Exército (FAUSTO, 1998).

Tanto o Estado de Minas Gerais como a cidade de Juiz de Fora, contribuíram de forma efetiva com o Golpe Militar, pois as tropas do exército sediadas na cidade, sob o comando do General Mourão Filho, com o apoio do então governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, rumaram para o Rio de Janeiro para deflagrar o golpe (FAUSTO, 1998).

Conhecido como a “longa noite de 21 anos”, o período em que o Brasil esteve sob o comando do exército, se caracterizou pelo cerceamento das liberdades democráticas em todos os âmbitos da sociedade. Repressões, invasões, exílio e mortes estiveram presentes neste período da história (FAUSTO, 1998).

No que diz respeito à educação, o modelo educacional universitário primava pela centralização, sendo adotado em todos os estados e municípios da federação. Após treze anos de lutas e debates, este modelo foi alterado, no ano de 1961, com a aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 4.024, de 20/12/1961. Esta lei tinha como

princípios a democratização da educação, a descentralização do ensino, a continuidade entre o primeiro e segundo grau, a organização das universidades, o que possibilitava maior autonomia aos órgãos estaduais e municipais na área educacional (BRASIL, 2005).

Foi na década de 1960, através do parecer 271/1962, que, pela primeira vez, sobrevém uma determinação para a construção de currículo mínimo para o ensino das carreiras universitárias no Brasil. Entre estas profissões, estava incluída a enfermagem (PORTO, 1977).

A EEHB, então seguindo as reformulações relacionadas ao ensino superior, propostas pelo Ministério da Educação em 1967, e acompanhando o processo de construção e reformulação dos cursos de enfermagem vigentes no país, se ajusta a essas medidas criando seu segundo currículo, com agrupamento de algumas disciplinas por área de concentração, tais como a Didática aplicada a Enfermagem, Psicologia Evolutiva e Deontologia (CASTRO, 1999; FIGUEIREDO, 2008).

A partir de 1964, o Estado assumiu a reforma universitária para a modernização do ensino superior, redefinindo seus objetivos educacionais segundo os interesses do governo militar. O Estado passou a exercer um severo controle político-ideológico na educação, principalmente no âmbito universitário, em que grupos ligados ao novo regime instaurado buscavam vincular o ensino superior ao mercado de trabalho e ao projeto político de modernização, seguindo as orientações do capitalismo internacional. O regime militar propagava um discurso de exaltação e valorização da educação, considerando-a como uma via direta para se atingir o desenvolvimento de uma nação rica e forte. Neste período, a política educacional foi usada como uma forma de dominação e acúmulo de capital. Desta forma, era mantido um controle nos segmentos universitários e evitavam-se os conflitos (PAULINO; PEREIRA, 2008).

Para a implantação da reforma universitária, que ocorreu no ano de 1968, algumas discussões travadas nos anos anteriores já apontavam as condições para que o governo militar concretizasse tal reforma. É possível citar o Decreto-Lei nº 53, do ano de 1966, o qual continha aspectos relacionados à autonomia universitária, ao estabelecimento dos institutos centrais, ao desenvolvimento da pesquisa na universidade e da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, à vigência de um ciclo básico e profissional, com tempo integral, além da instituição da carreira do magistério (ROTHEN, 2008). Contribuiu também para as reformulações do ensino, o Decreto-Lei n.º 252 (1966), que, por sua vez, implantou “os departamentos como a menor fração da estrutura universitária” (BRASIL, 2005, p.5).

Entre as ações advindas da reforma universitária criada pelo Decreto Lei n. 5.540/68, que tinha o “intuito de aumentar a eficiência e a produtividade das universidades” podem ser

mencionadas: a extinção das cátedras; a introdução de regime de integração e dedicação exclusiva dos professores; a criação de uma estrutura departamental. a criação do sistema de crédito por disciplina; a semestralidade e o vestibular unificado. “Contudo, é esta lei que sedimenta a coesão entre ensino, pesquisa e extensão, bem como o fortalecimento da pós-graduação” (FÁVERO, 2006, p.34).

Concernente ao ensino superior, Juiz de Fora, como cidade da Zona da Mata mineira, sofreu transformações influenciadas não só pelas políticas de saúde e de educação nacionais, mas também por aquelas determinadas pelo estado de Minas Gerais (FIGUEIREDO, 2008).

No que diz respeito às políticas de saúde, a década de 1960 foi marcada por transformações e um amplo debate sobre as questões de saúde no continente americano, proposto pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). No ano de 1961, em Punta Del Este, ocorreu o I encontro dos Ministros da Saúde dos países latino-americanos, resultando na elaboração de um documento conhecido como Carta de Punta Del Este. Este documento continha resoluções voltadas para a área da educação e saúde pública, com propostas de mudanças teóricas e conceituais em relação às políticas de saúde e recursos humanos na área, com dois objetivos gerais: o primeiro, prevendo “elevar em cinco anos a expectativa de vida ao nascer dos indivíduos”, e o segundo, visando a ampliação da capacidade dos indivíduos para a aprendizagem, a partir da melhoria das condições de saúde (PAIVA, 2004, p. 3; FIGUEIREDO, 2008).

Para atingir os objetivos propostos pelas políticas públicas de saúde havia necessidade de aumento do contingente de profissionais específicos da área.

A formação de recursos humanos para a área da saúde tornou-se primordial numa perspectiva quantitativa, considerando o número reduzido de profissionais na área da saúde e qualitativa procurando formar um novo perfil de profissional de saúde direcionado para as questões de saúde pública (FIGUEIREDO, 2008, p. 47).

Na década de 1960, Minas Gerais começa a adotar medidas que preconizavam um “sistema de regionalização da saúde, promovendo uma descentralização de supervisão dos serviços de atenção primária” (SILVA; RAMIRES, 2010, p. 65). Neste sentido, a formação de pessoal qualificado na área se tornou evidente diante das necessidades de assistência apresentada pela população brasileira, incluindo a enfermagem.

A enfermagem, enquanto categoria profissional, na busca pela conquista de espaços de saber, poder e de uma identidade profissional, empreendeu esforços durante a sua trajetória de evolução, ocupando espaços permitidos pela sociedade dominante, ora avançando, ora retrocedendo (BORGES; SILVA, 2010).

Em linhas gerais foi esse o contexto que envolveu o funcionamento da EEHB e influenciou suas características no recorte temporal estudado. As instituições de ensino passaram por modificações administrativas de acordo com as políticas governamentais e as ideologias institucionais. Todas essas mudanças vão refletir nos hábitos da população onde se inclui o tipo de vestuário usado em cada período (LURIE, 1997).

A MOTIVAÇÃO E A RELEVÂNCIA

A motivação para realizar esta pesquisa surgiu da formação profissional adquirida como aluna de graduação do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFJF, no período de 1981 a 1985. O curso tinha em seu corpo de educadores, ex-alunos da EEHB, que herdaram muito dos conhecimentos, comportamentos e atitudes do modelo da antiga escola, transmitindo a importância de certos códigos, como o de manter o uniforme bem passado, organizado, limpo e a sua importância para a imagem da Enfermeira. Com o tempo, esses preceitos sobre o uniforme foram sendo assimilados, e reproduzidos com rigor na minha prática profissional cotidiana, por entender o uniforme como um instrumento de trabalho que contribui com o processo de construção identitária da profissão, influenciando na sua credibilidade, bem como na sua visibilidade social (MARTINS; MARTINS, 2011).

Durante as buscas por literatura sobre a temática de estudo, um artigo em especial chamou-me a atenção, por tratar-se da EEHB, primeira Escola de Enfermagem, em Juiz de Fora, onde se abordava os emblemas e rituais, que embora não fosse o foco do estudo, apontava relações com a formação da identidade da enfermeira.

Ao conhecer parte da história da EEHB, e perceber as características diferenciadas em relação ao processo de criação da identidade da enfermeira em Juiz de Fora, interessaram-me as transformações ocorridas nos uniformes, por entendê-las como uma das estratégias neste processo de construção da profissão. Ocorreram modificações nos uniformes da EEHB que passaram a denotar uma imagem bastante diferenciada de suas alunas, quando comparada com a imagem de discentes de outras escolas sob o mesmo modelo. Partiu daí a motivação para desenvolver um estudo que pudesse descrever mais detalhadamente os uniformes utilizados na EEHB e sua relação com a trajetória histórica da enfermagem na cidade, considerando a importância da escola para a formação de profissionais com capacidade técnica e científica.

O desenvolvimento de uma categoria profissional requer normas, rotinas, processos de trabalho que impulsionem a apropriação de condutas pessoais e de trabalho que possam ser

incorporadas ou refutadas, influenciando na identidade do profissional. A enfermagem, ao longo dos anos, tem atuado profissionalmente, tanto na assistência direta, buscando a recuperação da saúde do indivíduo enfermo, quanto em ações coletivas e gerenciais, na busca de consolidação de uma identidade para a categoria. Neste sentido, a “Enfermagem como profissão tem caminhado, por meio de estudos e pesquisas, para a formação de um corpo teórico próprio que a visibilize e projete como ciência” (ERDMANN *et al*, 2009, p.638).

A inquietação para desenvolver a temática ora apresentada vem da crença de que a enfermeira, em seu cotidiano de trabalho, necessita estar vestida adequadamente para o exercício de suas atividades profissionais; e por considerar o uniforme como uma vestimenta que auxilia e facilita o desenvolvimento de procedimentos e técnicas próprias, bem como por padronizar e diferenciar a classe, possibilitando a incorporação de uma identidade e de uma imagem condizente à atividade.

Soma-se a essa inquietação, outra preocupação advinda da experiência de docente e participante efetiva no processo de ensino-aprendizagem dos graduandos em enfermagem, ambiente onde se observa a incompreensão dos alunos sobre a importância do significado do vestuário e de suas implicações para o exercício da profissão.

O primeiro contato com a pesquisa histórico-social foi através de um processo seletivo de mestrado ocorrido no Núcleo de História da UFJF. Assistir a uma apresentação de trabalhos relacionados à história da enfermagem brasileira despertou-me o interesse em adquirir maior conhecimento na área. Sendo assim, conheci o Núcleo de Pesquisa da História da Enfermagem Brasileira (NUPHEBRAS), da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ). Este contato levou-me a realizar o mestrado na área de História de Enfermagem, buscando ampliar os registros sobre a Enfermagem Moderna em Juiz de Fora e sobre a sua trajetória na construção da identidade profissional, considerando o vestuário que determinou a imagem das enfermeiras no período em que a escola funcionou.

Acredito que este estudo possa contribuir para compreender o significado do vestuário para a enfermagem ao longo dos anos, para determinar sua influência na formação da identidade profissional para a categoria na cidade de Juiz de Fora, e ainda, para recuperar fontes históricas sobre a EEHB. As informações levantadas por essa pesquisa devem contribuir também para a produção científica sobre o vestuário da enfermagem, rica na literatura internacional, porém ainda incipiente em nosso país.

O estado da arte realizado para este estudo, a partir de pesquisa nas bases de dados (SCIELO, MEDLINE, LILACS e PORTAL CAPES) utilizando-se os descritores *enfermagem*

e *vestuário*, revelou um total de 675 artigos que, após refinamento, e acréscimo do descritor *história da enfermagem*, resultou em 12 artigos relacionados ao tema. Deste modo, o estudo justifica sua importância por reunir literatura sobre um tema pouco explorado na enfermagem, e por despertar reflexões sobre a identidade da enfermeira no Brasil, bem como por discutir a importância do uniforme na composição da imagem profissional. Da mesma forma, pode reunir e acrescentar novas fontes históricas para fortalecer a linha de pesquisa de História da Enfermagem Brasileira, do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bem como para fornecer subsídios a serem somados à história do vestuário e da Enfermagem.

OBJETIVOS

- 1) Descrever o vestuário usado pelas alunas da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo nos primeiros anos de seu funcionamento (1947-1964);
- 2) Analisar as mudanças ocorridas nos uniformes da EEHB e suas relações com o panorama sócio-político e cultural da época (1965-1978);
- 3) Discutir o significado dos uniformes para a representação da imagem identitária da enfermeira diplomada pela EEHB.

ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Quadro Teórico

O quadro teórico do presente estudo tem como base o pensamento do sociólogo francês Claude Dubar, exposto em sua obra “A Socialização: construção das identidades Profissional e Social”, de 2005, e que pode ser expresso no axioma de que “a identidade nunca é dada, ela sempre é construída e deverá ser (re) construída em uma incerteza maior ou mais ou menos duradoura.” (DUBAR, 2005, p.135).

A escolha deste referencial é apropriada ao objetivo pretendido de relacionar as questões da construção de identidade nas esferas sociais, considerando que, de alguma maneira, essa identidade se articula, se consolida, ou se rompe nas relações desenvolvidas no decorrer da vida do indivíduo, primeiramente na família, como célula *máter* da sociedade; em seguida, na escola, e posteriormente no ambiente de trabalho. Ao considerarem-se as

relações, estabelecidas nesses espaços sociais, conflitos e adaptações podem acontecer na busca de uma identidade social e profissional (DUBAR, 2005).

Diante das interações/relações desenvolvidas nestes três ambientes com momentos de rupturas e aproximações, esses espaços se configuram como alicerces e dão sustentabilidade ao processo de formação identitária. Ocorre, neste tramitar entre família e escola, por exemplo, a consolidação de valores, condutas e comportamentos. Mas isto pode não acontecer no âmbito do trabalho, devido às especificidades e necessidade de adequações das mais variadas formas, as quais o indivíduo necessita vivenciar, bem como o sentimento de pertencimento a um grupo ou classe (DUBAR, 2005).

Sendo assim, o ambiente de trabalho exige dos indivíduos, ajustes e reconciliações, ou seja, uma intrincada rede de amoldamentos para que ele se firme enquanto ser social, profissional, um ser identitário (DUBAR, 2005). Dependendo do ambiente de trabalho no qual o indivíduo se insere, poderá haver alterações no modo de falar, portar-se e também no vestir-se. Essas condutas podem ser totalmente diferentes daquelas que fazem parte do ideal da pessoa particularmente. Neste sentido, o vestuário pode ser compreendido como uma maneira de se colocar perante a sociedade como peculiar, individual, ímpar (FAGUNDES, 2011).

Diante desta forma de pensar, Dubar, em sua abordagem teórica, faz uma análise do processo de socialização secundária, desenvolvida principalmente nas “relações de trabalho com saberes específicos, e de papéis que estão direta ou indiretamente arraigados na divisão do trabalho”. (DUBAR, 2005, p.122). Neste estudo, a escola de enfermagem retratada se mistura com o ambiente de trabalho, uma vez que as práticas e os estágios eram desenvolvidos como atividades pré-profissionais, onde as alunas vivenciavam as relações de trabalho pela primeira vez.

O estudo se vale também de obras que abordam a moda e do vestuário, com destaque para o sociólogo francês Roland Barthes (2009) e a historiadora americana Alison Lurie (1989). Ambos consideram o vestuário uma linguagem abstrata que carrega em si aspectos práticos e simbólicos que permitem comunicar informações sobre quem o está usando, sua época e influência. Utilizado como interface entre o corpo humano e o meio em que se vive (cultura, sociedade, economia), as funções do vestuário são múltiplas, e suas origens são complexas, não podendo ser reduzido unicamente à sua funcionalidade. Seus aspectos práticos e simbólicos são indissociáveis, e resultam de uma elaboração cultural que inclui a linguagem abstrata e a confecção de objetos.

Tomando como exemplo uma foto de um vestido numa capa de revista, Barthes (2009) decodifica a linguagem do vestuário, fazendo uma distinção entre vestuário-imagem, vestuário escrito e vestuário real, assim representado:

Vestuário imagem: é o que me apresentam fotografado ou desenhado
 Vestuário escrito: é o mesmo vestuário, descrito, transformado em linguagem.
 Vestuário real ou uso pessoal é um modo particular de vestir, circunstancial. O vestuário real é embaraçado por finalidades práticas: adorno, proteção, pudor (BARTHES, 2009, p.19, 22).

O vestuário é feito com a matéria prima, o tecido, produzido para atender aos diferentes usos na sociedade. Essa etapa constitui a parte técnica do processo. A partir desta produção, a confecção da roupa, com suas formas e seu simbolismo, ganha finalidades diversas e significação na sociedade. A roupa então, não só cumpre um papel biológico de proteção, mas também sociológico. Constituído por peças que compõem o traje, e por acessórios que servem para fixá-los ou complementá-los, o vestuário é “um fato antropológico quase universal, uma vez que na maior parte das sociedades antigas e contemporâneas são usadas peças de vestuário e acessórios que ornamentam o corpo”. (NACIF, 2007, p.1).

Desta forma, ao investigar o vestuário, no caso em destaque, os uniformes das alunas da EEHB, bem como o que ele transmite e comunica dentro do contexto social ao qual está inserido pode-se apreender como se desenvolveu o processo de criação de identidade própria da enfermeira na cidade de Juiz de Fora. O uniforme como vestimenta institucionalizada está imbuído de um simbolismo que extrapola o âmbito escolar, podendo ser incorporado ou refutado de acordo com a concepção pessoal e a percepção de cada aluno, no decorrer de sua formação acadêmica.

Analisando os autores que escreveram sobre a moda, Cidreira (2006) analisa o conceito de Barthes (2009) para argumentar sobre a importância que a vestimenta representa enquanto signo, descrevendo:

[...] o caráter utilitário da roupa e, por outro, a [sua] dimensão significativa. O autor faz esta distinção para assinalar que por mais funcional que a peça seja sempre contém um aspecto sinalético. Nesse sentido, o autor concebe a moda como sistema de signos e enquanto tal, a moda pode ser passível de uma análise sociológica. (CIDREIRA, 2006, p.2).

As transformações ocorridas nos uniformes das alunas da EEHB destacam-se como aspectos simbólicos no processo de consolidação da identidade da enfermeira moderna em Juiz de Fora, com a definição de um tipo de próprio de vestuário, representativo da imagem da enfermeira por ela formada, e que se distinguia dos uniformes da antiga escola padrão, pela

retirada da touca como acessório do uniforme, em 1965, três anos após a supressão da touca na ECC. Tal fato só ocorreria na EAN mais de vinte anos depois, no início da década de 1990 (NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1999, p.165).

Ao contextualizar o vestuário, não somente nos aspectos de sua funcionalidade biológica, mas de acordo com uma conjuntura social e temporal, e ao correlaciona-lo com a construção da identidade profissional, o estudo estimula um olhar para o que se desenrolava no entorno da formação de enfermeiras em Juiz de Fora, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, na tentativa de descobrir como a identidade profissional deste grupo ocorreu nos espaços de formação e de atuação, aqui compreendidos como ambientes de sala de aula e campos de prática e estágios.

Reporta-se ao passado para captar do vivido, suas nuances e verdades, respeitando o processo de construção da identidade de toda uma categoria profissional, no caso em destaque, a enfermeira. O olhar é direcionado para indagar a formação e a prática, as ações, o modo como a história da enfermagem vem se construindo ao longo do período demarcado, e para, enfim, proceder a uma reflexão crítica e analítica do universo da enfermagem, tomando como ponto de partida as vivências das profissionais enfermeiras.

Quadro Metodológico

O presente estudo é histórico-social, do tipo descritivo, e “constitui-se pela inter-relação de fatos, processos e dinâmicas que, através da dialética, transformam as condições de vida do ser humano ou as mantém como estão” (SANTOS, 2007, p. 2). Esta metodologia é entendida como uma síntese que possibilita compreender o princípio de que, em história, todas as abordagens estão descritas no social, e se interligam na delimitação de um campo específico de problemas a serem formulados pela perspectiva histórica (CASTRO, 1997).

A pesquisa histórica “surge com o propósito de reconstruir o passado de forma sistemática, através de um trabalho cuidadoso, no levantamento de dados, e de uma análise criteriosa na autenticidade e acuidade do material” (BORESNTEIN; ALTHOFF, 1995, p.144). O método histórico pode ser entendido como um caminho, um processo na busca de elucidar fatos ocorridos. Para tanto, se faz necessário que o pesquisador/historiador esteja munido de princípios que norteiem e deem sustentabilidade ao trabalho historiográfico. São eles: busca de dados, a organização, avaliação criteriosa dos dados e, posteriormente, a exposição dos dados com as interpretações e conclusões do historiador/pesquisador. Contudo, é preciso ter outro olhar sobre o passado. Não no sentido de tentar reconstruí-lo, mas de lançar

mão de uma visão mais ampliada sobre os acontecimentos e suas interfaces com o próprio desencadear da história (PADILHA; BORENSTEIN, 2005).

A escolha da abordagem metodológica se justifica pelo significado social atribuído por estudiosos ao vestuário, considerado importante material para a compreensão de elementos de uma sociedade em uma determinada época, e por se acreditar na importância da construção da história do uso do uniforme para a construção da identidade dos grupos profissionais, nesse caso, as enfermeiras.

FONTES PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS

As fontes primárias dessa pesquisa se constituem de documentos orais, escritos e iconográficos. Estas fontes servem para aproximar os resultados da pesquisa ao que Barthes (2005) define como vestuário imagem, escrito e real, sendo também utilizadas, no que diz respeito à linha histórica, para contextualizar a evolução da história de enfermagem na EEHB.

Os documentos orais foram obtidos em entrevistas com 21 alunos (17 mulheres e 04 homens), 07 docentes e uma funcionária da EEHB, que vivenciaram o período do estudo. As entrevistas com essas colaboradoras⁷ permitiram que os resultados da pesquisa fossem alcançados, uma vez que as ex-alunas e funcionárias forneceram informações sobre as características dos uniformes na EEHB e seu significado contextualizado. Para tanto, valeram-se da memória para recordar do tempo em que vestiam os uniformes, no caso das alunas, ou para deles se lembrarem, no caso dos que conviveram com elas.

Embora a maioria dos estudos sobre uniformes tenha como bases as fontes iconográficas, a descrição de determinados aspectos dos mesmos não é possível apenas com a informação visual, como é o caso do tecido, cores e outros detalhes que podem passar despercebidos na imagem (pespontos, bolsos, redes nos cabelos, meias transparentes). É importante também uma descrição pormenorizada do uniforme no que se refere ao conforto e praticidade por parte daqueles que o vestiram, de acordo com ambiente e com o trabalho desenvolvido (BARTHES, 2009).

Os documentos escritos que foram consultados são: os livros de registros e a ata de formatura da primeira turma da EEHB, arquivados no Centro de Documentação e Registro Acadêmico da UFJF; ofícios sobre EEHB localizados no Departamento de Pessoal da

⁷Devido aos depoentes serem, na sua maioria, pertencentes ao sexo feminino, serão sempre referidos neste gênero, como colaboradora/s.

Gerência Regional de Saúde de Juiz de Fora (GRS-JF); Legislações e reportagens jornalísticas referentes à EEHB, publicadas em Juiz de Fora, no Jornal Diário Mercantil e Relatórios da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora (SCM-JF).

Os documentos iconográficos que constituíram fonte para essa pesquisa constam de fotografias com o registro dos uniformes usados na EEHB, no recorte temporal do estudo. As fotografias foram encontradas nos jornais da época e nos acervos pessoais das colaboradoras deste estudo.

As fontes secundárias constaram de: artigos, livros, teses e dissertações referentes à História da Enfermagem, em especial a história da EEHB, com destaque para Figueiredo (2008), Araújo, Nascimento e Caldeira, (2004) e Araújo (2002), bem como História do Brasil e também aquelas que se referem ao vestuário, em especial aos uniformes de enfermeiras, moda e identidade profissional.

PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO E COLETA DE DADOS

Aspectos éticos

O projeto de pesquisa referente ao estudo desenvolvido nesta dissertação de mestrado foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery/Hospital Escola São Francisco de Assis (EEAN/HESFA), sob o protocolo do CAAE, de número: 10827812.7.0000.5238/2012.

Produção de fontes orais

Os documentos orais que constam da pesquisa foram coletados através de entrevistas, de acordo com a perspectiva da história oral temática. A história oral, como técnica de pesquisa, se preocupa em conhecer e aprofundar conhecimentos, padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos sobre determinada realidade. Atenta-se para a produção de conhecimentos através de relatos orais, obtidos em conversas com pessoas, que, ao focalizarem suas lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem, ponderando esses fatos pela importância em suas vidas (PORTELLI, 1997).

O uso da história oral temática é pertinente em estudos que investigam fatos que transcorreram em um tempo passado, porém, relativamente recente, ou, quando, além disso, existe escassez de informações a respeito de acontecimentos que são importantes pela ótica do

pesquisador. A história oral permite também o esclarecimento sobre fatos ocorridos ou de novas versões sobre mesmos. Portanto, é possível identificar os protagonistas do período determinado pelo estudo, com a finalidade de integrarem e colaborarem com a elucidação do tema escolhido. Na verdade, essas fontes são construídas pelo historiador (PADILHA, 2005, ALBERTI, 1989).

Para Freitas (2002, p.19), “a história oral tem como principal finalidade criar fontes históricas”. Existe a possibilidade de uma aproximação com o objeto do estudo, de uma melhor apropriação da forma de abordar o assunto juntamente com os colaboradores, que, ao discorrerem sobre a temática proposta, podem auxiliar o pesquisador na apreensão do conhecimento, transmitindo a vivência acumulada, facilitando o acesso às “histórias dentro da história”. Dessa forma, se torna possível ampliar as possibilidades de interpretação do passado, considerando que as entrevistas realizadas na história oral são relatos de ações passadas, que documentam acontecimentos e fatos que reconstituem as memórias (ALBERTI, 2004).

A memória se fundamenta na experiência vivida e em emoções profundamente sentidas. As lembranças não atualizam apenas fatos experienciados, mas sentimentos, emoções e sensações (PORTELLI, 1997). A memória deveria ser analisada como fenômeno social, construída coletivamente e passível de constantes transformações, o que contraria a hipótese de que a memória apresenta-se puramente individual: “a memória é resultado do movimento do sujeito no ato da memorização, como também é ação dos diversos grupos sociais em suas histórias, passados e presente” (HALBWACHS, 1990, p.32).

A história oral também pode ser entendida “como um conjunto de procedimentos, que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas e o uso futuro dessas entrevistas” (MEIHY; HOLANDA, 2011, p.12). Sendo a entrevista uma etapa de grande importância para a execução do projeto, deve ser tratada com rigor científico, mas também com muita sensibilidade por parte do pesquisador.

Neste aspecto:

[...] a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. [...] Permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza; acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares, etc. (ALBERTI, 2004, p.18, 22).

Ao utilizar a entrevista como técnica de levantamento de informações, o pesquisador precisa desenvolver habilidades de escuta e domínio da terminologia e do assunto a ser abordado, para captar dos “colaboradores o máximo de informações possíveis, respeitando a personalidade dos mesmos, bem como as limitações relativas à idade, ao assunto e a cultura” (DELGADO, 2006, p.23). A escolha do melhor local para a realização da entrevista deve ficar a critério do colaborador, sendo possível o pesquisador sugerir um local neutro que deve ser acordado previamente entre as partes. Durante a entrevista é importante levar material de gravação reserva, evitando contratempos e repetição das entrevistas que podem ser inconvenientes tanto para o pesquisador quanto para o colaborador. Um ambiente tranquilo e reservado possibilita melhor acústica, que incide sobre a qualidade do relato prestado (MEIHY; HOLANDA, 2011).

Com o avanço da tecnologia, a utilização da gravação em meios eletrônicos se tornou a marca da história oral moderna, porém há que se considerar que jamais se constrói história oral sem a presença e participação efetiva do ser humano, sem que exista uma relação dialógica entre colaborador e pesquisador (MEIHY; HOLANDA, 2010).

Os critérios de inclusão utilizados para selecionar os participantes do estudo foram: ter vivenciado, na condição de aluno, o cotidiano da EEHB entre os anos de 1947-1978; ter sido professor ou funcionário. Como critério de exclusão considerou-se a falta de condições de saúde para participar da entrevista.

Para obtenção da lista das colaboradoras, alguns procedimentos foram efetuados: busca de documentos relativos à EEHB na antiga sede da Escola, atual Gerência Regional de Saúde de Juiz de Fora; levantamento de fotos e documentos no Museu da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora (SCM-JF), hospital que manteve convênio com a escola para a realização das atividades práticas das alunas do Curso de Enfermagem; pesquisa no Centro de Registro e Documentação Acadêmica da Universidade Federal de Juiz de Fora (CDARA) para a obtenção da relação dos alunos que se formaram na Escola no período de 1950 a 1978.

Durante o processo que elencou os participantes, vários contatos telefônicos foram realizados, e também contatos pessoais diretos com possíveis colaboradores. Este momento teve um caráter estimulador e desafiador, na tentativa de formar um universo ou grupo que sustentasse o presente estudo.

A primeira aproximação com os colaboradores foi numa conversa informal com enfermeiros do Hospital Universitário da UFJF e docentes da Faculdade de Enfermagem da UFJF, visando identificar os que haviam estudado na EEHB. A partir desta conversa inicial

foram sendo agrupadas tanto enfermeiras quanto docentes que contemplavam o recorte temporal do estudo.

A partir do registro de alunos no Centro CDARA, teve-se acesso à relação oficial de alunos que se formaram na EEHB. Num universo de 836 alunos, começou-se por procurar os que estavam em Juiz de Fora. Dentre os professores da EEHB, entre os anos de 1947 a 1965, cinco haviam falecido, e uma não se encontrava em condições de saúde para participar da pesquisa. Foi utilizada a tática do convencimento e explicações sobre o estudo e sua importância para a história de enfermagem de Juiz de Fora.

Assim, foram contactadas várias pessoas que passaram pela EEHB no período compreendido de 1947 e 1978, na tentativa de abranger um número satisfatório de colaboradoras.

Ao fazer os primeiros contatos com as colaboradoras foram procuradas novas indicações que pudessem ampliar este universo. Durante a fase de convite para participar da pesquisa, os contatos estabelecidos possibilitaram reavivar a memória das pessoas que tiveram a oportunidade de vivenciar o cotidiano da EEHB. Foi possível descobrir um pouco da história da enfermagem em Juiz de Fora e também no país, bem como a sua relevância - uma história a ser resgatada e registrada para reconhecimento e fortalecimento da profissão de enfermagem, em um movimento de respeito e compreensão da trajetória profissional, com diferentes nuances de cultura e regionalismo, tão característicos do Brasil.

Neste momento de busca, outras possíveis colaboradoras foram surgindo, dentre as quais se destaca a bibliotecária da escola, que conviveu com grande parte das alunas da EEHB. Mediante esta circunstância, a referida funcionária foi incluída na relação de colaboradoras do estudo, uma vez que preenchia os critérios pré-estabelecidos, demonstrando receptividade e disponibilidade para participar da pesquisa: “[...] neste momento formamos uma rede, onde um dos fundamentos do bom estabelecimento das redes preza o entendimento em profundidade das razões dos segmentos organizados que compõe o todo” (MEIHY; HOLANDA, 2010, p.54).

Assim, após várias tentativas de elencar participantes, foi possível atingir o número de dezesseis colaboradoras que concordaram em fazer parte do estudo. Posteriormente, para melhor elucidação sobre as variações dos uniformes da EEHB, foram incluídas mais doze pessoas, alcançando-se um total de vinte oito colaboradoras.

A seguir, realizou-se o agendamento das entrevistas, conforme dia e horários sugeridos pelas colaboradoras. Algumas entrevistas precisaram ser remar cadas várias vezes

devido a contratempos de ordem pessoal apresentados por algumas pessoas, fato que impossibilitou a realização da atividade na data previamente estabelecida.

Os instrumentos de pesquisa utilizados na coleta de dados foram: um roteiro de entrevista semiestruturado (APÊNDICE A), gravador MP3 e um bloco de anotações.

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora nas residências e local de trabalho das colaboradoras, após contato prévio por telefone e agendamento de acordo com a disponibilidade e conveniência de cada uma. A média de duração das entrevistas foi de trinta minutos. As colaboradoras mais idosas demandaram um tempo maior para a conclusão das entrevistas, demonstrando um grande prazer em recordar os momentos vividos enquanto alunas da EEHB.

De forma a estabelecer uma relação de confiança entre as partes, a entrevista propriamente dita foi precedida de uma conversa informal, com a visualização de fotos e apresentação dos objetivos de realização da pesquisa, de esclarecimentos sobre o objeto de estudo, e da entrega de um roteiro prévio da entrevista para conhecimento das participantes. Este processo serviu como um fio condutor para as colaboradoras aguçarem suas memórias e relembrem os acontecimentos, trazendo à tona sentimentos, lembranças e vivências enriquecedoras para a pesquisa, funcionando também como incitamento do tema abordado, na busca de acontecimentos do passado.

Em respeito às normas éticas da pesquisa, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) às colaboradoras - conforme Resolução 466/12 que trata de pesquisa com seres humanos. Para atender às mesmas normas, também foram elucidadas dúvidas apresentadas pelas colaboradoras.

Nesta fase introdutória da entrevista, foram realizados o teste e a adequação dos equipamentos e do ambiente, que incluiu a demonstração para as colaboradoras sobre a utilização da mídia MP3 para a gravação das entrevistas. Tais procedimentos tiveram como objetivo deixá-las inteiradas sobre todo o processo de coleta de dados, e ainda, estimular o ordenamento das ideias no momento da entrevista, para melhor aproveitamento do tempo, tanto por parte das colaboradoras quanto do pesquisador. Em seguida, deu-se sequência ao processo, com a realização das entrevistas propriamente ditas e sua conclusão, que constou dos agradecimentos e de esclarecimentos quanto ao retorno do material transcrito dos áudios para validação e autorização pelas colaboradoras, e para posterior utilização na pesquisa ou em outras produções e publicações científicas.

Apesar das entrevistadas terem concedido autorização para divulgar seus nomes, optou-se por identifica-las através do vocábulo colaboradora, abreviado pela letra C, seguida

do algarismo arábico correspondente à ordem de sequência crescente do período em estudaram na escola, conforme apresentando no quadro a seguir.

Quadro I: Relação de Colaboradoras da EEHB

Classificação	Identificação
Colaborador 1 – C1	Aluna de 1947-1950
Colaborador 2 – C2	Aluna de 1947-1950
Colaborador 3 – C3	Aluna de 1947-1952
Colaborador 4 – C4	Professora da EEHB 1952-1987
Colaborador 5 – C5	Aluna de 1957-1959
Colaborador 6 – C6	Aluna da EEHB 1961-1964
Colaborador 7 – C7	Aluna da EEHB 1961-1964
Colaborador 8 – C8	Aluna da EEHB 1964-1967
Colaborador 9 – C9	Aluna de 1965-1968 Professora de 1968-1990
Colaborador 10 – C10	Aluno da EEHB de 1967-1970
Colaborador 11 – C11	Aluna da EEHB 1968-1971 Professora da EEHB de 1972-1978
Colaborador 12 – C12	Aluna da EEHB de 1969-1972
Colaborador 13 – C13	Aluna da EEHB de 1970-1973 Professora da EEHB de 1973-1993
Colaborador 14 – C14	Aluna da EEHB de 1973-1977 Professora da EEHB de 1978-2005
Colaborador 15 – C15	Aluna da EEHB 1974-1978
Colaborador – C16	Aluno da EEHB 1974-1977 Professor da Faculdade de Enfermagem da UFJF desde 1979
Colaborador – C17	Aluno da EEHB-1974-1977 Professora da Faculdade de Enfermagem da UFJF desde 1979
Colaborador – C18	Aluna da EEHB 1974-1978
Colaborador – C19	Aluna da EEHB 1975-1978
Colaboradora – C20	Aluna da EEHB 1975-1978
Colaborador – C21	Aluna da EEHB 1975- 1978
*Colaborador – C22	Aluno da EEHB- 1976- 1979
*Colaborador – C23	Aluno da EEHB- 1976-1979
*Colaborador – C24	Aluna da EEHB 1978-1982
*Colaborador – C25	Aluna da EEHB 1978-1981
*Colaborador – C26	Aluna da EEHB 1978-1981
*Colaborador – C27	Aluna da EEHB 1978-1981
Colaborador – C 28	Funcionária bibliotecária da EEHB

Fonte: Dados da pesquisa elaborada pela autora com base em fontes escritas e iconográficas EEHB.

COLETA DE FONTES ESCRITAS E ICONOGRÁFICAS

Os documentos escritos e iconográficos foram coletados a partir de visitas aos locais onde estão arquivados, sendo utilizado um quadro para a identificação dos mesmos (Apêndice C).

Mediante reorientação do marco temporal, os acervos supracitados foram revisitados inúmeras vezes, buscando-se novas fontes escritas para o presente estudo.

Durante a busca por fontes para o desenvolvimento da presente pesquisa, algumas dificuldades enfrentadas merecem ser registradas na sequência. Após a incorporação da EEHB pela UFJF, no ano de 1979, e posteriormente à desativação da sua sede, que se transformou no prédio de Gerência Regional de Saúde-JF, a documentação da escola sofreu um remanejamento. A parte tocante aos documentos dos funcionários da EEHB permaneceu no Departamento de Pessoal da GRS-JF. Os documentos referentes aos alunos foram transferidos para o Centro de Documentação e Registros Acadêmicos da UFJF. Alguns documentos foram recentemente encaminhados para a Faculdade de Enfermagem da UFJF e estão em fase de catalogação, sendo que o acesso aos mesmos ficou temporariamente restrito. Outros tantos documentos relativos à escola se desviaram durante a construção e reorganização da GRS de Juiz de Fora. Desta forma, foi preciso aguardar resposta da solicitação enviada à Faculdade de Enfermagem da UFJF para que, em caráter extraordinário, se pudesse ter acesso aos documentos, o que não foi factível até o momento de finalização da pesquisa.

Os registros fotográficos são provenientes dos acervos pessoais de alunas e docentes da EEHB, do jornal Diário Mercantil e do Arquivo Histórico do Hospital da SCM-JF. As fotografias cedidas pelas colaboradoras foram escaneadas e devolvidas às mesmas. A autorização para o uso das fontes fotográficas quer na pesquisa, quer em futuras publicações, incluindo também os documentos orais, foi concedida com as assinaturas do Termo de Doação de Fotografia e do Termo de Doação de Depoimento Oral (Apêndices D e E).

Obteve-se um total de vinte e cinco fotografias, sendo: três fotografias de 1950; três de 1959; cinco de 1964; duas de 1965; duas de 1966; duas de 1972; cinco de 1975 e duas de 1977 e uma sem data. As fotos foram utilizadas como fonte para a observação do vestuário imagem, por permitirem o registro dos modelos de uniformes utilizados na EEHB. Foram selecionadas oito fotos para ilustrar esta dissertação, por retratarem os uniformes das alunas da EEHB e por manter relação direta com o objeto do estudo. As fotos não foram utilizadas

na sua totalidade, uma vez que várias estavam duplicadas, enquanto outras mostravam alunas em ambientes informais, sem os uniformes.

PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização das entrevistas, partiu-se para a etapa de transcrição realizada pela própria pesquisadora, onde as entrevistas foram repetidamente ouvidas e transcritas na íntegra, mantendo a descrição na primeira pessoa, respeitando os vícios de linguagem, as palavras repetidas e algumas frases sem nexos textuais. Este momento de transcrição é considerado exaustivo, trabalhoso, requerendo investimento de escuta acurada, pois é neste momento de transcrição que o pesquisador também relembra o conteúdo da entrevista, que enriquece, posteriormente, no momento da análise. A transcrição é o ato de passar para o escrito o que antes era oral (MEIHY; RIBEIRO, 2009).

Em um segundo momento, as transcrições passaram por um procedimento de organização, onde foi feita a revisão de português, retiradas as repetições de palavras e os vícios de linguagem, tornando o texto mais claro e fluente, compreensível, para então ser ajustado ao objeto do estudo desenvolvido. Neste momento, o pesquisador ordena o texto cronologicamente, o que possibilita melhor compreensão e apreensão dos acontecimentos e ideias arroladas nas narrativas, identificando o sentido principal dos depoimentos. (MEIHY; HOLANDA, 2010).

Nesta fase, o texto foi organizado valorizando-se as ideias principais da entrevista. Posteriormente, estas ideias foram ordenadas para facilitar a compreensão do leitor, tendo-se o cuidado de manter o sentido pretendido pelo entrevistado, de uma forma coerente e compatível com o que o mesmo quis dizer. É a “transformação final do oral para o escrito” onde o pesquisador procura trazer à tona os sentimentos emanados durante o processo da entrevista. (MEIHY; RIBEIRO, 2011 p.110).

Finalizando a etapa de produção das fontes orais, é realizado um processo de revisão, onde a transcrição e textualização sofrem um exame minucioso, retornando então aos colaboradores para procederem a uma avaliação e validação final do produto das entrevistas. “Retornar o material ao colaborador neste momento é um ato de respeito ao mesmo, que se dispôs a rememorar fatos, estimulando lembranças, muitas vezes de alto valor emocional” (MEIHY; RIBEIRO, 2011 p.111).

As fontes primárias e secundárias foram organizadas por tema e em ordem cronológica, conforme os objetivos do estudo. Dessa forma, objetivou-se uma maior

aproximação das informações contidas no vestuário imagem, o escrito e o real, bem como a ordenação dos fatos contextualizados que levaram a construção do texto e da análise.

A comparação de todas as fontes através de triangulação e subjetivação do seu significado originou as categorias de análise, conforme descrito por Minayo (2000), que considera como categorias analíticas “aquelas que retêm historicamente as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais” (MINAYO, 2000, p. 234-237).

Os documentos foram analisados utilizando-se o método indutivo, que prevê uma postura crítica sobre os documentos, e procura estabelecer suas relações com o contexto histórico social, e, ao mesmo tempo, elucidam reciprocamente esse contexto onde se inserem. A análise dos dados e a discussão dos resultados estão apoiadas no referencial teórico do estudo.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa estão apresentados em três tópicos que emergiram das categorias de análise: 1) Vestuário usado pelas alunas no cotidiano da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo; 2) Mudanças nos uniformes da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo (1965-1978); e por último, 3) Uniforme como objeto simbólico de representação da imagem identitária da enfermeira diplomada pela Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo.

1 PRIMEIROS UNIFORMES DE ALUNAS NA ESCOLA DE ENFERMAGEM HERMANTINA BERALDO (1947-1964)

A Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo (EEHB), primeira escola de Enfermagem na cidade de Juiz de Fora, foi criada durante a Reforma do Departamento Estadual de Saúde de Minas Gerais, pelo Decreto Estadual nº. 1.751, de 3 de junho de 1946 (MINAS GERAIS, 1946). A EEHB foi inaugurada em 08 de março de 1947 e sua implantação muito se deve ao grande empenho dos médicos Dr. João Ribeiro Villaça, da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora e ao Dr. João Tavares Correa Beraldo, que no período era o interventor do estado de Minas Gerais. Ambos imprimiram esforços para que a escola se instalasse na cidade, sendo que o nome dado à Escola (Hermantina Beraldo) é uma homenagem a esposa falecida desse último (ARAÚJO, 2002, p.24).



Foto nº 3: João Tavares Correia Beraldo
Fonte: Portal do Governo de Minas Gerais.

Em meados de 1940, Juiz de Fora era a segunda cidade mais populosa de Minas Gerais, e um importante centro de desenvolvimento econômico/industrial, principalmente na área têxtil, o que lhe rendeu o título de Manchester Mineira⁸. Assim, apresentava as características ideais e necessárias para a criação de uma escola de enfermagem, por ser uma região que agrupava condições suficientes para alavancar a possibilidade de interiorização no atendimento às necessidades de saúde na próspera região da Zona da Mata⁹ (FIGUEIREDO, 2008).

⁸ O título é justificado por Souza (2010): “O nome está associado ao seu grande desenvolvimento industrial e principalmente de sua indústria têxtil, numa alusão ao importante centro industrial inglês. A industrialização de Juiz de Fora data ainda do final do século XIX, fazendo com que a cidade apresentasse um crescimento urbano, tornando-se um centro receptor de imigrantes italianos e alemães” (SOUZA, 2010, p.11-12).

⁹ Soares define o termo: “Região que correspondia à porção sudeste de Minas Gerais, coberta por uma densa vegetação da mata atlântica então existente” (SOARES, 2009, p.1).

A EEHB nasceu sob o modelo de ensino da Escola Ana Néri (EAN), padrão de ensino para as escolas brasileiras entre os anos de 1931 a 1949, com a finalidade de assegurar a formação de profissionais do sexo feminino, moralmente correta, tecnicamente qualificada e com prestígio social (KRUSE, 2008; FIGUEIREDO 2008; ARAÚJO, 2002).

Em 1947, Minas Gerais contava com outras duas escolas de enfermagem que seguiam o padrão de ensino no país: a Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), e a Escola de Enfermagem Hugo Werneck (EEHW), ambas em Belo Horizonte. Dessa forma, a EEHB representava a implantação, em Juiz de Fora, de um modelo de enfermagem que estava se difundindo pelo país, por força de legislação, e que exigia a equiparação das escolas de enfermagem brasileiras à EAN. Dentre as exigências contidas na lei se ditava que a direção da escola deveria ficar a cargo de uma enfermeira diplomada, com curso de aperfeiçoamento e experiência de ensino, e administração em institutos similares (TOLEDO *et al*, 2008).

Celina Viegas, nomeada a primeira diretora da EEHB, preenchia tais critérios por ter se graduado na EECC e por ter realizado curso de pós-graduação nos EUA, de onde viera o modelo de ensino que naquele momento era padrão para a enfermagem no país. As enfermeiras Aracy Sette Câmara e Umbelina Goulart também foram convidadas para integrar o quadro administrativo da escola que estava sendo inaugurada (TOLEDO *et al*, 2008).

Celina Viegas ocupou o cargo de Diretora de 1946 a 1968, perfazendo neste período vinte dois anos à frente da escola. Além de sua atuação como diretora, ministrava aulas de legislação e ética. Foi aluna de Direito, Filosofia e Letras, concluindo bacharelado em Direito no final da década de 1970 (ARAÚJO, 2002; FIGUEIREDO, 2008). Posteriormente, também fizeram parte da direção da escola Dulce Maria Baptista de Oliveira, sucessora de Celina Viegas, que permaneceu no cargo entre 1968 e 1974; e Dulce Glória Teixeira, diretora de 1975 até 1978, ano em que a EEHB foi extinta (FIGUEIREDO, 2008).

Durante os anos em que esteve na direção da EEHB, Celina Viegas atuou com profissionalismo e dedicação, sempre na busca de elevar os ideais da profissão de enfermagem. Participou ativamente da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas, atual Associação Brasileira de Enfermagem, tendo presidido a entidade, em Juiz de Fora, no período de 1952 a 1953. Outras contribuições relacionadas à entidade nacional foram a presidência da Divisão de Educação, no ano de 1954, com a participação de propostas de mudanças no currículo de enfermagem na década de 1960 (CARVALHO, 1976, p. 134, 170). As alunas da EEHB que participaram deste estudo, ao se reportarem à pessoa de Celina Viegas, demonstraram admiração e respeito pela trajetória empreendida por pessoa tão magnânima conforme descreveu uma das entrevistadas:

Dona Celina tinha feito um curso nos Estados Unidos da América (EUA). Ela tinha feito pós-graduação em enfermagem, falava muito bem inglês, tinha muitas ideias. Leu muito sobre a organização de uma escola e de internato (C1, 2013, p.11).

Dessa forma, o perfil da EEHB, nos primeiros anos de seu funcionamento teve forte influência da Diretora Celina Viegas, além de espelhar as características do contexto social da época.

1.1 VESTUÁRIO NA EEHB NOS PRIMEIROS ANOS DE FUNCIONAMENTO (1947-1964)

Dentre as características da EEHB constava o uso de uniformes por alunas e professoras. No período inicial de funcionamento da escola até o ano de 1964, as alunas deveriam manter um vestuário para uso em sala de aula, um segundo para ser usado no estágio hospitalar, e um terceiro uniforme, utilizado nas atividades de saúde pública.

1.1.1 Vestuário de Sala de Aula

Ao ingressarem no curso de enfermeiras da EEHB, as alunas começavam suas atividades curriculares no mês de março de 1947. As aulas teóricas da primeira turma, então com oito alunas, eram ministradas nas salas de aula localizadas na sede da escola. Para esta atividade não era exigido o uso de uniforme, conforme se observa nos relatos a seguir.

*Era de vestido comum. Roupa comum (C2, 2013, p. 2).
Na sala de aula a gente não usava uniforme, era roupa comum (C6, 2013, p.4).*

A ausência de uniforme em atividades teóricas de sala de aula pode estar relacionada com as dificuldades financeiras enfrentadas pela escola nos primeiros anos de funcionamento. Sabe-se que na EAN, padrão até 1949, as alunas recebiam uma ajuda de custo para “adquirir e manter seus uniformes íntegros, limpos, engomados e passados a ferro, numa demonstração de zelo e amor ao uniforme que deveria sempre ser respeitado e honrado” (PERES; BARREIRA, 2003, p. 30).

Já as professoras da EEHB deveriam vestir o uniforme de enfermeira diplomada, estipulado por sua escola de formação, conforme relato:

As instrutoras tinham o uniforme das escolas delas, de Belo Horizonte, da Escola Carlos Chagas (C2, 2013, p.4).

Tinha sim. O [uniforme] das professoras era de linho branco, mas não era igual ao nosso. Tinha uma professora lá da Anna Nery, Maria Helena Guedes. Ela usava um uniforme branco depois ela deu aulas de saúde pública também, usava o uniforme azul marinho (C1, 2013 p.10).

[...] cada professora usava um uniforme. Os uniformes das professoras eram diferentes, por exemplo, a Dona Umbelina era da Carlos Chagas (C5, 2013, p. 2).

Como se pode evidenciar, as professoras usavam o uniforme designado por sua escola de formação, o que representava uma referência identitária, mostrando às alunas da EEHB o sentimento de pertença à categoria de Enfermeira Diplomada, dando exemplo de que deveriam usar o uniforme de sua escola depois de graduadas.

Embora não fosse exigido um uniforme nas aulas teóricas, não era permitido o uso de qualquer roupa nas dependências da escola. O vestuário das alunas estava restrito ao vestido, saias e blusas, que deveriam seguir os padrões morais e estilo vigentes à época. Este vestuário consistia no uso de roupas mais sóbrias, tecidos mais rústicos e modelos inspirados nos uniformes dos soldados, com vestidos de duas peças, ou peças únicas, estilo acinturado¹⁰. Eram confeccionadas para serem mais práticas e proporcionarem maior mobilidade à mulher, que neste período já começavam participar de atividades que até então eram exclusivamente masculinas, assimilando novas condutas a partir do momento em que passam a auferir e gerir seus próprios salários (ALVES, 2000). Mesmo com a escassez de tecidos, as mulheres não andavam mal vestidas (SCHU, 2012), o que pode ser evidenciado na fala de uma aluna de 1961:

Era roupa comum. Não podia usar nem short nem calça comprida. Somente vestido (C6, 2013, p.4).

A proibição do uso de short e calças compridas era uma adequação aos costumes da época, que determinava regras para as roupas femininas, objetivando manter um bom padrão moral convivência em sociedade. Embora no final da década de 1940 a moda feminina já incluísse a calça comprida, este costume ainda não era comum em ocasiões formais e em regiões mais tradicionais.

É possível afirmar que muito antes do surgimento do conceito de gênero nos anos de 1970 e de seu emprego nos estudos de moda, a concepção de que as mudanças históricas, econômicas, sociais, culturais e políticas refletem-se nas aparências dos indivíduos e a ideia de que a roupa é um dos principais marcadores das distinções de

¹⁰ Cattelani descreve o estilo e sua relação com a época: “Os vestidos voltaram a apresentar silhuetas mais acinturadas ao final dos anos 40 e início dos anos 50. À medida que os soldados voltavam da guerra, as mulheres queriam mostrar suas curvas e cuidar da aparência. A bainha caiu da altura dos joelhos para a panturrilha e a cintura se tornou mais apertada para ressaltar a silhueta. Saias rodadas também eram usadas, criadas com tecido franzido para dar caimento e movimento ao vestido” (CATELLANI, 2010, p. 240).

gênero, mediante a produção de significados para os corpos como masculinos e femininos, estiveram presentes em diversas narrativas. (SIMILI, 2012, p. 122).

Dessa forma, observa-se que as alunas, ao se dirigirem às salas de aulas mantendo suas vestimentas particulares, participavam também do momento de construção de sua personalidade com vestuário próprio. Eram, em sua grande maioria, jovens e adolescentes em processo de formação, fase em que um conjunto de atitudes e práticas cotidianas passa a ser “incorporado pelo indivíduo para dar forma material à construção de uma identidade baseada na individualidade, a qual incorpora hábitos de vestir, comer, modos de agir e lugares de encontro.” (ZIMMERMAN, 2012, p. 2).

A vestimenta em sala de aula manteve-se semelhante aos anos iniciais da EEHB, como relatado por uma aluna da década de 1970:

Na sala de aula não tinha uniforme. Só que as pessoas não podiam usar bermudas. As meninas não podiam usar calça curta, saias curtas. Mas não tinha nada que atrapalhasse em relação a isso (C16, 2014, p. 2).

Mesmo não sendo obrigatório o modelo de vestimenta frequentar as salas de aula, as alunas da EEHB mantinham comportamento e disciplina exemplares, visto que, no próprio dizer de algumas colaboradoras, não se discutia se a roupa estava curta ou comprida. A atitude esperada de uma aluna do Curso de Enfermeira era que se vestisse de maneira apropriada, de forma a não expor demasiadamente os contornos corporais. Esse comportamento era cobrado pela sociedade vigente no período, bem como fazia parte da construção de uma imagem positiva da enfermeira em Juiz de Fora.

1.1.2 Uniforme Hospitalar

Após o período de teorização e aprendizado em sala de aula, as alunas eram encaminhadas para as atividades práticas nas enfermarias da SCM-JF, onde as atitudes profissionais eram aprimoradas no cotidiano da prática assistencial. Neste momento, passavam a utilizar o uniforme instituído pela escola, composto de vestido branco aberto na frente, com botões até a cintura, e saia *evasê*¹¹, de comprimento até o joelho.

O vestido que compunha o uniforme para uso em campo prático hospitalar “era branco e impecável”. Completava este vestuário: “sapato com salto baixo, meias brancas, rede e

¹¹ “[...] palavra originada do francês *évasé*, referindo-se ao corte das roupas que se abrem na parte inferior. Conhecida como saia em A, a saia *evasê* começa justa e ganha amplitude na parte inferior (CATELLANI, 2010, p.255).

touca nos cabelos” (ARAÚJO, 2004, p.86) e um avental também branco. Detalhes deste uniforme foram descritos pelas alunas da primeira turma de enfermeiras da EEHB:

[...] O uniforme era um vestido inteiro, de fustão branco, aberto na frente com [...] botões, com bolso, de manga curta. Na manga tinha o sinal do ano que a pessoa estava cursando. Eram três sinais porque o primeiro ano já contava, sendo o comprimento abaixo do joelho (C2, 2013, p. 2).

A gente usava um vestidinho branco, com bolso lateral, tinha uma listra azul marinho na manga de acordo com o período, ano que estava cursando. Eram três listras equivalentes aos anos estudados. O sapato era branco. A meia era branca (C3, 2013, p.2).

O uniforme era aberto na frente, de manga curta. Sapatos Brancos, sempre fechados. A meia era de seda branca. O comprimento do vestido era abaixo do joelho. Era de acordo com a moda da época. [...] Cobria o joelho de todo mundo. Tinha um avental por cima (C1, 2013, p.2-3).



Designer: Aline Costa

Desenho nº 1: Uniforme hospitalar das alunas da EEHB de 1947 a1965.

Fonte: Aline Designer

As listras na manga do vestido da aluna eram um sinal de hierarquia institucional escolar. Indicava o ano cursado, além de identificar a instituição, pois diferenciava o uniforme da EEHB dos uniformes de outras instituições, a exemplo da EECC, que ao invés de listras tinha uma braçadeira com a Cruz de Malta na manga do vestido (NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1999). Estas diferenças eram a marca da identidade das alunas da EEHB, embora aspectos semelhantes, como o comprimento e a sobriedade fossem guardados por todos os outros modelos adotados pelas escolas de enfermagem da época, como a EECC e a EAN.

O avental¹² complementava o uniforme hospitalar, sendo usado por cima do vestido. Porém, sua utilização ocorria apenas nas práticas de assistência de enfermagem, servindo de proteção durante o desenvolvimento das atividades pelas alunas. A peça era confeccionada em tecido branco de cretone¹³, sem manga, transpassado na frente e abotoado na parte de trás:

[...] o avental era branco também. De cretone (C4, 2012, p.1).

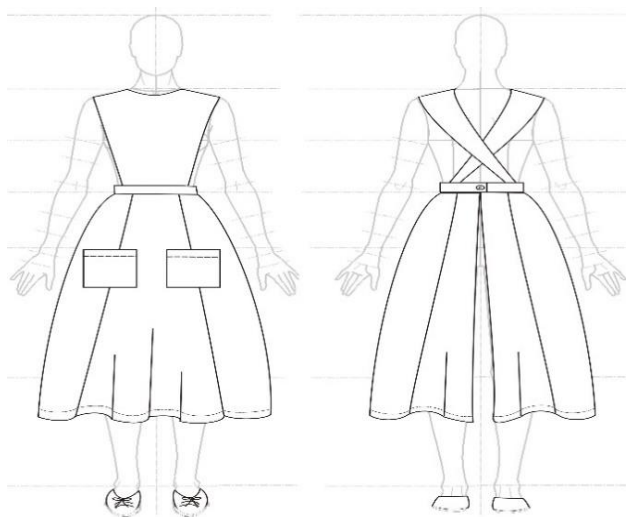
Tinha um avental branco em cima do uniforme. Abotoava atrás no pescoço e na cintura (C1, 2013, p.2).

Outra aluna do ano de 1959 assim descreve o uniforme hospitalar:

O uniforme da escola constava de um vestido de fustão branco tipo evasê [a saia]. O comprimento era bem abaixo do joelho. Meias brancas e sapato branco e um avental que cruzava atrás (C5, 2013, p.3).

Uma aluna do ano de 1954 fez um esboço do avental com o abotoamento somente na altura da cintura (Desenho nº 2), detalhe confirmado por outras três colaboradoras.

A pesquisa utiliza referencial validado pelo que Barthes (2009) chama de “vestuário escrito onde a roupa e seus acessórios são descritos verbalmente” (BARTHES, 2009, p 21). Em uma aproximação com a descrição oral do avental, chegou-se ao seguinte modelo:



Designer: Aline Costa

Desenho nº 2: Avental usado pelas alunas da EEHB de 1947 a 1965.
Fonte: Designer Aline Costa, 2013.

¹² “Chama-se avental tanto a peça que protege as roupas durante o trabalho como a que nela se inspire. Pode-se dizer que é uma das peças mais antigas do vestuário. Usada desde a época da civilização egípcia, permanece intocável até os dias atuais.” (CATELLANI, 2010, p. 8).

¹³ “Termo derivado do francês *cretone*, vindo do topônimo Creton, aldeia da Normandia onde teria surgido o tecido, no Séc. XVI. Constituída de uma tela de algodão, linho ou mescla de fibras branca ou estampada, que apresenta grande resistência. Muito usada em colchas ou roupas femininas.” (CATELLANI, 2010, p. 628).

Relacionada à cor branca dos uniformes de enfermeiras, Salgueiro ressalta que:

Pouco a pouco o vestuário escuro, passa a ser a claro, um vestuário limpo, passa a impor-se tal como as condutas higiénicas. A limpeza torna-se agora um valor essencial. [...] o vestuário obedece a uma corrente higiénica, a uma imagem dos valores morais e democráticos (SALGUEIRO, 2000, p.81).

A cor branca instituída nos uniformes hospitalares das enfermeiras diplomadas no Brasil, a partir da década de 1920, apresenta variações no transcorrer de sua trajetória histórica pelo país, mas permanece sendo predominante nos dias atuais, como forte signo para enfermeiras e demais profissionais na área da saúde, sendo-lhe atribuída referências à pureza, clareza, higiene e paz. Pois, a cor branca é associada ao desprendimento, esperança, confiança, frescor e limpeza, meditada como símbolo da espiritualidade, inocência e da virgindade, também chamada de cor da luz, pois reflete todas as cores do espectro (CUNHA, 2004 *apud* FARINA, 1990; BECK *et al*, 2007).

As cores sempre fizeram parte da vida do ser humano, ganhando no transcorrer da história da humanidade significações e associações das mais variadas, se configurando como signos em determinadas sociedades e culturas. Assim,

[...] na imensa gama de cores, desde as oferecidas pela natureza, como o azul do céu, até as oferecidas pelo homem por meio das produções visuais artísticas ou comerciais, demonstra como este vive em um mundo cercado de cores. [...] A cor fornece sentidos e interpretações diferentes. Conhecemos, então, a cor no meio ambiente, como nas árvores, na terra e no céu, sendo estímulos comuns, aos quais associamos significados; e ainda, vemos as cores como significados, símbolos construídos pelo homem, pela sua história e experiências (PEREIRA; FERREIRA, 2011, p.23).

As colaboradoras descreveram com minúcias o uniforme utilizado na escola, e de detalhes como, por exemplo, a manga curta, a saia *evasê* e o avental com abotoamento nas costas. Esta descrição “torna possível o desvendamento de acordo com certa ordem, e esta ordem implica inevitavelmente em certos fins” os quais, sem os recursos da linguagem, não seriam compreensíveis (BARTHES, 2009, p.39).

É perfeitamente funcional a ênfase dada pela língua a certos traços indumentários ao nomeá-los; a descrição não tem em vista isolar certos elementos para louvar seu valor estético, mas simplesmente tornar inteligível de uma forma analítica. [...] A descrição então, possibilita orientar a percepção da imagem (BARTHES, 2009, p. 40).

Os uniformes utilizados na EEHB também estavam carregados de simbolismo e tradição. Acompanharam os uniformes da primeira escola de enfermagem considerada modelo no país (EAN), que formava enfermeiras posteriormente indicadas ou enviadas para outras escolas em fase de abertura, com intuito de difundir a enfermagem no país, assim como

para consolidar o padrão de ensino instituído pelas enfermeiras norte-americanas, e incorporado pelas enfermeiras no Brasil.

Fazia parte do uniforme da EEHB acessórios como relógio de pulso com ponteiros de segundos; sapatos brancos, fechados na frente, meias brancas opacas e touca branca.



Foto nº4: Cerimônia de formatura na EEHB - Ano de 1957.
Fonte: Acervo pessoal de Rachel Audebert Delage.

Na foto nº4 observam-se dois tipos de touca. A touca de aluna (destacada em verde) cobria toda a cabeça, estendendo-se pela nuca e ombros, à semelhança de um véu religioso, apresentando três ou quatro pregas no alto da cabeça, de forma a ficar mais ajustada. A touca da diplomada (destacada em vermelho), que era colocada na parte posterior central da cabeça, e feita de tecido de organdi. A diferença nos modelos das toucas é bem evidente, e funcionava como sinal de distinção hierárquica. Estas diferenças nos modelos foram descritas pelas colaboradoras:

A touca da aluna, não era véu. Tinha umas pregas na parte frontal e caía na região posterior, abaixo dos ombros “como um rabinho” [...]. A touca da formada era uma toquinha muito engraçadinha! O tecido era organdi. Era bem bonita (C1, 2013, p.4).

A touca [da aluna] era arredondada. Uns trinta centímetros abaixo do pescoço, caindo para trás. Tinha um babadinho na frente, ou melhor, um pregueado (C, 2013, p.3).

Logo, comparando-se as toucas destacadas na foto nº 4, evidencia-se que o modelo portado pela enfermeira diplomada era arredondado enquanto a touca da aluna era semelhante a um véu. Uma aluna de 1950 relatou que as professoras que estudaram na EECC, quando alunas, usavam a touca no modelo instituído por esta escola, que era tipo véu:

Dona Celina quando veio de Belo Horizonte, juntamente com D. Aracy e D. Umbelina usavam o véu. Elas usavam um tipo de véu (C1, 2013, p.4).

Na foto nº 5, é possível evidenciar durante a cerimônia de formatura, a diferença da touca da diretora da escola (destaque em verde) da touca da aluna que estava se formando (destaque em vermelho). A diretora usava a touca de sua escola de formação enquanto a aluna utilizava a touca de enfermeira diplomada instituída pela EEHB, possibilitando uma distinção e identificação das enfermeiras na cidade de Juiz de Fora, que informava a escola de formação de cada uma.

É possível observar também que a aluna formanda está recebendo das mãos da diretora uma lâmpada, posteriormente usada no momento do juramento em alusão a Florence Nightingale, alcunhada de “A Dama da Lâmpada”.



Foto nº5: Entrega da Lâmpada em Cerimônia de Formatura - Ano de 1959.
Fonte: Acervo pessoal de Rachel Audebert Delage.

A touca, desde a implantação da Enfermagem Moderna no Brasil, foi um dos símbolos da profissão, com um significado intimamente ligado aos valores religiosos, como distinção, recato, sobriedade, compromissos exigidos para o exercício da atividade (PERES; BARREIRA, 2003).

Nesse sentido, a touca era um acessório que compunha o uniforme utilizado pelas alunas durante as atividades práticas, estágios e nas solenidades da escola. Como símbolo da enfermagem, também permitia, como característica funcional, manter os cabelos presos, numa denotação do zelo com a higiene; entretanto, era também uma forma de minimizar os atributos femininos presentes nos cabelos das mulheres, que concentram vários significados:

“Os cabelos são a mulher, a carne, a feminilidade, a tentação, a sedução, o pecado.” Os cabelos femininos se configuram como importante elemento cultural (PERROT, 2007, p.55).

Ainda em relação à touca adotada no uniforme da EEHB, os depoimentos a seguir mostram a insatisfação das alunas de então quanto ao seu uso, relatando a dificuldade de manter o acessório, engomando e passando. No entanto, no entendimento das alunas, o que era mais incômodo era o formato da touca, que, segundo informam, as deixavam parecidas com religiosas, semelhança essa que as inquietava.

A gente ria porque nós não gostávamos muito da touca, não! Parece que a gente estava com um “pegador de borboleta”. Não gostávamos por causa da ponta comprida que caía sobre os ombros e também porque a gente ficava parecendo freira. Tinha algumas congregações que a touca era muito parecida e a gente não queria ficar parecendo com as freiras (C1, 2013, p.4).

A touca era comprida, parecia com as irmãs de caridade [...] a gente não gostava muito de usar (C3, 2013, p.4).

A formação profissional de enfermeiras no sistema de ensino *nightingaleano* trouxe uma distinção entre o cuidado pré-profissional, realizado majoritariamente por religiosas e o cuidado profissional, nascido laico.

No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, ocorreu a implantação de uma nova identidade de enfermeira não religiosa, apesar da religiosidade se encontrar presente entre as primeiras líderes da enfermagem brasileira. A fala das colaboradoras sobre o desconforto que sentiam ao se tornarem semelhantes, por uma peça do vestuário (a touca), às religiosas, comprova que o modelo profissional laico já estava se consolidando no país, e a identidade das alunas já se construía por distinção à prática da enfermagem religiosa.

Com o passar dos anos, as alunas da EEHB permaneciam questionando o uso da touca, conforme pode ser constatado no fragmento do depoimento de uma aluna da década de 1960:

*Eu lembro que a gente não gostava da touca: A gente preferia trabalhar sem ela. **Mas era obrigatório! Não se discutia. Usei o tempo todo! Três anos!**[ênfase da entrevistada] Nunca deixamos de usar. Não podia. (C6, 2013, p.2).*

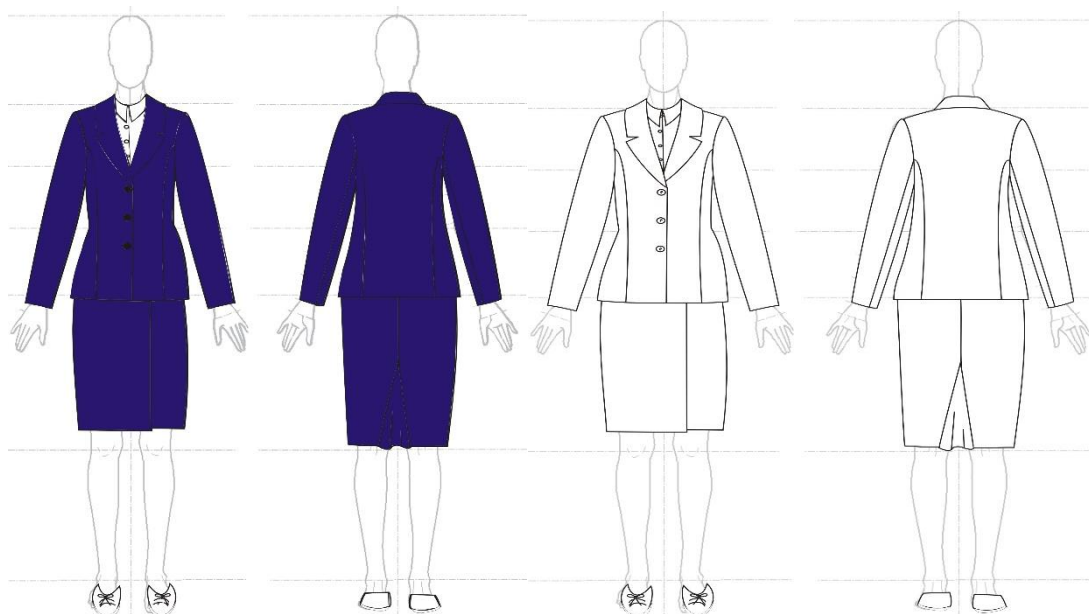
As toucas utilizadas pelas alunas da EEHB se assemelhavam as toucas das alunas do curso geral da EECC, na década de 1940, que também se assemelhavam ao véu utilizado pelas religiosas (NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1999). O sentimento que as ex-alunas da EEHB demonstram é de que não queriam ser confundidas com freiras. As alunas acreditavam que a supressão ou mudança no modelo da touca por elas utilizada as colocaria em situação de distinção, como alunas de uma escola laica. É importante destacar que, até aquele momento, na cidade de Juiz de Fora, não havia outras escolas para formação de

enfermeiras. Há registros sobre a possibilidade de retirada da touca na EECC de Belo Horizonte, onde as alunas também se constrangiam com o acessório, argumentando que, pelo fato de não ser lavada com regularidade constituía “uma fonte de contaminação” (NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1999, p. 164 *apud* SILVA, 1999 Fita 1 Lado B).

Mesmo diante dos questionamentos em relação à touca, inclusive no diretório acadêmico da EEHB, não se tem registro de alteração das mesmas até o ano de 1965 (ARAÚJO, 2002, p.85). Logo, a touca como acessório do uniforme da EEHB foi mantida durante quase vinte anos como um importante símbolo da enfermagem, apesar da inquietação demonstrada pelas alunas para a modificação do modelo ou retirada da mesma.

1.1.3 Uniforme de Saúde Pública

Para as atividades práticas de saúde pública, até meados de 1967, o uniforme das alunas da EEHB se compunha de saia e blazer originalmente na cor azul marinho, blusa branca, meias da cor da pele e sapatos pretos, conforme descrevem as alunas e de acordo com a ilustração a seguir.



Designer: Aline Costa

Designer: Aline Costa

Desenho nº 3: Uniformes de saúde pública das alunas da EEHB de 1947 a 1965.
Fonte: Designer Aline Costa, 2014.

O lado direito do desenho nº 3 visualiza melhor os detalhes da roupa, como o modelo de saia justa, estilo envelope, mais ajustado ao corpo do que o uniforme utilizado nas práticas hospitalares. Na parte posterior da saia, saindo da altura dos quadris até o joelho, uma

abertura (prega macho¹⁴) permitia o alargamento da roda da saia acima dos joelhos. Esta abertura (prega) dava às alunas maior flexibilidade de movimentos, como subir escadas e fazer caminhadas, atividades frequentes durante as visitas domiciliares.

Neste sentido:

A variação de ajuste tem a função de significar o grau de adesão da roupa ao corpo. [...] O corpo é então o núcleo e a variante. Expressa uma pressão maior ou menor sobre ele. A unidade final da variante está em suma no nível da sensação cenestésica. Seu princípio é a alternância significativa entre apertado e frouxo, sufocamento e relaxamento (BARTHES, 2009, p. 187-188).

A descrição detalhada do uniforme utilizado nas atividades de saúde pública mostra uma blusa semelhante a uma camisa, de cor branca, com manga curta e gola esportiva, aberta na parte da frente e abotoada. O blazer tinha cor azul marinho, gola tipo colarinho, aberto na frente e com botões (as colaboradoras não souberam precisar o número certo); meias de seda cor da pele, sapatos pretos fechados e uma maleta na cor preta compunham o conjunto do uniforme. As colaboradoras não fazem menção a nenhum acessório utilizado na cabeça, porém os cabelos deveriam ser mantidos alinhados.

[...] blusa branca, saia justa, azul marinho com um machinho atrás ou uma abertura e um blazer também na cor azul marinho. Sapato abotinado, preto e meia cor da pele. Na cabeça não usávamos nada (C9, 2013, p.9).

A gente fazia estágio na saúde pública com uma “sainha” azul marinho e blusa branca (C6, 2013, p. 6).

Assim também descreveu outra aluna que foi posteriormente professora da EEHB e da Faculdade de Enfermagem, após a criação deste curso na UFJF:

Blusa branca, camisa curta, saia azul marinho, até o joelho. Uma maleta preta que a gente levava com vários instrumentos que poderiam ser necessários no atendimento, até mesmo no nascimento de um bebê. Tinha a cuba com a tesoura. Tudo muito organizado. [...] a gente ia para a visita domiciliar com aquela maleta (C9, 2013, p.3).

Compondo o uniforme no período do inverno, as alunas utilizavam blusa de frio, não sendo exigido um modelo padrão, porém, a cor deveria ser branca, como descrito por uma aluna de 1965:

Tinha que ser blusa de lã branca. Podia vestir blusa de frio, mas branca! Fazia bastante frio naquela época (C9, 2013, p.1).

¹⁴ A prega macho também conhecida por prega “box” é uma abertura que possui duas dobras idênticas e viradas para dentro, como se fosse uma caixa (CATELLANI, 2010, p. 604).

As atividades desenvolvidas pelas alunas no estágio em saúde pública da EEHB se assemelhavam àquelas realizadas pelas enfermeiras da área em outras regiões do país. O estudo a seguir distingue as atividades pertinentes à profissão.

As enfermeiras realizavam duas espécies de visitas domiciliares. A primeira era do tipo vigilância, em que elas davam conselhos e instruções de higiene e de profilaxia, sem prestar cuidados diretos; e a segunda era do tipo cuidado, que consistia de diversos serviços realizados pela enfermeira em domicílio, em relação ao doente, adulto ou criança, relacionados à higiene, exame físico, preparo de alimentação e outras atividades pertinentes aos cuidados prestados; essa última era conhecida como visita de cuidado (DESLANDES *et al*, 2013, p. 415).

Relacionadas às atividades práticas desenvolvidas na área da saúde pública, os relatos informam que a maleta fazia parte dos acessórios utilizados no uniforme das alunas da EEHB. Este acessório era semelhante à “[...] maleta de urgência que acompanhava as alunas da EECC em suas visitas domiciliares” (NASCIMENTO, SANTOS e CALDEIRA, 1999, p.157), não havendo menção a chapéu ou braçadeira, comuns ao uniforme das enfermeiras de saúde pública de outras escolas.

Não foi possível se chegar à data precisa em que o uniforme de saúde pública foi suprimido, sabendo-se, porém, que foi utilizado entre os anos de 1964 a 1967.

1.2 COTIDIANO DAS ALUNAS NA EEHB: a disciplina como fator de construção das identidades institucional e profissional

1.2.1 Fatos que permearam o cotidiano na EEHB

Dentre as características da EEHB estava o funcionamento em regime de internato e o uso de uniformes pelas alunas e professoras, ambos influenciados ao longo dos anos pelas questões administrativas e financeiras vividas pela escola, e que foram narradas pelas colaboradoras.

As candidatas que ingressaram no Curso de Enfermagem da EEHB participaram de processo seletivo que contou com provas de português, matemática e história. Outros requisitos considerados importantes para o exercício da profissão de enfermeira e incluídos na seleção foram: “diploma de ginásio, exame de saúde, atestado de sanidade física e mental, além de exames de sangue” (ARAÚJO, 2004, p.360).

A primeira turma contava com alunas que já trabalhavam na enfermagem, a exemplo de uma atendente de enfermagem na Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora (SCM-JF), instituição conveniada com a EEHB para as atividades de estágio na época.

Então a D. Celina ofereceu bolsa de estudo a duas outras (atendentes). Elas rejeitaram e ofereceram vaga para nós. Eu e a Yolanda Grossi (C1, 2013, p. 2).

Pode-se perceber que a diretora também convidava moças que trabalhavam como atendentes na enfermagem para fazer o curso, inclusive disponibilizando bolsas de estudo. Provavelmente, as que eram convidadas tinham atributos considerados como favoráveis e compatíveis com o perfil identitário almejado pela instituição para diplomarem-se como enfermeiras. Conforme descreveram Woodward (2000) e Dubar (2005), as identidades são mutáveis e podem ser produzidas em momentos particulares no tempo, através da intersecção de componentes políticos, culturais e históricos.

É importante destacar que, no final da década de 1940 e início da década de 1950, já existia um incentivo para a capacitação dos profissionais da área da enfermagem. O fato se deveu à carência de recursos humanos qualificados para o atendimento das demandas na área da saúde, impostas pelo aumento da população urbana e pelas epidemias ocorridas no período, como o sarampo e a poliomielite (BARATA, 2000). Nesse sentido, com o processo de liberação das mulheres, observa-se que a profissão de enfermeira passou a constituir-se em um estímulo, devido à expectativa de inserção no mercado de trabalho, tornando-se uma estratégia importante para a emancipação feminina (BARREIRA; SANTOS, 2008).

Sobre o interesse e ingresso no curso da EEHB, relatou uma aluna admitida no ano de 1969:

Eu estava formando no ginásio. Então, numa palestra nós éramos muitas alunas e ela [D. Celina] nos convidou para a gente vir fazer o vestibular. Estudar na EEHB. Queria ir para a Escola Ana Nery, pois a minha tia tinha estudado lá. Aí parei no meio do caminho. Nós viemos para Juiz de Fora. A D. Celina nos convenceu a fazer o Curso de Enfermagem. Várias colegas vieram para Juiz de Fora fazer o curso. Excelentes enfermeiras (C12, 2013, p.1).

Estou me lembrando [...] um fato me despertou o interesse pela profissão. Eu morava em Visconde do Rio Branco, estava na Escola Normal, na quarta série do ginásio. Lembro-me que a D. Celina foi fazer uma palestra para nós, entendeu? Falando sobre a enfermagem (C14, 2013, p. 10).

Nos extratos supracitados das entrevistas, percebe-se que Celina Viegas, durante a sua gestão como diretora, nunca deixou de sensibilizar moças para o Curso de Enfermagem na EEHB, através de palestras proferidas para estudantes do curso ginásial e normal, usando sua capacidade intelectual e imagem profissional como estratégias de convencimento e de conscientização sobre a profissão de enfermeira na sociedade de Juiz de Fora. Esta experiência provavelmente foi aprendida por D. Celina enquanto aluna da EECC, com as primeiras diretoras da escola, que faziam várias viagens para o interior de Minas, promovendo

a escola e divulgando a profissão de enfermeira (NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1999).

As estratégias de divulgação da profissão de enfermeira e de convencimento das moças da sociedade a se matricularem no curso eram aplicadas desde a criação da EAN. Um registro do ano de 1935 informa que a direção da instituição promoveu um chá com as diretoras das escolas secundárias no Rio de Janeiro, posteriormente realizando o evento “Demonstração sobre Arte de Enfermagem” para alunos e professores. Estas estratégias envolveram o Colégio Bennett e Pedro II, instituições de ensino secundário consideradas de alto padrão de qualidade, tanto no ensino quanto na disciplina, frequentadas pelas classes mais abastadas da sociedade carioca (SANTOS, 2002, p. 122). O rigor e a ordem disciplinar eram requisitos exigidos das futuras alunas das escolas de enfermagem, compatíveis com o perfil exigido para a profissão. Então, nada melhor do que captar futuras alunas em escolas bem conceituadas.

Entre os anos de 1947 e 1954, o currículo do Curso de Enfermeiras da EEHB era constituído por um ciclo básico e um avançado, com quatro anos de duração, conforme legislação. No entanto, a aglutinação com o período de férias, intensificou o curso, que passou a ser desenvolvido em um período de três anos, sendo preenchida toda a carga horária necessária à sua conclusão, conforme lembra uma colaboradora:

Naquela época [1965] o curso correspondia a três anos cronológicos e quatro anos didáticos. A gente tinha as férias reduzidas. Uns dias, no máximo um mês, no fim do ano (C8, 2012, p. 2).

Esta redução do período de férias acontecia em função do compromisso mantido pela direção da escola com as alunas para estagiarem nas enfermarias da SCM-JF, ou seja, enquanto concluíam seus estudos também auxiliavam no serviço de enfermagem do hospital, fato que foi registrado à época, em jornal de grande circulação na cidade (DIÁRIO MERCANTIL, 1965).



Figura nº 1: Matéria Jornalística da Primeira Formatura da EEHB, 1965.
Fonte: Acervo de Amenartas Sofia Gabriel.

Na matéria jornalística intitulada “*Escola que vive o exemplo edificante de Florence Nightingale em nossa cidade*” se lê:

A EEHB de Juiz de Fora, pertencente à Secretaria da Saúde do Estado de Minas Gerais, é subordinada à Diretoria de Serviços Especiais, tem por finalidade a formação de enfermeiras de nível superior que atualmente apresenta 20 alunas matriculadas num curso com duração de quatro anos letivos. Possui ainda os cursos de Auxiliar de Enfermagem, com dois anos de duração; Curso de Coordenadoras Escolares de Saúde cuja duração é de quatro meses e Curso de Auxiliar de Higiene Dentária. Tem seu ensino teórico acompanhado de ensino prático, ou seja, a administração de cuidados de enfermagem a doentes, supervisionadas pelas professoras de cada especialidade no horário de 7 às 12h de segunda a sexta feira.

Como primeira escola de enfermagem da cidade de Juiz de Fora, a EEHB acompanhou os preceitos da Enfermagem Moderna e teve como referência principal a criação do Sistema *Nightingale* de ensino, reconhecido como marco referencial e conceitual da enfermagem no mundo. O fato foi valorizado pela imprensa de Juiz de Fora, ao registrar a presença das alunas do curso de Enfermeiras e do Curso de Auxiliares de Enfermagem nas dependências da SCM-JF, local de atividades práticas da EEHB.

A EEHB iniciou suas atividades para a formação profissional das alunas do Curso de Enfermagem enfrentando inúmeras dificuldades de infraestrutura, como se pode observar na descrição da enfermeira, ex-aluna da primeira turma da escola:

A escola começou com uma dificuldade tremenda. [...] Veio a D. Celina e as outras duas [Aracy Sette Câmara e Umbelina Goulart] para fundar a escola, buscando apoio com médicos renomados de Juiz de Fora. [...] Eles que ajudaram a levantar a escola e o prédio de aluguel para o Estado pagar. A escola funcionou num prédio na Rua Floriano Peixoto que tinha três pavimentos. Moramos ali e depois nós fomos para o bairro Alto dos Passos. [...] houve muita dificuldade. Para elas [as primeiras dirigentes] e para nós também (C1, 2013.p.05).

A colaboradora aponta as dificuldades financeiras atravessadas pela EEHB, mas também o interesse especial das primeiras dirigentes e dos médicos de Juiz de Fora para que a escola fosse implantada, o que também foi vivenciado pelas alunas.

Tais dificuldades permaneceram nos anos seguintes (década de 1950) levando as dirigentes e alunas a desenvolverem estratégias para a sustentação da escola, conforme relatos a seguir:

Na época a D. Celina comprava as coisas com o dinheiro dela. Esperava vir dinheiro [do estado] para repor o que havia gasto na escola de seu ordenado (C1, 2013, p. 7).

[...] o Estado é que mandava o dinheiro. A diretora era tão boa que, quando atrasava [o pagamento] ela pegava o dinheiro do ordenado dela e fazia as despesas da escola. [...] quando algum empregado ia embora, uma das alunas ia para a cozinha (C2, 2013, p.04).

Conforme descrito pelas alunas, fica evidente que a diretora buscava manter a escola aberta, procurando sustentar seus ideais, com o firme propósito de levar adiante a tarefa de manutenção dos cursos, mesmo que isso implicasse temporariamente no custeio próprio. É possível fazer um paralelo com a EECC, onde, na década de 1930, foram encontrados registros sobre os problemas estruturais e financeiros que assolaram a instituição, e que exigiram o empenho das dirigentes para manter as alunas em regime de internato (NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1999).

As alunas, a escola e a educação se configuravam para a diretora como estímulos diante dos momentos conflitantes. Celina Viegas, que desejou ser religiosa em sua juventude, transferiu sua paixão para a enfermagem. Para ela, a enfermagem era assim: “[...] se você não gostar você não aguenta; tomar conta de doentes é muito difícil. Ninguém fica na enfermagem se não gosta; se gosta fica até morrer. A enfermagem foi a coisa melhor da minha vida” (CALDEIRA; QUEIROZ; BAGAGLIA, 1996, p. 4).

Convivendo em regime de internado, as alunas compartilhavam de toda a dinâmica de uma instituição. Particularmente relacionada à alimentação, obteve-se o seguinte relato de uma aluna da década de 1960:

Claro que a comida não era lá grandes coisas, mas não faltava. Era farta [...] Aos domingos, por exemplo, como era folga dos empregados, eles serviam um lanche bom para a gente. Tinha umas coisas diferentes neste lanche. Tinha frutas e tal (C6, 2013, p.6).

É conveniente registrar que as alunas entrevistadas, ao falarem destes episódios, não demonstraram tristeza ou sentimentos negativos. Falam com certa nostalgia daquele tempo em que eram valorizados comportamentos visando à economia e redução do desperdício para

o funcionamento da escola. Uma das ex-alunas, também da década de 1960, relata um episódio pitoresco em relação aos fatos supracitados.

Lembro-me de uma fase em que o estado não mandou feijão. E o papai como tinha comércio lá em Leopoldina, falou que ia mandar feijão para mim. Respondi que não seria possível, pois era feijão para a escola toda. Era muito feijão! Era muita gente! Ele não tinha como mandar feijão para a escola toda! [...] Tivemos crise, mas ela era muito econômica [Dona Celina]. Como muitas de nós viemos de cidades pequenas, não tinha estas facilidades de hoje, eram coisas que a gente enfrentava sem muitos problemas. [...] Ela observava para ninguém desperdiçar alimentos. Se a sobremesa era fruta e estavam quatro na mesa, eram quatro frutas que se coloca na mesa! Não era aquela fartura! Mas ninguém passou necessidades! Era um período muito bom! Muito Bom (C9, 2013, p.5).

A partir do relato, fica demonstrado que as alunas contavam com alimentação adequada na escola, que atendia às suas necessidades nutricionais, embora o cardápio não fosse tão variado. Com o transcorrer do tempo o fornecimento da alimentação no internato foi sendo revisto na EEHB, e mediante a permanência das dificuldades, uma aluna da década de 1970 relata:

No início nós tínhamos moradia e alimentação. [...] no final a alimentação foi cortada. Aí então passamos a fazer nossas refeições no restaurante universitário [da UFJF], que era pertinho da escola (C12, 2013, p.4).

As questões relativas à alimentação, moradia e ao cotidiano, vivenciadas pelas alunas do Curso de Enfermagem da EEHB, em muito se assemelhavam àquelas vividas dentro de seus ambientes familiares, apresentando fatores facilitadores e dificultadores que enriqueciam sua formação humana e profissional. Esses fatores são necessários ao processo de amadurecimento do ser humano (DUBAR, 2005).

Seguindo as exigências da lei de equiparação, a EEHB manteve regime de internato desde a sua criação, possibilitando, dessa forma, que alunas de outras regiões viessem estudar na escola, se profissionalizando e favorecendo a expansão do número de enfermeiras diplomadas no país. Esse fato é assim retratado no trecho de uma das entrevistas que se segue:

Tinha muitas colegas de fora. De Goiás, da Bahia. Tinha muita gente da divisa de Minas com a Bahia. Aquelas cidades que eram bem distantes, que a gente nem sabia. Tinha gente de todo lugar [...] até chegaram umas haitianas, para fazer o curso, mas não ficaram na minha turma. Não se adaptaram e foram embora do Brasil. Eu não sei como elas descobriam a escola (C6, 2013, p.9).

Nos anos em que a EEHB esteve em funcionamento, destarte as dificuldades, sua sede esteve localizada em vários imóveis da cidade, que acomodavam apropriadamente tanto o alojamento das alunas como a escola propriamente dita. A primeira sede foi uma casa localizada na Rua Floriano Peixoto, no centro de Juiz de Fora. Posteriormente, a escola foi

transferida para outra sede, um prédio de dois andares localizado também no centro da cidade, próximo à SCM-JF, campo prático da escola. Conhecida como Casa Verde, esta sede permaneceu como dependência da escola até que a mesma conseguisse uma sede definitiva, o que ocorreu no dia 1º de janeiro de 1967 (ARAÚJO, 2002). A EEHB, nos anos em que se manteve ativa, passou por três sedes, todas localizadas na área central da cidade, abrigando preferencialmente alunas que não residiam na cidade.

Para incentivar a formação de enfermeiras e para ajudar a manter uma parte das alunas, eram fornecidas bolsas de estudo para subsidiar o curso e a moradia, que segundo relato de uma colaboradora, atendia satisfatoriamente às expectativas:

Eu fui interna. [...] era bolsista, morava na escola e recebia duzentos reais de bolsa [dinheiro de hoje]. Encontrei uma boa escola, encontrei uma boa mãe e encontrei colegas muitos bons. Tive uma vida muito boa lá (C2, 2013 p.4).

Aí terminava o estágio por volta de meio dia. Descia, trocava a minha roupa e ia para a sala de aula. Porque a aula começava às 13 horas. A maioria, quase todas as nossas aulas eram dentro da escola. Nas duas casas (C6, 2013, p. 7).

Observa-se que a moradia das alunas era na própria sede da Escola. Em 1950, quando a escola mantinha duas casas próximas uma da outra, a Casa Verde e a Casa Amarela, as aulas eram ministradas em ambos os prédios, porém, somente uma casa funcionava como residência de estudantes. Nota-se, na década de 1950, uma peculiaridade em relação às cores das casas dos internatos nas escolas e a forma como as alunas se referiam às mesmas, o que era semelhante na EECC, onde a residência era chamada como “a casa amarela da serra” (NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1999, p. 98).



Foto nº6: Primeira Sede EEHB - Ano de 1947
Fonte: Toledo *et al*, 2008.

Uma das alunas, que era funcionária do Estado, foi liberada do serviço para estudar e, com seu salário, custeava os estudos:

Eu pagava a escola porque eu já era funcionária do Estado. Eu não dependia de nada da escola. Tinha alunos que estavam fazendo o curso para trabalhar. Eu já trabalhava. Eu já estava nomeada pelo estado de Minas Gerais. Foi só pegar o meu vencimento e colocar à disposição da escola. Então eu pagava tudo na escola (C3, 2013, p. 2).

Desta forma, a EEHB mantinha tanto alunas bolsistas quanto pagantes, numa estratégia de gerenciar os custos da escola e diminuir os gastos. As colaboradoras apontaram que o empenho do corpo docente e discente da EEHB não era apenas em relação à garantia de alimentação, mas também quanto à aquisição de mobiliário para o internato:

Não tinha mesa para a gente fazer as refeições. A gente almoçava em mesa improvisada e os guarda-roupas eram feitos de restos de madeira. Tinha um senhor, de nome Toti, era um serviçal que trabalhava na escola. Ele pegava as tábuas que vinham nos birôs, improvisava e fazia algum móvel para nós. Até as professoras penduravam as roupas (C1, 2013.p.05).

Fica evidenciada na fala supracitada, a flexibilidade da EEHB para improvisar diante das adversidades e se estruturar em relação à parte material, demonstrando o interesse e esforço das alunas e da direção em manter a escola em funcionamento.

1.2.2 Aspectos da disciplina institucional

Da década de 1940 a 1950, período em que as primeiras enfermeiras foram diplomadas na cidade de Juiz de Fora, a EEHB exigia das alunas um austero modelo de comportamento, condizente com a imagem de um grupo moralmente correto. O fato pode ser confirmado nos seguintes relatos:

Muito rigorosa. A escola tomava conta da gente. Eles me vigiavam muito. Acho que eu era namoradeira. Fui a primeira a namorar. Fui a primeira a casar. Dona Celina me vigiava (C3, 2013, p.5).

A escola era famosa. Muito famosa. As meninas (alunas) eram muito reguladas. Não podia sair para namorar. Não era fácil não! Viviam no internato. Para ir a uma festa tinha que ser acompanhada por uma professora. Daí a exigir de toda uma postura, um comportamento, para que não fossem difamadas (C28, 2013, p.4).

Nós tínhamos horário para entrar. Após as 22h se não chegássemos, a porta estava fechada. Nós tínhamos uma senhora que se chamava Dona Celma. Ela era o nosso Hitler. Ela vigiava, e contava tudo. Se a gente fizesse alguma coisa errada, se a gente gritasse. Ela morava no nosso andar. Ela vigiava e tomava conta com muito rigor. Mas isso não nos impedia de nada, de sermos alegres, de fazer bagunça [...] A gente cantava muito. Tocava violão a noite para espairar (C11, 2013, p.6).

Nota-se o controle do comportamento que a direção da escola impunha para não expor negativamente a escola e as próprias alunas, em processo de construção da identidade profissional. Como detentora do poder de organização e condução na trajetória de formação profissional das alunas, a diretora “reivindicava o mandato de formar, iniciar e disciplinar seus próprios membros”, tendo como cerne desse processo uma razão, uma sabedoria, um modo de enxergar a profissão e transmiti-la aos seus sucessores (DUBAR, 2005, p.180).

Os uniformes das alunas do Curso de Enfermagem da EEHB, também eram objeto de avaliação e revista por parte dos professores, para os quais o mesmo não era só uma vestimenta, mas um elemento que carregava em si o simbolismo vocacional da enfermeira, e representando a imagem da escola e o novo modelo profissional emergente na cidade de Juiz de Fora. Neste sentido, as primeiras alunas tinham por obrigação manter a disciplina e a abnegação, com posturas éticas e morais condizentes com a figura de uma enfermeira padrão (MIRANDA, 1996).

As unhas eram curtas, sem esmalte, sem nada. Não podia usar nada. Nem anel, nem brinco. [...] sem joias (C2, 2013, p. 6).

O pessoal aceitava bem a disciplina, que era rigorosa [sorri]. Não podia usar brinco, anel nem pulseira. Somente o relógio com ponteiro de segundos. E pintura nenhuma. O rosto até que podia colocar uma tintazinha avermelhada, senão a paciente pensava que a gente tinha saído do cemitério (C5, 2013, p.7-8).

Bem, nunca vi nenhuma aluna ser chamada a atenção. Porque naquela época era uniformizada mesmo! Ninguém subia a saia, deixava de usar o uniforme corretamente. Todo mundo era bem comportado. Então, não tinha isso não (C8, 2013, p.4).

Na verdade, a gente tinha [...] outra formação. Não combatíamos com os professores. Nunca vi ninguém discutir, porque queria usar uma unha grande. Era uma formação muito rígida, mas que era necessária. E todo mundo acatava com prazer [...] Nunca vi ninguém discordar do uniforme (C 12, 2013, p. 2).

O disciplinamento das alunas esteve presente desde a implantação da enfermagem como profissão, “imprimindo um rigor sobre o seu corpo, que está sujeito às forças externas, impondo uma relação de utilidade-docilidade, chamada de disciplina.” (CORBELLINI *et al*, 2010, p. 640).

As condutas pré-estabelecidas do grupo de referência em relação aos comportamentos, atitudes e ao modo de vestir, são importantes para a incorporação de uma identidade profissional; são aquelas apreendidas no cotidiano social e dão sustentação ao processo identitário, ora reproduzindo, ora modificando, mas incorporando atitudes de seus antecessores, numa continuidade de conservação e progressão do prestígio profissional (DUBAR, 2005).

A convivência entre alunas, professoras e funcionárias em regime de internato contribuiu para a formação acadêmica que prima pelo espírito de coleguismo e solidariedade, rigor e disciplina que coexistiam no interior da escola, possibilitando a construção de laços de amizade, conforme lembraram muitas alunas que passaram por aquele ambiente escolar. Tais aspectos constroem a identidade pessoal e profissional num processo de interação entre o que se é enquanto indivíduo (identidade do eu) e os papéis sociais desempenhados ao longo da vida (identidade para o outro), bem como as condições e o meio onde se está inserido (DUBAR, 2005; GOMES, 2008).

O rigor com os uniformes e a disciplina no ambiente da escola e nos campos de prática perdurou enquanto a escola permaneceu vinculada ao estado, configurando-se como um compromisso para a formação de enfermeiras com boa capacidade técnico-científica e ética dentro dos padrões disciplinares, o que é retratado com o relato exposto a seguir.

Quando chegávamos nas [aulas] práticas, a professora tinha uma caderneta onde anotava a nossa presença, à hora da entrada e da saída. Mas isto era importante agente saber. [...] a entrada era às 07h00min, não era 07h10min, nem 07h15min e a saída também era às 11h00min (C11, 2013, p.7).

Tal como era no interior da escola/internato, havia rígida disciplina nas atividades desenvolvidas no campo de prática. As posturas éticas das alunas eram vigiadas, exigindo-se delas comportamentos exemplares, considerados requisitos necessários para a composição de uma identidade social. Estas condutas foram estabelecidas com a finalidade de delinear a nova profissão que ora emergia no meio social de Juiz de Fora, bem como para conquistar credibilidade e respeito para as enfermeiras diplomadas. Esse processo requer a necessidade de controle e definição de regras, elementos imprescindíveis à consolidação de uma identidade profissional que podem ser qualificadas formalmente como “códigos de ética ou de deontologia profissionais” (DUBAR, 2005, p. 171). Os códigos de ética que permeiam as relações sociais e institucionais são muitos, e tem um papel fundamental na construção das identidades, podendo permear diferentes situações da vida cotidiana das pessoas.

As alunas comentaram que aprenderam normas de etiqueta na EEHB:

[...] Lembro-me que a D. Celina tentava ensinar a gente. Ela dava umas aulas de etiqueta pra gente, como se comportar na mesa, como usar o garfo e faca com frutas [para descascar uma laranja]. Todo mundo renunciava a laranja para não utilizar o garfo e a faca. Descascar laranja com garfo e faca, de jeito nenhum (C1, 2013, p.6).

D. Celina exigia muita classe no comportamento das meninas [alunas], dando a elas uma forma de aprender como comportar-se à mesa, no refeitório, certo status. Aprendiam a comer [...] de talheres, direitinho à mesa. As tigelas eram servidas num padrão. [...] enquanto elas [D. Celina e D. Cecília] estivessem à mesa as

alunas não podiam se levantar. Tudo com muita etiqueta, muito bonito. Ela veio dos Estados Unidos com muito conhecimento. Era uma mulher de uma família tradicional de São João Del Rei. Ela estava acostumada com esta classe (C28, 2013, p.4).

Ensinar um tipo de comportamento é uma forma de estabelecer um padrão social. Quando reproduzido cotidianamente, acaba por ser incorporado à forma de se viver em sociedade. A diretora da EEHB ministrava aulas de etiqueta para aproximar o grupo de alunas do modelo de enfermeira preconizado pela escola. Na busca de inserção em um grupo social, atitudes e comportamentos devem ser apreendidos, aprimorados e absorvidos aos costumes cotidianos, dando sustentação ao processo de construção de uma nova identidade social da profissão, estimulando mudanças (DUBAR, 2005).

Assim, os conceitos sobre a incorporação de uma identidade através da socialização mostram que:

Reproduzir as condições de produção pode significar querer alcançar um status social superior, e não manter seu status social de origem. [...] e, em particular, a relação deles com o futuro, e não somente as condições objetivas em que ele foi educado. Poder-se-ia, portanto, apreender a mudança, mas sob a condição de incluí-la em uma trajetória social característica de uma descendência ou de um grupo social previamente definido como tal (DUBAR, 2005, p. 81-82).

As alunas conviviam harmoniosamente, compartilhando experiências, o que contribuiu para a formação de profissionais com capacidade de assumir e corresponder às necessidades próprias do contexto assistencial. Com a consolidação da escola na sociedade, esta passou a ser reconhecida na região, no país e no exterior, possibilitando o intercâmbio e a convivência com alunas de outras nacionalidades.

Tinha a Carlita e a Della Cruz [alunas haitianas] e tinha outra que não era da minha turma (C12, 2013, p.7).

Além do curso de enfermeiras, a EEHB oferecia cursos para auxiliares de enfermagem, visitadoras escolares de saúde, e higiene bucal (DIÁRIO MERCANTIL, 1965, p.1). Não foram encontrados documentos que melhor descrevam esses cursos.

Em Juiz de Fora, a instituição que participou da implantação e efetivação da EEHB, através de parceria institucional, contribuindo para a formação de novos enfermeiros e auxiliares na cidade, foi o hospital da SCM-JF, disponibilizando o campo de prática para alunas do Curso de Enfermagem (DIÁRIO MERCANTIL, 1965, p.1). As práticas nos ambulatórios e enfermarias do hospital eram desenvolvidas nos primeiros anos de formação, sob a supervisão contínua de uma professora. O estágio desenvolvido na etapa final do curso permitia que as alunas desenvolvessem suas habilidades técnicas e gerenciais, ficando sob a orientação indireta de uma supervisora, que era enfermeira e também responsável pelo setor.

Relata-se a seguir, um fato importante ocorrido nos primeiros anos de funcionamento da escola, relacionado às adequações que foram necessárias para que a enfermagem se firmasse enquanto profissão técnica e científica. Em meados de 1950, fazendo estágio na enfermaria da pediatria da SCM-JF, uma aluna presenciou a situação de uma criança internada com sinais de agravamento do quadro respiratório. Naquele período, não havia oxigênio canalizado. O tratamento era feito através de cilindros de oxigênio que eram descolados entre as enfermarias de acordo com as necessidades dos pacientes. A aluna, ao dar início às suas atividades no hospital e ver a criança com tal necessidade, correu para tentar solucionar o problema, buscando o cilindro de oxigênio na enfermaria adjacente. Esta atitude da aluna foi severamente repreendida pela religiosa responsável pelo setor. A aluna ficou indignada com tal acontecimento, uma vez que a supervisora religiosa alegou que a criança não precisava de oxigênio porque “morreria mesmo”. Além disso, não houve pronunciamento da professora e enfermeira da pediatria (C3, 2013, p. 3).

Olhei para a Professora como quem diz: a senhora não vai fazer nada? Saí pisando duro (C4, 2013, p.2)!

Este fato foi levado pela aluna ao conhecimento da diretora da EEHB, D. Celina, o que resultou no pedido de demissão da então funcionária, que nas palavras da ex-aluna,

[...]. Era boa enfermeira, mas não entendia nada de enfermagem pediátrica (C4, 2013, p 2).

A partir deste fato D. Celina desafiou a aluna e propôs que a mesma assumisse a enfermaria pediátrica, mesmo não tendo feito a colação de grau, o que demonstra a qualidade da formação na EEHB e a forte identidade profissional das suas alunas, capazes de aplicarem na prática os conhecimentos adquiridos, mesmo antes da formatura. A credibilidade da aluna com a diretora da escola levou ao afastamento da enfermeira da SCM-JF, mostrando o poder e influência da Diretora da EEHB no hospital da SCM-JF.

É importante aqui destacar que esta aluna, posteriormente se promoveu em professora da EEHB sendo reconhecida na cidade de Juiz de Fora como uma das melhores enfermeiras e professoras na área de enfermagem pediátrica, contribuindo para o desenvolvimento dos cuidados de enfermagem dispensados às crianças hospitalizadas.

A partir do ano de 1967, quando a EEHB já havia se instalado em prédio próprio, localizado no Palácio da Saúde¹⁵, as alunas descreveram aspectos do cotidiano escolar:

¹⁵Palácio da Saúde: Sede própria da EEHB. Hoje abriga a Gerência Regional de Saúde de Juiz de Fora.

[...]. Morávamos três em cada quarto. Porque as nossas aulas eram dentro da Hermantina [escola] no Centro Regional. Nossas aulas eram lá. Inclusive as aulas de técnicas. A gente tinha um laboratório (C2, 2013, p. 5).

Teve um período até que eu morei lá [na escola]. Teve uma vaga. [...] Ia para casa todo final de semana. [...]. O tempo que eu estudei lá. Foi um dos melhores tempos de minha vida (C11, 2013, p. 2).



Foto nº 7: Sede da EEHB de 1966 a 1978.

Fonte: www.mariadoresguardo.com.br

Com o fim da EEHB, a Sede no Palácio da Saúde sofreu modificações em sua estrutura física, arquitetônica e em suas finalidades, abrigando na atualidade (2014) a Gerência Regional de Saúde, responsável pela interface na área de saúde com toda a região da Zona da Mata e cidades circunvizinhas.



Foto nº 8: Gerência Regional de Saúde, Juiz de Fora. Antiga Sede da EEHB/FEHB-
Década de 2000

Fonte: www.servicor.com.br

A foto nº 7 mostra a Sede da EEHB, na década de 1970, onde também funcionava o dispensário Eduardo de Menezes, local de prática de saúde pública das alunas da escola. A foto nº 8 mostra o antigo prédio da EEHB remodelado e transformado na atual Gerência Regional de Saúde nos anos 2000, já com sua estrutura totalmente modernizada.

1.2.3 Estratégias da EEHB para a formação de recursos humanos de enfermagem em Juiz de Fora

Na década de 1950 havia um contingente reduzido de profissionais na área de enfermagem comparando-se com as necessidades de assistência da população brasileira. Neste aspecto foram buscadas alternativas para reduzir a falta de profissionais para estes fins:

A ideia de se criar um curso para formação de auxiliares de enfermagem, nasceu em 1934, com Dona Laís Netto dos Reis, em Belo Horizonte, sendo o primeiro curso ministrado em 1941, na Escola de Enfermagem Anna Nery, oficializada em 1949. Esta ideia surgiu frente à demanda de enfermeiras para os hospitais surgidos à época. [...] o curso de auxiliares de enfermagem teria a duração de 18 meses e atenderia mais rapidamente a necessidade hospitalar (FONTES, 2009 p.14).

O Curso de Auxiliar de Enfermagem da EEHB foi criado pelo Decreto Estadual 5418, de 14 de março de 1958, sendo as professoras da escola encarregadas da elaboração das normas para o funcionamento do mesmo (ARAÚJO, 2008). Este curso contribuiu para a formação de recursos humanos em nível auxiliar para a enfermagem juiz-forana, atendendo à necessidade de qualificação profissional para o trabalho nas instituições de saúde que requeriam a mão-de-obra. O Curso de Auxiliar de Enfermagem da EEHB funcionou em conformidade com a Lei 775/49, que oficializou a criação de cursos de auxiliares de enfermagem no Brasil (BRASIL, 1966).

A EEHB, durante o exercício de suas atividades, manteve convênio com a SCM-JF, parceria que permitiu desenvolvimento das práticas de enfermagem, facilitando a contratação de médicos do corpo clínico do hospital como professores. Os professores médicos que iniciaram a docência na EEHB foram aproveitados pela Faculdade de Medicina de Juiz de Fora, quando da sua criação, no ano de 1960 (ARAÚJO, 2002).

No período em que o hospital da SCM-JF esteve conveniado com a EEHB, percebe-se uma sólida parceria para a formação profissional das enfermeiras. Muitas das ex-alunas das EEHB foram incorporadas ao quadro profissional do hospital numa clara demonstração do compromisso entre as duas instituições: uma formadora, e outra coparticipante da formação de quadros profissionais para atender à demanda social de enfermeiras formadas segundo um padrão estabelecido no país (SILVA; GALLIAN, 2009).

A trajetória empreendida pela EEHB levou a escola a ser reconhecida e respeitada na sociedade, e a ocupar espaços tanto no meio acadêmico quanto na área da saúde, especialmente na SCM-JF, que merece ser destacada pelo inter-relacionamento que estabeleceu com a primeira. Ao proporcionar campos de prática para a EEHB, esta instituição contribuiu para a construção de um corpo de enfermeiras que foi absorvido pelo próprio hospital, bem como por outras instituições assistenciais da cidade e região (ARAÚJO, 2002).

A EEHB, com o compromisso de formar enfermeiras com potencial de atuação em diversos ramos dos serviços de saúde - exigido por lei naquele momento histórico - localizou campos de prática fora da cidade para atender as especialidades não atendidas na SCM-JF, pedindo filiação a outras instituições de ensino de enfermagem existentes nas décadas de 1940-1950. A filiação “consistia em adotar alunas de outras escolas para realizarem determinado tipo de aprendizado.” (PERES, 2004, p. 86). A EEHB precisou se filiar a instituições em São Paulo e Rio de Janeiro, que dispunham das especialidades ainda não atendidas pelos hospitais locais, como psiquiatria e doenças infectocontagiosas, conforme relato a seguir:

Os estágios foram todos na Santa Casa. Era o melhor lugar. Estágios que não tinham na Santa Casa, ela (Celina Viegas) mandava a gente para outros lugares como São Paulo, Rio de Janeiro. A minha turma e outras turmas fizeram estágio fora. Eu fiz estágio de isolamento em Santos. Na ocasião era o melhor isolamento da América do sul. Funcionava no segundo andar da Santa Casa de Santos. [...] Naquela época contava os estágios por semanas: quatro semanas no centro cirúrgico, três semanas em isolamento, pronto socorro. Fiz também estágio em Neurologia e na unidade de queimados. No Hospital das Clínicas, fizemos estágio de Pronto Socorro, traumatologia. Estágio em psiquiatria foi no Hospital Pinel e no Hospital Franco da Rocha. A minha turma foi privilegiada. Estudávamos na escola e íamos todo dia para o Hospital. A Escola era muito rica! Pertinho do Hospital das Clínicas. [...] A gente ficava encantada (C1, 2013, p.7)!

A filiação na EAN se deu entre os anos de 1964 a 1966, devido “as reformulações relacionadas à assistência de enfermagem psiquiátrica no país e com a vinda da enfermeira Tereza de Jesus Sena, como professora da EAN, atuando no Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB)” (PERES; BARREIRA, 2008, p. 109).

Neste sentido, encontra-se o seguinte relato:

Fizemos o estágio de psiquiatria no Hospital da Escola Alfredo Pinto (antiga Divisão Nacional de Saúde Mental). O de pronto socorro no hospital da EAN, na Praia Vermelha. Foi muito interessante, porque a gente saía daqui para o Rio de Janeiro, fazer estágio lá (C9, 2013, p. 4).

Segundo o ponto de vista de que as identidades podem ser entendidas como um núcleo essencial que distingue um grupo do outro (WOODWARD, 2000), depreende-se que as

alunas da EEHB, desde a sua inauguração, e também na década de 1960, alcançavam uma formação equivalente à das escolas onde faziam estágios pelo sistema de filiação, no caso, a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP), a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e a Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade do Brasil (UB).

Os espaços educacionais e o tempo de convivência também funcionaram como estratégia de formação da identidade, aqui enfatizada enquanto identidade da enfermeira brasileira, quando se considera o compartilhamento de saberes e experiências. Ao mesmo tempo em que esses saberes e experiências são difundidos eles possibilitam afirmar o sentimento de pertencimento a um grupo e o conseqüente fortalecimento da profissão (GOMES, 2008).

O convívio e a troca de experiências em um campo determinado de saber ou especialidade propiciam a construção de perspectivas futuras no campo profissional.

Deste modo,

O espaço de reconhecimento das identidades é indissociável dos espaços de legitimação dos saberes e competências associados às identidades. A transação objetiva entre os indivíduos e as instituições é essencialmente a que se organiza em torno do reconhecimento ou do não reconhecimento das competências, dos saberes e das imagens de si que constituem os núcleos das identidades reivindicadas (DUBAR, 2009, p. 155).

Os diversos ambientes sociais vivenciados pelas alunas e professoras da EEHB no cotidiano da vida escolar, na sociedade de Juiz de Fora e em outras cidades onde compartilharam o processo de formação acadêmica, possibilitaram a concepção de uma identidade profissional e social, concretizada ao longo dos anos, e permitindo o reconhecimento da categoria enfermeira como profissão qualificada pertencente à equipe de saúde.

2 MUDANÇAS NOS UNIFORMES DA EEHB (1965-1978)

A primeira variação significativa no uniforme das alunas da EEHB ocorreu no ano de 1965, com mudanças de modelo e cor, refletindo as transformações culturais, sociais e políticas que ocorriam no mundo à época. Outra mudança marcante se deu em 1968, com a admissão do homem, mostrando a relação da escola com a evolução ocorrida no seio da sociedade juizforana e mundial, mais propensa à modernização dos costumes. Um reflexo dessa nova sociedade se faz sentir nas mudanças introduzidas na imagem do corpo estudantil da escola, visíveis através do vestuário.

Neste contexto, estudos apontam que:

Vestir um uniforme, determinado por autoridades externas, significa estar apropriadamente vestido para pertencer a um determinado grupo, significa envolvimento com ele e conformação com seus padrões sociais. Não se identifica um indivíduo uniformizado pelo seu nome, e sim pela instituição à qual representa (PERES e BARREIRA, 2003, p. 27).

Acompanhar as mudanças originadas na coletividade, a partir do contexto histórico vigente também se configura como movimento social que contribui para a construção de identidade profissional e social.

2.1 PANORAMA SOCIAL NA DÉCADA DE 1960 E AS INFLUÊNCIAS NO VESTUÁRIO

Faz-se necessário uma breve explanação sobre os contextos social e histórico reinantes na década de 1960, visando situar o complexo panorama onde ocorreram as mudanças no uniforme da EEHB, e sua relação com a rotina institucional, o que certamente espelha alterações no comportamento das alunas e de professoras, também manifestas no vestuário por elas utilizado.

Após os anos de 1960 o mundo ficou dividido em dois blocos ideológicos: um lado capitalista e outro socialista, causando certa inquietação na humanidade, impulsionando-a a buscar novos modelos, nova forma de caminhar e de pensar sobre o momento político, social e ideológico, o que geraria mudanças no que estava estabelecido até então. Nesta conjuntura surge, nos Estados Unidos da América (EUA), o movimento *Hippie*¹⁶ com o lema “Paz e Amor”, em que a juventude conclamava uma nova ordem, evidenciando a necessidade de

¹⁶ Movimento jovem surgido nos EUA na década de 1960, que pregava a paz e a liberdade, certo retorno à natureza. Também um movimento antimoda é sustentado neste período, que promove necessidade de imagens individuais (CIDREIRA, 2005 p. 54).

manifestações em contestação às guerras, principalmente a guerra dos EUA contra o Vietnã, quando muitos jovens americanos e vietnamitas foram dizimados (FERREIRA, 2005).

O movimento *Hippie* influenciou sobremaneira o vestuário utilizado pelos jovens, que buscavam o não convencional. Passaram adotar uma vestimenta onde a diferença de sexo já não ficava tão evidente. Uns optavam pelas roupas largas, estilo indiano, outros, com cores fortes e extravagantes. Novas fibras começaram a ser utilizadas em calças compridas e camisetas, tanto por mulheres quanto por homens. Acredita-se que o jeans foi à peça que mais influenciou a juventude a partir dos anos de 1960, tornando-se mundialmente popularizado através dos filmes estrelados por James Dean, ícone da juventude americana (CIDREIRA, 2008).

Outra peça inserida no vestuário feminino do período foi a minissaia, utilizada principalmente pelas americanas, mas também pelas brasileiras, como uma forma de contestação ao que estava instituído e de rebeldia, valendo-se do figurino para se posicionar enquanto mulheres. (CIDREIRA, 2008). A minissaia foi criticada pela sociedade mais conservadora, que acreditava ser a peça, um símbolo da juventude “transviada”, diferente das feministas que a viam como mercantilização do corpo feminino (CASTRO, 1996, p. 147).

Tudo esse movimento influenciava na emancipação da mulher, também sinalizada nas alterações do modo de vestir-se. Em atendimento às atividades laborativas as mulheres passaram a usar roupas mais práticas, que dessem maior mobilidade de movimento, ao mesmo tempo em que reduzia a diferenciação entre os sexos (CIDREIRA, 2008).

No Brasil vivia-se sob um regime militar, deflagrado em 1964, quando o exército, através de um golpe de estado, depôs o presidente João Goulart da presidência do país. Vários foram os fatores que influenciaram as forças armadas a assumirem o governo, entre elas, a tentativa de impedir o avanço do pensamento socialista que ora se difundia pelo mundo e no Brasil, e as modificações de base que estavam sendo implantadas no período. O movimento em prol da reforma agrária também contribuiu como fator preponderante, pois no entendimento das classes dominantes, e também do empresariado brasileiro, colocaria em risco o direito à propriedade privada e à manutenção do sistema capitalista até então reinantes (ARAÚJO-JÚNIOR, 2010).

A participação e manifestação da sociedade contrária ao regime instituído se fizeram presentes através de líderes integrantes de várias camadas da população. Foram eles: os estudantes brasileiros, organizados na União Nacional dos Estudantes (UNE); professores universitários e trabalhadores filiados às suas entidades de classe, como o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), e outros, que unidos às ideologias políticas nacionalistas e igualitárias,

defendiam a construção de um país mais democrático. Estes setores lutavam pela redução de inflação, pela reforma agrária e por melhores condições de educação, que ora não atendia aos anseios de uma parcela da população (TOLEDO, 2004).

Mesmo com este movimento político e social acontecendo em toda a sociedade brasileira e juizforana, as alunas do Curso de Enfermagem da EEHB mantiveram-se à parte desse movimento revolucionário, como descreveram aquelas estudantes que estudaram no período compreendido entre os anos 1964 a 1968:

Lembro-me que em março de 1964 estava começando minha vida de enfermeira, eu não tinha noção de política nenhuma, aí que fui inteirar-me das coisas. Lembro-me do movimento todo. O envolvimento dos alunos de medicina, de médicos, aquela coisa toda. Enfermeira? Não me lembro de nenhum movimento (C6, 2013, p. 5).

A gente era muito pouco envolvida nesta parte. Preocupávamo-nos mais com as matérias específicas. Eu era interna na EEHB, e tinha muitas colegas que falavam assim: fulano sumiu! Este professor sumiu. A gente tinha medo de ter espíões na sala. Cuidado com o que se fala, porque eles infiltram espíões na sala. Era muito comum o pessoal da sociologia e do serviço social participar, a gente vê pelos históricos que Juiz de Fora teve grande participação na ditadura (C9, 2013, p.6).

Depreende-se dos relatos supracitados que, apesar da consciência das alunas do Curso de Enfermeiras da EEHB sobre o momento conflituoso no qual estavam inseridas, estas se resguardavam do envolvimento nos movimentos políticos. Logo, as alunas da escola, procuraram não ter grande participação nas manifestações contra o regime militar, o que ficou por conta de estudantes de outras áreas.

No Estado de Minas Gerais, estudantes do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), integrantes da UNE, juntamente com representantes da União dos Estudantes Estaduais (UEE), estavam reunidos organizando a viagem para o Encontro Nacional dos Estudantes, que aconteceria em Ibiúna (SP). O grupo foi sitiado nas dependências da universidade pelos militares, ao saberem da reunião. Um derramamento de sangue não aconteceu devido à intervenção e negociação do professor Pedro Parafita de Bessa com o exército, para a retirada dos alunos do prédio da universidade em segurança, demonstrando a repressão imposta por autoridades militares à nação, no período em que permaneceram no governo (DIVERSA, 2007).

Nos anos 1960 e início dos anos 1970 houve uma verdadeira revolução no modo de vestir, quando as roupas antes utilizadas por classes trabalhadoras, camponesas e menos abastadas, passam a ser incorporadas pelo vestuário básico da moda de rua. Exemplo clássico que pode ser destacado é o *Jeans* americano, citado anteriormente. Outras mudanças no vestuário também se fizeram presentes, alcançando a *lingerie* feminina, com modelos mais

leves, sensuais, e mais ajustadas ao corpo, para dar conforto às mulheres. A meia calça tornou-se uma peça comum a partir de então no vestuário feminino, bem prática e segura, usada em várias tonalidades de cores juntamente com a minissaia, popularizada nos ambientes de dança de *twist e rock* (BAUDOT, 2008).

Segundo análise de Lipovetsky (1989), a maneira das pessoas se vestirem na década de 1960 “sofreu grandes transformações a partir do momento que a alta costura¹⁷ perde seu poder de destaque dando lugar ao *prêt-à-porter* (pronto para vestir)” (LEÃO, 2011, p.3). Estas transformações impulsionaram a produção de roupas em larga escala pela indústria, popularizando o vestuário e permitindo o acesso à moda por parte de pessoas menos abastadas financeiramente (LEÃO, 2011).

Sobre as mudanças envolvendo a moda Lipovetsky argumenta que:

A moda muda incessantemente, mas nem tudo nela muda. As modificações rápidas dizem respeito, sobretudo aos ornamentos e aos acessórios, às sutilezas dos enfeites e das amplitudes, enquanto a estrutura do vestuário e as formas gerais são muito mais estáveis (LIPOVETSKY, 1989, p. 33).

Para Barthes, (2009, p. 217) “por mais funcional que seja o vestuário real sempre comporta um elemento sinalético, uma vez que toda função é pelo menos signo em si mesma”. O autor ressalta, por um lado, o caráter objetivo e prático da roupa e, por outro, seu aspecto e conteúdo significativo; faz esta distinção para assinalar que, por mais funcional que a roupa seja, haverá uma razão concomitante, um sentido incorporado no vestuário, que transcende a sua funcionalidade (BARTHES, 2009).

Para Barthes, 2009 “signo é a união de significante e, e ele acrescenta que “o plano dos significantes constitui o plano de expressão e o dos significados o plano de conteúdo” (BARTHES, 2009, p. 319).

Mudar a maneira de se vestir na década de 1960 pode ser compreendido como uma ruptura dos padrões instituídos na sociedade à época, não somente no vestuário, como nos comportamentos e na cultura de modo geral.

¹⁷Alta Costura: O termo alta costura é considerado a arte de criar e confeccionar roupas originais, sofisticadas e únicas, necessitando de provas até sua finalização, e exigindo mão de obra extremamente qualificada (SABINO, 2007, p. 37). A partir de “Charles Frederic Worth – o primeiro grande representante dos ‘costureiros’, denominado por Paul Poiret como o ‘inventor da alta costura’ – começou a se desenvolver um mercado consumidor mais amplo. Worth abriu seu primeiro ateliê em 1858, em Paris. Com suas criações, influenciou toda a Europa, não apenas algumas famílias nobres (com seus privilégios de berço), mas um público consumidor burguês, com imensas fortunas vindas do desenvolvimento do comércio e dos bancos, e que começava a disputar status e privilégios com a nobreza falida (SOUZA; CUSTÓDIO, 2005, p. 234).

2.2 SEGUNDO UNIFORME USADO NA EEHB (1965-1968)

No ano de 1965, o uniforme das alunas da EEHB passou a ser constituído de um vestido de peça única, na cor rosa, com abotoamento embutido na frente, comprimento até os joelhos, e gola esporte. Neste uniforme não havia nenhum emblema da escola, que passava a dispensar o uso da touca. Como acessórios, foram mantidos sapatos na cor branca, meia fina (cor da pele) e a rede prendendo os cabelos, conforme descrito por uma aluna:

Então passamos a usar um uniforme na cor rosa, inteiriço na altura do joelho, sem a touca (C9, 2013, p. 1).



Designer: Aline Costa

Desenho nº 4: Uniforme das alunas da EEHB no período de 1965 a 1968.
Fonte: Designer Aline Costa, 2014.

A primeira mudança do uniforme da EEHB seguindo às transformações que ocorriam na sociedade, relacionadas à educação, política, cultura e moda, ocorre na saia, substituída por um vestido estilo *chemise* (tubinho), e que passa do tradicional branco para um tecido sintético denominado tergal, na cor rosa, conforme descreve uma ex-aluna da escola, do ano de 1965:

O tecido do vestido era de tergal. Não amarrotava muito. [...] esquentava muito no verão, mas era ele mesmo (C8, 2012, p.3).

Os tecidos sintéticos passaram a ser muito utilizados a partir dos anos de 1960, em função de suas características como praticidade e durabilidade, principalmente para a confecção de uniformes.

Um fato marcante que pode ser aqui registrado com a implantação do segundo uniforme das alunas do Curso de Enfermagem da EEHB foi a retirada de uma das peças, até então, mais simbólicas para a imagem profissional da enfermeira - a touca.

Ao invés da touca passamos a usar a rede nos cabelos. Simplesmente. O cabelo sempre preso. Quem tinha o cabelo maior não era permitido andar com ele solto. Sempre com uma rede (C8, 2012, p. 1).

Uma estudante da escola, no período em que a touca foi retirada, demonstra desconhecer as motivações dessa mudança ao informar que a touca foi simplesmente suprimida do uniforme em 1965. As colaboradoras acreditam que, por ser um acessório, poderia ser suprimido do uniforme, mas sua retirada veio atender aos antigos anseios das alunas de anos anteriores, que reivindicavam a sua supressão do uniforme. Porém, os cabelos, continuaram presos pela rede, alinhados e mantendo o cuidado e a higiene, bem como escondendo os atributos da mulher enfermeira.

A EEHB, como instituição formadora de profissionais e cidadãos, estimulava a as alunas a se organizarem enquanto classe, sendo que um Diretório Acadêmico (DA) foi criado no primeiro ano de funcionamento da escola. Posteriormente, no ano de 1960, este diretório recebeu o nome de Celina Viegas, em homenagem a primeira diretora e também professora da EEHB. O DA tinha estatuto próprio, sendo suas lideranças constituídas por alunos do Curso de Enfermagem, devidamente eleitos. No DA, eram discutidos assuntos pertinentes à vida acadêmica, cultura, e política da sociedade, sendo um espaço de compartilhamento de ideias, pensamentos e discussões, onde era possível uma aproximação com a democracia (ARAÚJO, 2002).

A questão do uniforme também esteve presente na pauta de assuntos discutidos pelo DA, quando se tratou mais especificamente do item touca enquanto acessório. No ano de 1950, as alunas chegaram a requerer sua retirada por acreditarem que demandava muito tempo para sua manutenção, além de interferir, por causa do seu comprimento (abaixo dos ombros), nos cuidados de enfermagem dedicados aos pacientes hospitalizados (ARAÚJO, 2002).

Na década de 1960, enquanto a conjuntura sócio-política permitia mais participação e reivindicações por parte das alunas, manteve-se a resistência ao uso da touca, como informado pelas colaboradoras. Um dos argumentos sustentado pelas alunas era de que o modelo da touca assemelhava-se ao véu utilizado pelas religiosas, o que as deixava contrariadas.

Lembro-me que a gente não gostava da touca! A gente preferia trabalhar sem ela. Mas era obrigatório (C6, 2013, p.1).

Para Barthes (2009, p. 388-389):

Signo é a união do significante e do significado. De vestuário e mundo. Do vestuário à moda. O signo se abriga por trás de um uso, de uma função, sua *ratio*¹⁸ é empírica, natural. Este movimento de intercâmbio entre a função e o signo (no nível da realidade) provavelmente se encontra em grande número de objetos culturais. Por isso todos os objetos reais a partir do momento que são padronizados, se transformam em funções-signos.

Paralelamente à utilização cotidiana da touca, as alunas da EEHB tinham a obrigação de zelarem e respeitarem o simbolismo contido nesse acessório do uniforme – a touca. Mesmo causando certo incômodo no exercício das atividades da profissão, e trazendo certas dificuldades para a sua correta manutenção, controverso conforme o relato supracitado, as colaboradoras não mencionaram nenhum episódio de desobediência ou rebeldia relacionado ao uso da mesma. Assim, a touca foi mantida, e com ela os cuidados para sua manutenção, até o ano de 1965, quando foi finalmente retirada do uniforme.

Mediante o questionamento relacionado à forma como ocorreu a alteração do uniforme, as colaboradoras relatam que não houve nenhuma participação das alunas neste sentido. Especificamente sobre o processo de mudança ocorrida nos uniformes, encontra-se o seguinte relato:

Foi imposto. A gente naquele período, só acatava as decisões. Não houve discussão. Nem pedidos de sugestão. Apenas mudou o uniforme de branco para rosa. Também não sei por que, o motivo, se era para diferenciar os enfermeiros. Não houve discussão (C9, 2013, p.1).

Outra aluna informa o seu pensamento a respeito da mudança:

Eu acredito que foi só entre a diretoria e os professores [a discussão] Acho que não houve participação dos alunos. Não estou afirmando [...] com todas as letras, mas não me lembro de ninguém ter falado que foi consultado, se estava bom, se não estava ruim, qualquer coisa neste sentido (C8, 2012, p. 2).

¹⁸ Segundo o Dicionário de Latim *on line*: “Palavra derivada do verbo latim *reor*, contar calcular. Mas *ratio* também significa razão, faculdade de calcular e de raciocinar; juízo, causa, por quê; essência. Última *ratio*: Última razão. Argumento decisivo e determinante. (7º Graus- Dicionário de Latim Online). Disponível em <http://www.dicionariodelatim.com.br/v//> >Acesso em 20 nov. 2014.

As colaboradoras concordam sobre a informação de que a diretora teria chegado e dito que o uniforme seria alterado, e que houve o acatamento das alunas. Diferentemente desta afirmativa, outro estudo sobre o mesmo período relata que “as alunas foram reivindicando alterações nos modelos das roupas utilizadas, chegando a sugerir a troca do vestido e do avental” (ARAÚJO, 2002, p. 85). O DA foi o espaço onde temas relacionados à vida acadêmica e cotidiana no interior da escola eram abordados e discutidos, posteriormente sendo aprovados ou não pela direção da escola.

A relatividade do fato vivido, contado, registrado e sua significação conexa com as experiências acumuladas ao longo do tempo faz a “história oral ganhar significado ao filtrar as experiências do passado através de narradores no presente” (MEIHY; HOLANDA, 2010, p. 28). Nesse sentido, registra-se aqui tanto o que foi relatado pelas colaboradoras quanto o que consta em outro estudo científico desenvolvido a fim de levantar novas hipóteses de sobre a retirada da touca do uniforme das alunas da EEHB, e que venham a preencher as lacunas que geralmente surgem nos estudos históricos.

Houve, na escola, um período de transição entre o primeiro e o segundo uniforme. Foram permitidos, então, dois uniformes: o branco, para as alunas que já estavam em fase de conclusão do curso; e o de cor rosa para as calouras que estavam iniciando as práticas nos ambientes hospitalares. Fato confirmado por uma aluna da turma de 1965:

Nós chegamos e já pegamos o uniforme branco. Tivemos dois uniformes no mesmo tempo. Então nós pegamos alunos com dois tipos de uniforme naquela época. Os alunos novos, uniforme rosa e os alunos anteriores com uniforme branco padronizado (C9, 2013, p.1).

As alunas que já estavam finalizando o curso não precisaram confeccionar o novo uniforme, podendo permanecer com o uniforme antigo; mas as recém-ingressadas e as que estavam em meio ao curso tiveram que providenciar o novo uniforme. Dessa forma, o uniforme branco tradicional foi sendo paulatinamente substituído na EEHB:

Depois que a gente passou para o hospital, na época a Santa Casa, a gente ia de uniforme branco, meias opacas, sapato branco inclusive com touca. A saia era rodada. Não era bem rodada. Era tipo godê, não era justo. E da blusa não me lembro muito bem. Mas tinha manga e gola. E usávamos a touca branca. Cheguei a usar meia, que eu achava horrorosa e a touca branca. Todo mundo com cabelo sempre preso e a touca. Posteriormente este uniforme foi trocado para cor de rosa. Não me lembro muito bem se foi para distinguir das auxiliares que continuavam com o branco. A gente ficou com o de cor de rosa. O modelo também mudou passou a ser um tubinho de manga curta e gola esporte, reto (C8, 2012, p. 1).

Embora durante a pesquisa não se tenha encontrado documentos sobre o Curso de Auxiliar de Enfermagem na EEHB sabe-se que ele existiu no período de 1958, e que o

uniforme era muito semelhante ao do primeiro Curso de Enfermeiras (ARAÚJO, 2002). A matéria jornalística abaixo mostra a imagem de alunas de ambos os cursos em ambiente de trabalho assistencial. Antes da primeira mudança do uniforme, percebe-se que tanto o avental quanto a touca, acessórios obrigatórios, aproximavam as imagens das alunas do Curso de Auxiliar daquelas do Curso de Enfermeiras. O novo uniforme rosa, sem touca, que passou a ser empregado, e que aparece em destaque na foto, passa a diferenciar as alunas de um e de outro curso.

Ao ver esta foto, uma das colaboradoras se reconheceu e informou que a imagem retrata um dia de estágio na SCM-JF.



Foto nº 9: Alunas da EEHB na inauguração do Ambulatório da SCM-JF.
Fonte: Acervo Jornal Diário Mercantil do dia 27 de Agosto de 1965.

A foto nº 9 ilustra como o segundo uniforme usado pelas alunas da EEHB funcionou como objeto de distinção profissional e hierárquica, eliminando a semelhança entre as alunas dos dois cursos, que conviviam nos campos de prática. É possível observar duas pessoas utilizando o avental sobre o uniforme e a touca, identificadas por uma das colaboradoras como sendo alunas do Curso de Auxiliar de Enfermagem; as outras duas, destacadas pelas setas, de vestido, sem avental e sem touca, eram alunas do Curso de Enfermeiras.

O uniforme das alunas do Curso de Auxiliar de Enfermagem permaneceu composto por um “vestido de listras azuis, tipo nescado, mangas curtas” (ARAÚJO, 2002, p. 85), sendo mantido o avental, o que é explicado por uma ex-aluna do ano de 1965,

Para diferenciar as enfermeiras das auxiliares e atendentes de enfermagem, pois o nosso uniforme era muito parecido com o delas. Precisava fazer uma distinção da categoria funcional. Muito justo! (C8, 2012, p.6).

A colaboradora citada acima informou na entrevista, que acha justo diferenciar pelo vestuário as categorias de enfermagem. Como este estudo trata do vestuário de alunas do

Curso de Enfermagem da EEHB, não foram investigados em profundidade os detalhes relativos aos uniformes das auxiliares e atendentes de enfermagem. Pode-se afirmar, entretanto, que as alunas da EEHB sentiam a necessidade de que houvesse um componente visual que distinguisse hierarquicamente as integrantes da equipe de enfermagem, pensamento que se relaciona com o papel do vestuário na identificação de profissionais e ao *status* que eles conferem.

Nessa época, associadas às transformações no campo social, o ambiente hospitalar passa por alterações em consequência do surgimento de novas tecnologias a serviço da saúde, que impulsionam a aquisição de domínio técnico das profissionais enfermeiras que atuavam nesses ambientes. Tal fato gera algumas alterações nas vestimentas, para melhor adequação ao contexto e ambiente de trabalho. Da mesma forma, a vida cotidiana das mulheres, que passaram a assumir atividades fora do âmbito doméstico, passa a exigir novos comportamentos, refletindo o momento político-social vivido. Para Barthes (2009, p.45), a “variação do uniforme também pode ser acompanhada por uma variação do mundo ou vice-versa”.

Neste sentido, assim descreveu outra aluna:

Então o uniforme teve que ser mudado para tornar a vida mais prática. Por que a grande maioria delas [das alunas] era interna e não tinha ninguém para cuidar do uniforme, lavar, passar. Eram elas que cuidavam de seus uniformes. Então teve que mudar (C10, 2013, p. 2).

Corroborando com Barthes (2009) quando afirma que as mudanças na forma de vestir emergem das mudanças ocorridas no seio da sociedade, destaca-se o seguinte fragmento de discurso de uma aluna que vivenciou a primeira mudança no uniforme em relação ao modelo do vestido instituído em 1965:

A gente chamava tubinho naquela época. Acredito que era por causa da praticidade do modelo. Que era realmente um modelo padrão, sem muitas novidades. [...] coincidentemente outras pessoas passaram a usar, ou a gente começou a observar mais as pessoas. As empresas começaram também a ver que era importante ter uniforme com modelo prático. Acho que pode ter sido isso o fator (C9, 2013, p.8).

A inserção da mulher no mercado de trabalho, como parte do processo de emancipação feminina foi significativa, pois representou o movimento para ultrapassar os limites impostos pela sociedade de então, que restringia a mulher ao mundo dos afazeres domésticos, à maternidade e aos serviços que requeriam habilidades manuais, subestimando sua capacidade de exercer atividades e profissões que requeriam maior conhecimento científico, intelectualidade e tomada de decisão (CIDREIRA, 2005).

Destaca-se que:

Outro dado que vale a pena sublinhar é o fato de que, impulsionadas pelo movimento feminista, as mulheres lutam cada vez mais para entrar em novas carreiras e para se afirmarem em ambientes anteriormente destinados aos homens. A ênfase da moda na praticidade dos modelos e na escolha dos tecidos origina-se nessa vida competitiva, que deixa pouco tempo, seja para combinar roupas, seja para cuidar delas (CIDREIRA, 2005, p. 39).

As alunas do Curso de Enfermagem da EEHB, na cidade de Juiz de Fora, se configuravam como mulheres na busca da profissionalização e da inclusão no contexto de trabalho extramuros, até então, predominantemente masculino.

2.2.1 Vestido rosa para o uniforme: múltiplos significados

Especificamente relacionado à cor utilizada nos uniformes, que mudou do branco para a cor rosa, encontra-se o seguinte relato sobre a importância e significação das cores:

Naquele período começou a se estudar a desmistificação do branco e as tonalidades que ajudassem na recuperação do doente. O azul, o verde incluindo o centro cirúrgico que deveria ser verde, para tirar o branco. [...] que os doentes precisavam de um estímulo, talvez um vermelho nas paredes, porque realmente foi um período de novos estímulos na arquitetura dos hospitais. Talvez isso justificasse a mudança para a cor rosa. Hoje que me passa isso. Na época a gente não questionou (C9, 2013, p. 2).

O significado simbólico da cor branca foi sendo construído e reconstruído no decorrer da história. Nas civilizações antigas a cor branca era relacionada à divindade e à sabedoria. Posteriormente, foram incorporados outros significados a esta cor, tais como: higiene, claridade, troca de energia e retenção da energia solar. Podia também ser vista como indicações negativas, tornando os ambientes monótonos, sem vida, e podendo levar à dispersão (FREITAS, 2007; CUNHA, 2004).

A história normalmente associa os ambientes hospitalares às cores neutras, tendendo para o escuro, o que perdurou por um longo período. Com o avanço de estudos sobre a cor, e com o advento da arquitetura hospitalar, demonstra-se que “[...] as cores neste ambiente tem-se modificado numa perspectiva de contribuir para a recuperação dos pacientes, para a qualidade de vida”. Portanto, a cor deve ser encarada como elemento que participa dessa mudança, podendo ser utilizada visando proporcionar bem-estar e tranquilidade (CUNHA, 2004, p.1).

Sobre o indivíduo que recebe a comunicação visual, a cor exerce uma ação tríplice: a de impressionar, a de expressar e a de construir. A cor é vista: impressiona a retina.

É sentida provoca uma emoção. E é construtiva, pois tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem, que comunique uma ideia (FARINA; PEREZ; BASTO, 2011, p. 27).

As mudanças na cor do uniforme das alunas da EEHB e dos ambientes hospitalares acompanharam o movimento de transformação da sociedade e os avanços da arquitetura, que passa a se valer de estudos que relacionam as cores com as emoções e energias, a exemplo da cromoterapia, utilizada desde a antiguidade. Reconhecida como prática alternativa pela Organização Mundial de Saúde desde 1976, a cromoterapia passou a ser empregada para decorar os diferentes ambientes de acordo com a suas funções, como parte do processo de humanização da assistência à saúde (MERENDA-JUNIOR; SYLLA, 2013).

Quando se trata de vestuário, são vários os caminhos que podem ser seguidos para explicar as mudanças ocorridas. Percebe-se que as se vetem de acordo com suas crenças e conhecimentos, o que demonstra o caráter cultural do vestuário. Assim, a inserção do indivíduo na sociedade e o modo como ele vive, a cultura vigente e as transformações que emergem na própria sociedade, são subsídios ao processo de construção e desenvolvimento da identidade:

Os indivíduos de cada geração devem reconstruir suas identidades sociais “reais” a partir das identidades sociais herdadas da geração anterior, das identidades virtuais (escolares) adquiridas durante a socialização inicial, das identidades possíveis (profissionais).[...] Entre os acontecimentos mais importantes para a identidade social, a saída do sistema escolar e a confrontação com o mercado de trabalho constituem atualmente um momento essencial da construção de uma identidade autônoma (DUBAR, 2005, p.148).

Ao considerar que mudanças fazem parte da trajetória de qualquer ser humano nos diversos ambientes em que ele está inserido, estas podem ser aceitas ou refutadas, de acordo com o entendimento sobre elas. As transformações ocorridas nos uniformes das alunas da EEHB repercutiram nos espaços onde elas atuavam. A introdução da cor rosa no uniforme, por exemplo, foi percebida por algumas alunas como positiva, por acreditarem que as deixava mais alegres e joviais, como pode ser confirmado na descrição de uma delas, da turma de 1965:

A gente aceitou e achava a cor rosa alegre. [...] talvez porque éramos muito jovens, achamos bom. O uniforme era menos tradicional, não lembrava tanto, irmã de caridade. Sentíamos mais soltas. A gente podia ser mais notada, não sei (C9, 2013, p.4).

Outra aluna assim definiu:

Era com prazer que a gente usava este uniforme. Porque a gente se sentia muito bem. Acho que o uniforme caracterizava a enfermeira. [...] Todo mundo muito bem arrumada. O uniforme muito limpinho, forrado, então ele não marcava. Fomos

muito felizes na época. Essa cor poderia ser até “brega” nos dias de hoje, mas naquela época nem foi questionada (C12, 2013, p.2).

Assim, fica evidente que a alteração no uniforme propiciou às alunas satisfação quanto ao seu uso, à cor e ao modelo que estava na moda naquele período. Elas passaram a sentir-se mais perto do modelo de enfermeira profissional, e distantes do modelo religioso. Ao dizer que se sentia “mais notada” com o uniforme rosa, a colaboradora manifesta sua sensualidade enquanto profissional que também era mulher, e que estudava para ter uma profissão digna na sociedade.

A bibliotecária que conviveu durante anos com as alunas da EEHB descreve sua percepção em relação à simbologia da cor rosa dos uniformes:

Não sei! Mas pode ter sido intuitivo. [...] O rosa representa o amor. E a enfermagem é amor, é dedicação pelo paciente num leito de dor. Então achei que o rosa foi uma cor muito própria para o desempenho do uniforme (C28 2013, p. 2).

Estudos sobre as cores e seu significado datam de muito tempo. Acredita-se que elas podem estar ligadas aos sentimentos, participando do cotidiano de trabalho e de lazer, influenciando na maneira de se relacionar entre as pessoas e com os ambientes ao seu redor. (LACY, 1989). As cores mais claras, em geral, são usadas quando o estado de espírito do indivíduo tende à calma e o contrário acontece quando ele apresenta agitação ou inquietude, quando utiliza cores mais quentes ou fortes (BECK, *et al* 2007; OLIVEIRA; PERIUS; ZAGO, 2004; CUNHA, 2004). A cor rosa por sua vez possui significados variados, se relacionando à sensibilidade e ao relaxamento. Da mesma, possui um vínculo cultural com o universo feminino, representando características como fragilidade e delicadeza (LACY, 1989).

O uniforme na cor rosa para as alunas da EEHB incorporava características inerentes e consonantes com a profissão que ora abraçavam, tais como delicadeza, amor ao próximo, abnegação. Neste período (década de 1960) culminam as transformações que começam a ocorrer nas décadas de 1930-1950 inserindo a mulher no mercado de trabalho, em profissões específicas, a exemplo da enfermagem, do serviço social e da nutrição, evidenciando uma sucessão de acontecimentos e modificações referentes ao gênero (APERIBENSE; BARREIRA, 2008). Essas mudanças alteraram a forma da mulher se vestir para o trabalho e para o lazer.

Ainda relacionada às repercussões causadas pela alteração nos uniformes no ambiente hospitalar, destaca-se o depoimento da colaboradora quanto à reação dos médicos do hospital e na sociedade:

No hospital, por parte dos médicos, houve certa resistência. [...] Eles ficaram divididos: uns acharam legal, que era bom, outros não. [...] médicos mais radicais, mais tradicionais que não gostavam de mudanças ou tinham medo das mudanças. Falavam que nós éramos funcionárias das Lojas Americanas. Havia esta rixa. Mas D. Celina sempre foi muito positiva, qualquer reclamação, qualquer impasse entre enfermeiras e médicos, ela defendia a enfermagem. Sempre foi muito positiva, defensora da enfermagem. O período foi difícil, depois que a gente já estava com ele de experiência, testando as reações pela cidade. Nós vimos vários locais do comércio com roupas bem semelhantes, lanchonetes e as Lojas Americanas que adotou um uniforme exatamente como o nosso! O comércio em geral apresentou modelos parecidos (C9, 2013, p. 2).

Depreende-se que, em um primeiro momento, as alunas se entusiasmaram com o novo modelo e cor do uniforme, visto como uma inovação na área de saúde, acompanhando as novidades que ora se faziam notar na modernização nos modelos e tecidos. Porém, ao presenciarem outras categorias profissionais (no comércio, por exemplo) adotando uniformes semelhantes passaram a ver com reserva a sua aceitação, uma vez que passaram a sofrer deboche dos médicos.

Quanto ao uniforme de saúde pública, o mesmo foi mantido até de 1965, conforme descrito anteriormente. Embora as colaboradoras não tenham se referido à utilização de outro tipo de vestuário na saúde pública, Araújo (2002, p. 85) em seu trabalho sobre a história da escola, descreve a utilização de “calça *jeans*, e jaleco branco” após a transferência dos alunos da FHB para a UFJF.

As alunas da EEHB, ao frequentarem os espaços hospitalares, contribuíram para a reconfiguração da imagem da enfermeira na cidade de Juiz de Fora, pois, ao utilizar seus novos uniformes na cor rosa, mesmo que não infringindo os preceitos previstos pela profissão de enfermeira, se sujeitavam à aceitação ou recusas. Esse processo contribuiu para o amadurecimento pessoal, na busca de identidade profissional.

Tal alteração na vestimenta passou a caracterizar as alunas da EEHB, distinguindo-as de outras colegas da área da saúde, ou seja, passou a identificar as enfermeiras, diferenciando-as de outras categorias profissionais dentro da própria enfermagem.

2.3 A ENTRADA DO HOMEM NA EEHB

O primeiro aluno do sexo masculino a estudar na EEHB foi admitido no ano de 1967, período em que as discussões das políticas educacionais no país causaram transformações efetivas na área. No período compreendido entre os anos de 1964 e 1967, novas discussões relacionadas ao processo educacional vigente no país voltaram a fazer parte das discussões na

esfera política e também da sociedade, contribuindo para a reforma universitária que viria ocorrer em 1968.

O primeiro aluno a ingressar na EEHB refere o quão difícil foi, naquele período, integrar o Curso de Enfermagem, pois a sociedade ainda entendia que a profissão cabia a pessoas do sexo feminino, e que os homens não seriam aceitação fácil nesse mercado de trabalho, exceto em nível técnico. O mesmo ocorria com outras profissões consideradas femininas, conforme relatou este ex-aluno:

Mas primeiro busquei a Faculdade de Serviço Social, olhei o currículo e não agradei. Disseram-me que se eu formasse em serviço social, teria que ir embora de Juiz de Fora, porque não tinha mercado de trabalho. Aí fui ver a enfermagem, embora a enfermagem também não tivesse mercado de trabalho [para o sexo masculino], conforme falaram algumas das enfermeiras naquele período (C10, 2012, p.1).

A insistência e a vontade de exercer a profissão de enfermagem contribuíram para que o aluno não desistisse de seu intento, inscrevendo-se no processo seletivo da EEHB. Após curto período de preparação, o candidato fez a prova de seleção e atingiu a média necessária para fazer o curso. Segundo o profissional, ao procurar a secretaria da EEHB, ele foi impedido de realizar sua matrícula, precisando de todo um expediente adicional para fazer valer seu direito, conforme registra:

Quando fui me matricular, não pude fazê-lo! Dona Horacina, secretária da diretora na ocasião, nos avisou que a escola era só para mulheres. Aí, voltei para o Hospital João Penido, completamente decepcionado. O diretor do hospital, naquela época o Dr. José Tostes falou para eu ficar tranquilo, que faria o Curso de Enfermagem, [...], pois estava faltando homens na área de enfermagem. Solicitou ao José Carrano, enfermeiro chefe do Hospital, ir à escola conversar com a D. Celina, o que aconteceu na tarde seguinte. Após esta conversa, D. Celina liberou a efetivação de minha matrícula. Então eu fui o primeiro aluno [homem] da escola. Logo depois também veio o Elpídio (C10, 2012, p.1).

Para a concretização de sua matrícula, o primeiro aluno a ingressar na EEHB dependeu da influência política do diretor do hospital onde trabalhava, o qual intercedeu junto à direção da escola. A negação para efetivação da matrícula do aluno na EEHB foi revertida após a interferência do médico, Dr. José Sabino Tostes, diretor do hospital João Penido, instituição hospitalar estadual que atendia aos pacientes portadores de tuberculose e com quem a diretora Celina Viegas mantinha boas relações. Este mesmo médico, anteriormente, já havia admitido na instituição um enfermeiro graduado pela Escola Alfredo Pinto, do Rio de Janeiro, o que provavelmente foi usado como argumento para convencer a diretora da escola a aceitar outro funcionário do hospital no curso.

Ao ingressar na escola, o aluno recebeu estímulo e ajuda não somente do diretor, mas também do primeiro enfermeiro a fazer parte do corpo de profissionais do Hospital João Penido, sendo este fato significativo para a construção da identidade dos enfermeiros na cidade, sendo resultado do compartilhamento de saberes apreendidos entre diferentes escolas do país, bem como da contribuição masculina para a prática da profissão.

O primeiro estudante do sexo masculino a se matricular na EEHB era funcionário público do Estado de Minas Gerais, exercendo o cargo de servente no Hospital João Penido. Ao mesmo tempo, cursava o ensino secundário como técnico em contabilidade. Apresentava, portanto, algum conhecimento na área de saúde, diferentemente da maioria das alunas, que ainda não trabalhavam. Após poucos meses na escola, “em 18 de agosto de 1967, foi eleito responsável pela Comissão Cultural do Diretório Acadêmico Celina Viegas” (ARAÚJO, 2002, p. 105).

De acordo com autores que estudaram a trajetória histórica da enfermagem brasileira do ano de 1923 até a década de 1960, a profissão, nos moldes *nightingaleanos*, esteve voltada exclusivamente para o sexo feminino, devido aos predicados considerados inerentes ao gênero como renúncia, altruísmo e religiosidade, comportamentos valorizados na atividade de cuidar do próximo, vistos como uma extensão do papel da mulher-mãe, em especial nos ambientes hospitalares. Tais atributos foram aliados à cientificidade, necessária ao ato de assistir o ser humano dentro de uma concepção de investigação básica e clínica (causa e efeito), impulsionada pelo crescimento hospitalar ocasionado pela industrialização, sem abalar as estruturas impostas pelos médicos de então e pela sociedade brasileira culturalmente machista (OLIVEIRA; EGRY, 2000). Tais fatos contribuíram para a manutenção da feminilização da profissão dentro do ambiente hospitalar, onde havia, até recentemente, a predominância de sexo masculino nas áreas profissionais correlatas, principalmente na medicina, sendo, normalmente, o médico, considerado o principal ator das instituições assistenciais de saúde (PADILHA; SANTOS; BARREIRA, 2008; FERREIRA, 2008, PAI; SCHRANK; PEDRO, 2006).

A entrada do homem na EEHB, escola fundada sob os preceitos da Enfermagem Moderna, antecedendo a implantação da reforma universitária de 1968, representa uma ruptura dos padrões institucionalizados. Coloca a escola na condição de vanguarda em relação às mudanças dos paradigmas impostos à profissão de enfermeira, em um modelo até então eminentemente feminino (SIMÕES; AMÂNCIO, 2004).

A própria história tem a sua dinâmica de mudanças, o seu movimento contínuo, impulsionando ou opondo resistência às transformações da realidade, num processo

permanente que permite ao ser humano ter um papel ativo ou passivo, sem, no entanto, deixar de sofrer as consequências deste mesmo percurso histórico.

Vislumbram-se neste sentido, dois caminhos que reportam à construção da identidade do enfermeiro /enfermeira na cidade. O primeiro diz respeito à questão do gênero, que desde o início da história da Enfermagem Moderna foi exercida predominantemente por mulheres, o que gerou certas dificuldades na recente aceitação do homem na profissão, conforme retratado pelo primeiro aluno da escola. O segundo ponto a ser destacado é a visão da diretora ao aceitar o desafio de receber na EEHB um aluno do sexo masculino, fazendo da escola uma das pioneiras, criadas sob o Padrão “Ananéri”, a realizar tal feito, apesar de ter havido a interferência no caso, por parte de um médico influente da cidade de Juiz de Fora.

Mesmo após a normalização da entrada de homens na EEHB, as turmas posteriores a 1968 permaneceram com um contingente de homens bem abaixo do feminino, tanto na escola como também em outros cursos de enfermagem distribuídos pelo país. Assim, o ingresso de homens na EEHB, a partir do ano de 1967 se configurou como um diferencial para a enfermagem na cidade.

O compartilhamento de ideias e a união de forças entre homens e mulheres contribuem para a construção de uma profissão. Os atributos exigidos pela EEHB para um candidato almejar exercer a profissão estavam baseados na competência a ser adquirida para o exercício da enfermagem, independente do gênero, se conformando esse no critério peculiar na cidade de Juiz de Fora, segunda escola no estado a aceitar alunos do sexo masculino, mesmo antes da Lei 5540, de 28 de Novembro de 1968, conhecida como a Lei da Reforma Universitária (RU).

Como durante as aulas ministradas no segmento teórico do curso as estudantes não usassem uniformes, o primeiro aluno homem iniciou suas aulas trajando roupas comuns. A partir de 1967, a EEHB providencia um uniforme masculino para que os alunos homens que então comesçassem a frequentar o curso de enfermagem se institucionalizassem por completo, vestindo uma roupa condizente com a imagem pretendida pela escola.

2.4 TERCEIRO UNIFORME USADO NA EEHB (1968-1978)

2.4.1 Panorama sócio-político no período em que ocorreu a segunda mudança de uniforme da EEHB

A EEHB continuou sua trajetória educacional como formadora de enfermeiras, construindo gradativamente uma identidade profissional e social do grupo na sociedade de Juiz de Fora, através do compromisso dos dirigentes da escola, que se mantiveram firmes na busca pelos ideais científicos, técnicos e humanitários da Enfermagem Moderna. Sendo assim, a escola foi se adequando às mudanças que se faziam notar no mundo e no Brasil, e alterou novamente o uniforme das alunas, no ano de 1968.

O contexto político-educacional de 1968 foi marcado pela reforma universitária, momento em que o primeiro aluno da EEHB já participava do movimento estudantil da escola. A RU resultou de várias manifestações de estudantes brasileiros, que juntamente com os educadores do país conclamavam por uma mudança na educação. Este movimento já vinha acontecendo em anos anteriores, principalmente no âmbito do sistema universitário, que não era capaz de absorver o montante de alunos que almejava uma educação de nível superior, como forma de galgar novos patamares na escala de ascensão social e profissional, numa sociedade anteriormente voltada para as atividades do campo.

Impulsionando esta busca por profissionalização, também a indústria brasileira tinha se desenvolvido no governo de Juscelino Kubitschek, necessitando de mão de obra especializada para atender as demandas desenvolvimentistas para o progresso da nação (FAUSTO, 1998).

Sobre o contexto educacional no período em que os militares detinham o poder na sociedade brasileira, Araujo-Junior observa:

As classes médias urbanas passaram a definir o topo das burocracias públicas e privadas como alvo da ascensão. Como essas burocracias eram organizadas de forma hierárquica, utilizando os graus escolares como um dos requisitos de admissão e promoção, houve um aumento da demanda por escolarização em todos os níveis. A incapacidade da estrutura universitária em atender essa procura por escolarização provocou, no início da década de 1960, uma crise no sistema universitário, que passou a ter sua estrutura questionada pelos setores sociais interessados em sua reformulação (ARAÚJO-JUNIOR, s/d, p.9).

Evidencia-se, neste período, a inquietação de uma parcela da sociedade com o processo educacional brasileiro e com a lentidão das reformas, que há muito vinham sendo reivindicadas, mas, não implantadas. Com a reforma de 1968 algumas mudanças na universidade foram de extrema importância para os estudantes que protestavam por um

número maior de vagas e desejavam obter formação de nível superior. Entre as mudanças pode-se citar o término das cátedras; a unidade acadêmica; a segunda opção no vestibular, com o preenchimento de vagas excedentes nos cursos considerados de baixa adesão; a indissolubilidade de ensino, pesquisa e extensão; e a criação da pós-graduação nas universidades brasileiras (ABRAMO, 1997).

No que se refere à enfermagem, a RU rompeu com o modelo pedagógico vigente, acarretando a perda do controle das dirigentes sobre a composição qualitativa e quantitativa do corpo discente e o afastamento físico entre professores e estudantes de enfermagem durante os semestres do ciclo pré-profissional, comum às carreiras da saúde. (BAPTISTA; BARREIRA, 2006, p. 413).

A diferença de formação do Curso de Enfermagem em relação a outros cursos da saúde foi acentuada, pois até então estava voltada mais para o desenvolvimento de habilidades práticas. Após a implantação da reforma universitária, uma transformação na identidade profissional do enfermeiro tem início, o que traria consequências para diferentes aspectos da formação nas escolas de enfermagem. Desde então é oferecida a formação para homens e mulheres, afirmando-se o propósito de investir na pesquisa e produção científica para se concorrer com outras carreiras universitárias no campo educacional (BATISTA; BARREIRA, 2006; PADILHA *et al*, 2006).

Em relação à participação dos alunos da EEHB, no contexto social e político no final da década de 1960 tem-se o relato de uma aluna, formada no ano 1971, que mostra a participação dos homens nos movimentos político-sociais:

Na escola sempre tive liberdade de colocar as minhas ideias. Quando participava do DA, pedimos aos calouros que desfilassem em silêncio. Aí nós fomos chamadas até a Polícia Federal. Eu e alguns membros do DA e até a direção da escola. D. Celina falou o seguinte: o DA não é de vocês? Não foram vocês que pediram as alunas para desfilar em silêncio? Então vocês vão lá e respondam por seus atos (C11, 2013, p.7).

Outro aluno do mesmo período expõe sua opinião sobre esta manifestação da seguinte forma:

A nossa turma foi fazer uma manifestação de divulgação da escola. Montamos um grupo em frente ao Palácio da Saúde, para fazer uma caminhada até o Parque Halfeld. Na hora da caminhada como eu era funcionário público, ela [D. Celina] não permitiu que eu fosse, porque se fosse detido, ia complicar a minha vida (C9, 2013, p.3).

Embora havendo algumas divergências sobre o real motivo da passeata, depreende-se que algumas alunas de enfermagem, acompanhando o contexto social circundante, se colocaram como sujeitos do processo de participar das experiências que lhes eram permitidas.

Aqui se observa uma passeata com as alunas “calouras” contribuindo para o fortalecimento dos vínculos entre as alunas e seu amadurecimento pessoal em relação à participação política.

A participação na passeata foi uma das estratégias utilizadas também para divulgação da escola. Porém, em detrimento das concepções políticas vigentes, a manifestação das jovens alunas foi entendida como fora do contexto, um afrontamento, “[...] uma ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade” (ABRAMO, 1997, p. 28), visto que no período a liberdade de expressão estava banida no seio da sociedade e os estudantes utilizavam as passeatas como forma de contestação político-social.

Ao serem interpeladas quanto ao poder ditatorial em vigor, as alunas enfrentaram situação adversa ao terem que comparecer diante a Polícia Federal para prestar esclarecimentos sobre o episódio, fato esse que necessitou da interveniência da direção junto ao órgão competente, em favor das alunas.

Outra atuação determinante dos alunos da EEHB no contexto político-social de Juiz de Fora para o reconhecimento da enfermagem na cidade enquanto profissão de relevância para a população foi a utilização da imprensa falada.

Nós tínhamos um tempo num programa que se chamava Crepúsculo e outro programa que se chamava Roda Viva, onde a gente passava informações da área de saúde, do Curso de Enfermagem na cidade e comunicando para a sociedade de Juiz de Fora a importância do Curso de Enfermagem, o trabalho na área de saúde. Trabalho de educação para a saúde. (C10, 2012, p.2).

A divulgação do Curso de Enfermagem da EEHB e as orientações sobre saúde valendo-se do rádio como veículo de educação, evidencia outra ação de extrema importância, e a visão e o compromisso da escola em transmitir aos seus alunos os pilares mestres que sustentam a profissão de enfermagem, a saber, a educação em saúde. Ao mesmo tempo se invocava por candidatos para o curso, uma vez que a sociedade brasileira carecia desse profissional de enfermagem. (SECAF; SANNA, 2003).

Assim, os alunos da EEHB, ao participarem de atividades extramuros da escola, contribuía, cada um a seu modo, para a formação identitária da enfermagem na cidade de Juiz de Fora e região.

2.4.2 - O uniforme cinza: uma nova imagem das estudantes da EEHB

Após a entrada do homem na EEHB foi providenciado outro uniforme para os alunos da escola. Este uniforme passou a ser utilizado no ano de 1968, quando os homens que entraram no ano de 1967 começaram as atividades práticas dentro das unidades hospitalares.

O terceiro uniforme usado pelos estudantes da EEHB era constituído por um conjunto de três peças para as mulheres, sendo elas: uma calça comprida ou saia lisa, na cor cinza, uma blusa branca de manga curta, gola esporte, aberta na frente, sendo fechada pelo sistema de botões; um colete sem gola e sem manga, com quatro botões na parte frontal, também na cor cinza. Como acessórios, eram estipulados sapatos brancos, fechados e meias cor da pele. Na cabeça não se exigia nenhum tipo de acessório, mas os cabelos tinham que ser mantidos alinhados. Para as alunas de cabelos longos, era obrigatório mantê-los presos durante as atividades práticas.



Designer: Aline Costa

Desenho nº 5: Detalhe da calça comprida em uniforme da EEHB: de 1968 a 1978
 Fonte: Designer Aline Costa, 2014.

Para as atividades práticas e estágio, que era uma disciplina única, utilizávamos um uniforme cinza. Tipo um terninho. Uma calça comprida e um colete cinza de um tecido semelhante ao tergal. [...] que não amarrotava. Sintético. E por baixo deste colete tinha uma blusa aberta na frente, com a manga [...] e uma golinha que dobrava. Uma blusa tradicional, que a gente chamada de colegial. Este coletinho tinha dois bolsos nas laterais (esquerda e direita) e tinha quatro botões. Decote “V”, sem manga. A gente vestia a blusinha e por cima este colete. A blusa ficava dentro da calça e o colete para fora, até mais ou menos na altura da virilha. Era mais comprido, na altura da virilha. A gente tinha que andar com o cabelo preso, principalmente quem tinha cabelo longo. Não usávamos nenhum acessório na cabeça. Brincos curtos na orelha, bem discretos, delicados. Não se podiam usar joias, nem bijuterias, nem anel, nem cordão. Somente um relógio que tivesse ponteiro de minutos e segundos. Tinha esta exigência. (C21, 2014.p.1).

No caso dos estudantes do sexo masculino ficou estabelecido um conjunto composto por calça comprida cinza e jaleco abaixo dos quadris, na cor branca; sapatos brancos e meias de mesma cor. Para os dias de frio era permitido o uso de uma blusa de manga comprida, desde que na cor branca.

Em relação às mudanças na confecção do terceiro uniforme observa-se que, desta vez, foi contemplada a participação das alunas, pois,

Houve uma discussão no conselho, foi passado para nós e tivemos opção de escolha. A grande preocupação, da turma era a democracia. [...]. E a gente naquele período percebeu avanços na escola. Foi um processo democrático. Eles deram algumas opções, não me lembro quais foram, e então a opção vencedora foi: calça cinza ou saia cinza. Para nós um jaleco. Ficou até um uniforme bonito. (C10, 2012, p.2).



Foto nº 10: Uniforme de aluna da EEHB de 1968 a 1978
Fonte: Acervo pessoal Darcília Maria Nagen da Costa

O uniforme de cor cinza da EEHB seguiu os ditames da moda para o período (fim da década de 1960 até final da década 1970). O tecido era sintético, não amarrotando muito, facilitando manter os uniformes alinhados e reduzindo o tempo dispendido para mantê-lo conforme a exigência da escola.

Observa-se na foto nº 10 que a calça era modelo “boca sino”¹⁹ muito usada nos anos 1970, com cintura bem demarcada, as pernas levemente justas até o joelho, e uma boca que se alargava do joelho até os pés. Também ilustra a aluna com uma blusa de manga comprida na cor branca, permitida no inverno.

¹⁹Boca sino: Calça clássica, muito utilizada nas décadas de 60 e 70, caracterizadas, por bocas largas, que se assemelham a sinos (CATELLANI, 2010, p. 180).

E a calça tinha uma abertura que a gente chamava na época “boca sino” Não tão aberta, porque a boca sino tinha entre 40 cm de abertura A nossa calça era um pouco mais estreita. Sapatos brancos. (C21, 2014, p.3).

Mesmo a escola guardando os preceitos exigidos naquele período para uma escola de formação de enfermeiras, não se absteve em observar as mudanças requeridas pela conjuntura social e cultural da época, permitindo que as alunas opinassem sobre as mudanças no novo uniforme. Entretanto, esta participação foi limitada, pois, de acordo com relato de uma ex-aluna da época, os modelos foram apresentados já pré-estabelecidos para que apenas optassem por um deles. Ou seja, as alunas não tiveram participação na escolha propriamente dita dos detalhes que o uniforme deveria trazer, como por exemplo, se deveria ser saia ou calça, se deveria ter bolsos, touca, meias, ou a cor dos sapatos, entre outros aspectos importantes na composição de um vestuário.

Apesar de ser em número reduzido, a EEHB continuou mantendo em seu quadro, alunos do sexo masculino. Encontra-se uma descrição pormenorizada da calça utilizada pelos alunos, nos anos 1970, o que demarcava a separação entre os gêneros.

A calça tinha detalhe igual ao exército. Bolso lateral e um bolsinho na frente no centro da calça para colocar alguma coisinha. Seguiu todo um padrão de roupa da época (C16, 2014, p. 2).

Acompanhando o processo de transformação da moda que estava acontecendo no Brasil e no mundo, a cidade de Juiz de Fora assimilou as mudanças e vestuário e de consumo que influenciaram a sociedade de então. Estas estavam, por um lado, relacionadas ao crescimento econômico e industrial do período, com aumento de contingente masculino “em áreas de produção e por sua vez a mulher nas atividades de consumo” (CASTRO; GUIMARAES, 1987, p.12).

Outro fator que influenciou a moda brasileira em meados de 1960 foi o aparecimento e a consagração alcançado por profissionais homens na alta costura e na indústria da moda, como Pierre Cardin, Paco Rabane, André Courrèges e Yves Saint Laurent. Eles introduziram “novas fibras sintéticas, novas formas, e novas cores, mais alegres e vibrantes para a confecção do vestuário, que passou a ser consumido de uma forma mais rápida a partir da confecção de roupas em larga escala pronta para ser consumida” (QUIRINO; FRANÇA, 2004, p. 19).

Ao serem questionadas sobre os uniformes nas atividades de saúde pública, as ex-alunas da EEHB relatam que utilizavam o mesmo uniforme cinza também nas atividades realizadas no Dispensário Eduardo de Menezes, instituição de controle e detecção da tuberculose, que funcionava no mesmo prédio da EEHB, local onde os alunos faziam práticas

de controle de doenças transmissíveis, além de vacinações e coleta de sangue. Nas aulas práticas de anatomia, utilizava-se um jaleco branco, conforme os relatos das ex-alunas:

As práticas de Saúde Pública foram com a D. Conceição Lessa, no Palácio da Saúde. Utilizávamos o mesmo uniforme cinza. A uniforme cinza era para tudo. Não tinha diferença de uniforme de um lugar para o outro. A única diferença era o jaleco branco que usávamos no anatômico (C19, 2014, p.2).

Nas práticas de saúde pública e nas práticas hospitalares, usávamos o mesmo uniforme do hospital. Fiz algumas práticas de saúde pública em algumas unidades de saúde pública (antigamente falava postos de saúde) e no antigo Palácio da saúde (C22, 2014, p.2).

Sendo assim, a partir de 1968, a EEHB estabeleceu um único uniforme para as atividades práticas das estudantes, fosse para uso na área hospitalar ou na área de saúde pública. Este uniforme, na cor cinza, foi usado até dezembro 1978, último ano de funcionamento da escola, já então denominada Faculdade de Enfermagem Hermantina Beraldo (FEHB).

Em abril de 1979 começa o processo de transferência do corpo social da então FEHB para o Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFJF, não havendo prejuízo para os alunos que continuaram a formação na universidade da etapa em que estavam (FIGUEIREDO; BAPTISTA, 2009).

Mas no final de 1978 eu me recordo de algumas aulas dentro do hospital Universitário e nós fomos orientados a ter uma calça branca e uma blusa de malha branca (C25, 2014, p1).

Conforme relato de uma das alunas que entrou na FHB, no ano de 1978, antes da transferência das alunas para a UFJF, é mencionada a orientação da escola para a utilização de uniforme na cor branca, dentro das dependências do Hospital Escola.

Relacionados à utilização do uniforme na cor branca outra aluna assim relata:

Lembro-me que quando estávamos na Hermantina, tinha esse uniforme (cinza) Pouco antes de irmos para a Federal as coisas foram enfraquecendo, porque era inevitável a gente ir para lá. Elas (as professoras) foram um pouco que afrouxando. Então não me lembro de tantos detalhes. Mas as coisas que tinham muito significado eram isso. Deste uniforme cinza. (C17, 2014, p. 4).

Porém, há outros relatos que afirmam a permanência do uniforme na cor cinza até o término das atividades na FHB. Tentativas junto à diretoria da escola foram feitas pelos estudantes através de representação no DA, argumentando e solicitando a mudança na cor do uniforme, do cinza para o branco, já que faziam estágio no Hospital Escola e os demais profissionais da área da saúde utilizavam vestimentas nesta cor (MARTINS; MARTINS, 2011).

A seguir são retratados fragmentos de depoimentos de duas alunas que formaram no ano de 1978, relacionados às constantes reivindicações para a mudança do uniforme de cor cinza:

Lembro-me, não sei precisar bem, mas nos últimos períodos houve uma assembleia na escola, partindo inclusive de um movimento do presidente do DA, Eduardo Karcher. Eu era secretária do DA Mas eu não estava muito mobilizada para esta questão. Dona Dulce Glória, era a diretora, na época. Nós queríamos utilizar o uniforme branco e ela não aceitou. [...] Contra argumentou. Convenceu-nos que a enfermagem era diferente. Ela falou assim: vocês querem ser 'enfermeiros', ou 'medicoenfermos'? Consideramos um pouco agressiva (a atitude da diretora) Mas não tínhamos voz, para falar. E aí todo mundo se restringiu a ficar em silêncio e continuou do jeito que estava. Não tínhamos esta questão de dar respostas. A gente deu por encerrada a conversa e ficou por isso mesmo. Quando veio para a Universidade, quando acabou a última turma da Hermantina, mudou o uniforme. Aí já veio o uniforme branco. Foi na transição. (C21, 2014, p.3).

Havia um questionamento muito grande das acadêmicas do porque utilizar o cinza (uniforme). Nós não queríamos o uniforme cinza. Fizemos uma mobilização na escola e houve um pleito. A justificativa maior da escola para manutenção do cinza era para identificar melhor as acadêmicas de enfermagem. Porque o rigor da vigilância era imenso. Então a gente não se misturava com os outros acadêmicos. E sabia-se muito bem, quem era a Hermantina Beraldo dentro do Hospital, do HU. Depois, a universidade encampou a Hermantina e acabou o uniforme cinza automaticamente. Foi com essa transição que terminou (C18, 2014, p. 4).

Fica evidenciada a inquietação dos alunos em relação ao uniforme de cor cinza, já que trabalhavam juntamente com outros profissionais - nas dependências do hospital escola e de outras instituições de saúde - onde a cor predominante era a branca. Em razão deste fato foram levantados os questionamentos acima mencionados. Neste sentido, os alunos buscaram maior aproximação e equiparação profissional com os demais colegas da área da saúde. Porém, a direção da escola decidiu por manter o uniforme na cor cinza, como forte símbolo de identificação e identidade, até que todo o corpo social da FEHB fosse totalmente transferido para a UFJF.

3 UNIFORME COMO OBJETO SIMBÓLICO DE REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM IDENTITÁRIA DA ENFERMEIRA GRADUADA PELA EEHB

O rito da formatura sela os anos de estudos e empreendimentos realizados pelos alunos, professores e instituição formadora, como um investimento da sociedade da qual se é parte. Na enfermagem brasileira não é diferente. Desde a diplomação das primeiras turmas de enfermeiras no país, a institucionalização do ritual da formatura foi um acontecimento de reconhecido valor simbólico, no sentido de dar visibilidade às recém-formadas enfermeiras e consolidar a identidade construída na profissão. Para tanto a imprensa foi utilizada como instrumento para veicular os registros escritos e imagéticos destes eventos formais e festivos (PORTO; SANTOS, 2009).

Para a formatura, a aluna vestia o uniforme de enfermeira diplomada a fim de se apresentar durante a cerimônia com o vestuário próprio da classe profissional qual iria pertencer.

Ao considerar a forma de se vestir na história da humanidade os uniformes ou fardas tiveram o objetivo de marcar a identidade própria e particular de vários grupos, categorias, tribos, associações, times, classes sociais, alunas de determinada escola, buscando transmitir uma imagem simbólica e uma identidade profissional (LURIE, 1997).

Para Silva *et al* (2002, p. 588):

A imagem profissional remete-nos à própria identidade profissional em sua intrincada rede de significados que se pretendem exclusivos e, portanto, inerentes àquela profissão. A imagem profissional se consubstancia, assim, na própria representação da identidade profissional, que é em si um fenômeno histórico, social e político.

Durante o Curso de Enfermagem, a EEHB preservava os rituais tradicionais da categoria, presentes na formação e na formatura, o que contribuía para consolidar a identidade profissional de suas diplomadas. Rituais como a passagem da lâmpada, o juramento, o uniforme foram tradições cultivadas desde a implantação da Enfermagem Moderna no Brasil, em 1923, visando a sustentação do processo de formação da identidade da enfermeira brasileira.

3.1 UNIFORME USADO NA FORMATURA: símbolo da enfermeira diplomada na EEHB (1947-1965).

Para a cerimônia de formatura das enfermeiras, a EEHB instituiu um uniforme semelhante ao das professoras, aproximando a imagem das recém-formadas enfermeiras com as docentes e profissionais que atuavam no meio, com as quais as alunas deveriam se identificar ao se diplomarem. A semelhança com o uniforme das professoras tem valor emblemático e fundamental, uma vez que deveria simbolizar o arquétipo da enfermeira moderna, a ser reproduzido na sociedade. O uniforme usado na formatura era o de Enfermeira Diplomada na sua versão de gala (uniforme de gala).



Foto nº 11: Formatura das alunas da EEHB - Ano de 1963.
Fonte: Família da Enfermeira Conceição Lessa.

O uniforme de gala de enfermeira, usado no período de 1947 a 1964 (foto nº 11) era um vestido de linho branco, de mangas compridas, sem punho. O modelo da saia do vestido era *evasê*, cintura bem marcada, com um cinto para a cintura, feito do mesmo tecido. O comprimento deveria ser abaixo do joelho; a blusa era abotoada lateralmente, com o uso de quatro botões. A extensão, como uma variante do vestuário é “certamente a medida mais objetiva; aliás, só ela recebe notação centimétrica. O comprimento é a mais precisa das variantes de medida, é também a mais usual” (BARTHES, 2009, p. 202, 203).

Complementava o uniforme de gala, uma touca branca de organdi engomada, uma capa de pelerine²⁰ ou lã fina, aberta, na cor branca, com comprimento abaixo dos joelhos, cobrindo todo o vestido, e presa, em sua parte superior, por um broche contendo a insígnia da escola. Os sapatos eram fechados, na cor branca, e com meias da cor da pele.

O uniforme de gala era um uniforme de linho branco, abotoado do lado. A capa era de lã, uma lã mais fininha. A touca era de organdi, era bem bonita. Ficava engomada. (C1, 2013, p. 4).

Era um vestido. Parecia mais uma roupa japonesa. Abotoada de lado, até no ombro e tinha uma capa que a gente chamava de pelerine, cobria até o joelho. (C3, 2013, p.3).

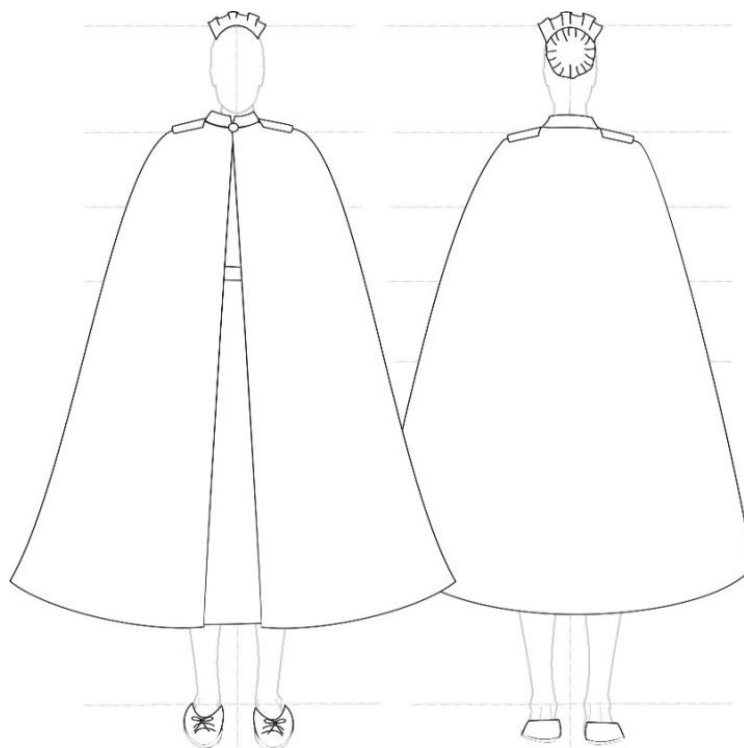
Tinha uma capa. Ela era tipo gola de padre e o resto era godê, de lã. Esta capa a gente usava em festividades. (C4, 2012, p.2).

O vestido branco de linho²¹, destacado pelas alunas, marcava também o momento solene, majestoso, o auge que estavam vivenciando, demarcando a posição de profissional que iriam assumir logo após a formatura. Neste sentido, o tecido de linho, utilizado desde a antiguidade para as vestes dos monges e sacerdotes (LAVÉ, 1990), bem como para confecção de roupas mais finas, passa a ter valor simbólico, representando o ato de festejar uma conquista importante na vida das alunas, ou seja, a formatura (AVELAR, 2014).

Percebeu-se durante as entrevistas, que as alunas, ao descreverem o uniforme utilizado na cerimônia de formatura, apresentaram um brilho diferente no olhar, um sorriso no rosto, um gesticular mais intenso, demonstrando o quão importante foi para elas aquele momento. Sentiam-se importantes com a etapa vencida, mas também por estarem sendo apresentadas de uma forma solene à sociedade juizforana, como enfermeiras diplomadas. No entanto, nota-se que o acessório mais destacado pelas alunas é a capa (citada por três das quatro colaboradoras) e não a touca (citada por apenas uma colaboradora), o que evidencia que a peça constituía um acessório de valor simbólico para aquele grupo.

²⁰ Inicialmente, apresenta-se como um manto sem mangas ou cavas usado pelos peregrinos. Depois, o *pelerine* apareceu em diferentes períodos da história, em forma de capa de corte diagonal jogada sobre os ombros com fendas para enfiar as mãos (CATELLANI, 2010, p. 183).

²¹ Nome comum a várias plantas da família das lináceas (fibra natural de estrutura alongada como um fio pertinente ao reino vegetal), de cujas hastes é extraída a fibra para o fabrico de fios de tecido e rendas. (CATELLANI, 2010, p. 703-704).



Designer, Aline Costa

Desenho nº 6: Capa pelerine usada em cerimônias de formatura da EEHB até1964
 Fonte: Designer Aline Costa, 2014.

A capa, (desenho nº 7) conforme descrito pelas alunas era confeccionada de um tecido mais pesado e encorpado do que o vestido. No entendimento dos estudiosos de moda, o peso da roupa confere uma demarcação à matéria, associada à força e autoridade que melhor define um tecido do qual o vestuário é composto (BARTHES, 2009).

Como substituto do corpo o vestuário com seu peso participa dos sonhos fundamentais do homem, do céu e da caverna; da vida sublime e do enterramento; do voo e do sono: é com seu peso que o vestuário se torna asa ou mortalha, sedução ou autoridade. Os trajes cerimoniais são pesados: a autoridade é um tema de imobilidade, de morte. Os trajes que festejam as bodas, o nascimento, a vida, são vaporosos e leves (BARTHES, 2009, p 194).

Ao destacarem o uso da capa na solenidade da formatura, percebe-se o grau de importância que é conferido à peça, e o valor simbólico que ela confere às enfermeiras no ato da diplomação, quando começam a fazer jus da autoridade de profissionais. A capa, como componente da vestimenta de formatura impressionava até mesmo os funcionários da escola.

Conforme descreve a bibliotecária que acompanhava este rito de passagem na EEHB, a cerimônia de formatura era apreciada pela sua beleza ritualística, tanto pela equipe de

diplomandos, quanto por funcionários da escola presentes, como pode ser visto no relato que se segue.

Era uma solenidade muito bonita. Formada com aquele uniforme, aquela capa linda! (C28, 20013, p.6).

Para prender a capa, usava-se um broche²² contendo a insígnia da EEHB, acessório que as alunas compravam na própria escola:

O acessório que tinha era um distintivo com um triângulo escrito: arte, ciência e ideal (C6, 2013, p.1).

A gente tinha que comprar um broche escrito Escola de Enfermagem de Juiz de Fora (C5, 2013, p.3).



Foto nº 12: Acessório (broche) utilizado para prender a capa.
Fonte: Acervo pessoal de Ana Margareth Aarestrup Arbex.

O broche era constituído de vários elementos simbólicos. Externamente, possuía um círculo de folhas douradas, que segundo as colaboradoras era folheado a ouro; sobre o círculo de folhas, trazia uma cruz amarela, com bordas brancas; sobre a cruz, conhecida como Cruz

²² Acessório que serve para adornar e prender duas partes de uma peça de vestuário. Foi usado no decorrer dos tempos, desde a época primitiva, especialmente no primeiro milênio da era cristã. Confeccionado em ouro, prata e bronze, de forma elaborada, contendo intrincados desenhos feitos em baixo relevo e incrustações de pedras preciosas (CATELLANI, 2010, p. 29).

de Malta²³, dois círculos se justapunham: um branco, gravado com o nome “Escola de Enfermagem Juiz de Fora” e o outro, central, de cor azul marinho mostrava um triângulo, sendo que em cada lado deste triângulo exibia uma das palavras do lema “Arte, Ciência, Ideal”, bem como a data de criação da escola, 1947; o centro do triângulo ostentava a lâmpada grega²⁴, símbolo da Enfermagem Moderna, desenhada em dourado.

O broche da EEHB era repleto de significações. A tríade pautada nos fundamentos filosófico-*nightingaleanos* de Arte, Ciência e Ideal de cuidado de enfermagem demonstra os pilares da escola no Sistema *Nightingale*. Ter um ideal na enfermagem significa atingir um patamar de cuidado onde o humano não se restringe ao corpo que adocece, mas ao contexto que o cerca, interfere e reflete o seu estado de saúde física, mental e social. O conhecimento, a busca da ciência e da cientificidade torna a enfermeira apta a analisar, refletir, assistir, orientar e educar, se instrumentalizando para que, a assistência ao ser humano doente possa ser feito por uma “enfermagem que é arte uma profissão e não um trabalho temporário que qualquer pessoa pode fazer” (MIRANDA, 1996, p.150).

²³ Baseado no símbolo das Cruzadas, a Cruz de Malta é representada por uma cruz de oito pontas, sendo que quatro delas apontam para o centro e oito pontas são externas, formando quatro braços simétricos que partem do centro e se juntam em suas bases. Vale lembrar que seu significado principal advém de suas oito pontas, que representam as forças centrípetas do espírito e simbolizam a regeneração da alma. As oito pontas da cruz simbolizam também as obrigações a serem seguidas pela Ordem dos Cavaleiros de Malta, que eram: ter fé, viver na verdade, dar provas de humildade, ser misericordioso, arrepender-se dos pecados cometidos, ser incondicionalmente sincero, e suportar a perseguição Utilizada por várias organizações religiosas, a Cruz de Malta também é conhecida como a “Cruz de São João”, considerada símbolo guerreiro dos cristãos, da coragem e das virtudes cristãs. Disponível em: <<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/cruz-malta/>>. Acesso em 25 nov. 2014.

²⁴ Lâmpada Grega: Durante a noite, Florence Nightingale visitava os soldados feridos levando uma lanterna de campanha para iluminar seus passos nos longos corredores enquanto prestava os cuidados necessários. O efeito da luz, além de possibilitar a atenta observação, aplacava a dor e solidão dos enfermos, animando-os na luta contínua pela vida. Assim, a lâmpada tornou-se o símbolo da enfermagem no mundo e sua representação foi estilizada, assumindo a forma de uma lamparina grega, como a lâmpada de Aladim. Disponível em:<<http://www.ee.usp.br/organizacao/lampada.htm>> Acesso em 25 nov. 2014.



Foto nº 13: Primeira e Segunda Turmas da EEHB – Cerimônia de Formatura em 1950.
Fonte: Acervo pessoal de Maria José Otoni.

A foto nº 13 registra as diplomadas da primeira e da segunda turmas da EEHB, no dia da formatura. Observa-se as alunas com o uniforme de gala, juntamente com a Diretora, Celina Viegas (seta) e outras professoras da escola, a saber: Aracy Sette Câmara, Umbelina Goulart – primeira e segunda alunas da direita para a esquerda, vestidas com o uniforme de professoras, semelhantes ao das alunas, porém com a touca própria de suas escolas de formação (peça semelhante ao véu), diferente da touca das diplomadas da EEHB. As duas turmas se formaram no mesmo dia, embora tenham iniciado o curso em momentos diferentes (a primeira em março e a segunda em junho). As que entraram em março ficaram aguardando o reconhecimento do curso, só se formando mais tarde, em junho, com as alunas do período. Ambas as turmas foram consideradas “As Pioneiras” (ARAÚJO, 2002).

Na ilustração também se observa a postura corporal das alunas, indicativa do momento solene do qual estão fazendo parte. Esta postura é entendida como componente dos requisitos necessários para a incorporação de um corpo de conhecimentos, um conjunto de atitudes e práticas que dão suporte e continuidade à profissão (PORTO; SANTOS, 2009).



Foto nº 14: Cerimônia de Formatura da EEHB-Turma de 1959.
Fonte: Acervo pessoal Raquel Aldbert Delage.

A foto nº 14 registra, em maiores detalhes, o uniforme de gala usado na formatura das alunas do ano de 1959, onde se visualiza o uso de luvas e o broche que prendia a capa.

A utilização de vestuário (uniforme de gala) na cerimônia de formatura pode ser entendida como signo importante na consolidação da identidade da enfermeira formada pela EEHB, e tornou-se padrão para todas as formaturas subsequentes, sem alterações até o ano de 1964. Destaca-se a capa, sobrepondo-se ao vestido, os sapatos brancos e a touca no alto da cabeça. No ano de 1965 teve início a utilização da beca nas cerimônias de formatura, modificando o vestuário que identificava a alunas diplomandas.

3.2 O RITUAL DE FORMATURA NA EEHB

A formatura, ou conclusão das etapas regulares exigidas no processo de formação escolar e profissional, sela os anos de estudos, delimitando a “superação do jovem aos exames que lhe comprovam a dotação de conhecimento específico, o que lhe qualifica e profissionaliza” (RIOS, 2009, p.649).

É possível considerar então, os significados contidos no ato de receber um diploma, de ser diplomado, da importância conferida no rito da formatura, nas vestimentas especiais, o simbolismo que a cerimônia representa em si; para os alunos que estão se graduando, para os pais que acompanharam a trajetória dos mesmos, bem como para a escola que cumpre o seu papel como educadora e formadora de profissionais para a sociedade na qual está inserida (ROMANELLI, 1995).

Ao analisar a forma como as profissões se consolidam no interior da sociedade, Dubar (2005) buscou compreender esta dinâmica através de Merton (1957), que aplica o termo burocratização das carreiras ao fato do diploma ser visto como concretização de determinada profissão pelo diplomando, que precisou vencer várias etapas e cumprir determinadas exigências do curso, profissão da qual o grupo diplomado passa a fazer parte.

O diploma, integrando este momento solene da formatura, na consolidação das profissões no âmbito da sociedade é considerado como uma normatização das carreiras, “a legitimação da formação”, na qual o aluno "entrou pela porta principal da via universitária” Assim, o grupo profissional, a partir da formatura, passa a ser incluído em “[...] uma organização fechada, preocupada antes de tudo com sua própria reprodução, [...] com seu funcionamento interno e com o respeito a seus procedimentos burocráticos” (DUBAR, 2005, p.195).

Neste sentido, a enfermagem, considerando a inclinação natural ou a vocação do seu corpo de trabalhadores, incorpora, a partir da formatura, um conjunto de normas, de regras, de conhecimentos científicos que contribuem para o processo de afirmação da profissão na esfera social.

A cerimônia de formatura da Turma Pioneira da EEHB contou com a presença de autoridades civis e militares. Foram registradas pela imprensa que foi um dos veículos de divulgação da importância do evento para a cidade de Juiz de Fora, o que é considerado uma expressão de reconhecimento da enfermeira profissional (DIÁRIO MERCANTIL, 1950).



Figura nº 2: Notícia sobre a formatura de turma pioneira da EEHB.
Fonte: Jornal Diário Mercantil de Juiz de Fora, 15 de agosto de 1950.

O Diário Mercantil, um dos principais jornais da cidade divulgou no dia 15 de agosto de 1950 a notícia com o seguinte título: “As Primeiras Diplomadas de Juiz de Fora”. Uma montagem com quatro fotografias ilustrava aspectos da solenidade da primeira formatura da EEHB. Olhando o mosaico da esquerda para a direita temos: na parte superior esquerda, a foto de parte da mesa de formatura; na parte superior direita, a foto de Hilda de Campos Batista, oradora da turma, proferindo seu discurso; na parte inferior esquerda, a foto do grupo de formandas no instante solene do juramento; na parte inferior direita, a foto do Dr. Alvino de Paula, paraninfo da 2ª turma, enquanto discursava (DIÁRIO MERCANTIL, 1950).

Como paraninfo, o professor escolhido deve incorporar características de identificação e identidade com os preceitos da profissão. Representa um referencial para os alunos, o ideal que almejam alcançar. É o aprendiz que enxerga no professor, no educador, um exemplo de norteador de uma trajetória e de um caminho a ser seguido.

Na primeira formatura da EEHB, em 1950, os símbolos, entres os quais podem ser destacados a lâmpada, o broche e o uniforme, já faziam parte desta cerimônia e contribuía para a construção da identidade da enfermeira. Outros elementos importantes também compunham a solenidade como os discursos e juramentos (TOLEDO *et al*, 2008).

A utilização dos ritos e emblemas, entre eles o uniforme, é fundamental para a assimilação de comportamentos e de valores atribuídos aos enfermeiros em consonância com outras escolas de enfermagem do país (SANTOS *et al*, 2009).



Foto nº 15: Juramento em Cerimônia de Formatura da EEHB – Ano de 1950.
Fonte: Acervo Pessoal de Rachel Audebert Delage.

Na foto nº 15 registra-se o momento do juramento das alunas da EEHB, onde se destaca a postura solene, com o braço direito estendido na direção das bandeiras e a lâmpada

na mão esquerda. Acredita-se que das duas bandeiras que aparecem à esquerda das formandas uma delas seja a Bandeira do Brasil, não sendo possível identificar a segunda, provavelmente a do município ou da escola.

O juramento, segundo Dubar (2009, p.165) “era um ato essencial que unia entre si os membros de uma corporação”. A partir do juramento em público, as formandas passam a pertencer a uma categoria profissional, a uma comunidade com direitos e deveres, onde, além destes, o conhecimento e as técnicas, devem ser assimilados, juntamente com o compromisso ético-legal para o fortalecimento da categoria profissional e de cada um dos seus membros em especial (DUBAR, 2005).

A formatura, enquanto conclusão de uma etapa vencida no contexto da formação estudantil se configura como uma marca na memória de muitos que passaram pelo processo de construção de um saber, na busca de profissionalização. Este processo se configura por anos de amadurecimento pessoal e assimilação de uma grande bagagem de conhecimentos até então desconhecidos. Como marco, a formatura é relembra posteriormente como fato importante na trajetória do ser humano, fazendo das recordações uma forma de reviver o acontecido. Guardar pequenos objetos como fotos e roupas faz parte deste costume de registrar e lembrar aquilo que é significativo (RIOS, 2009).

Uma aluna da EEHB relatou que guardou durante anos o uniforme que ela utilizou na escola. Disse, com pesar, que tinha se desfeito da roupa há pouco tempo. Ainda guardava o convite de formatura de sua turma, que segundo ela, foi uma das maiores turmas que passaram pela escola. A ilustração abaixo mostra o convite com a relação de todos os trinta e quatro formandos. O número de alunas da escola era muito variável e a escola costumava a formar, em média, de oito a vinte alunas.

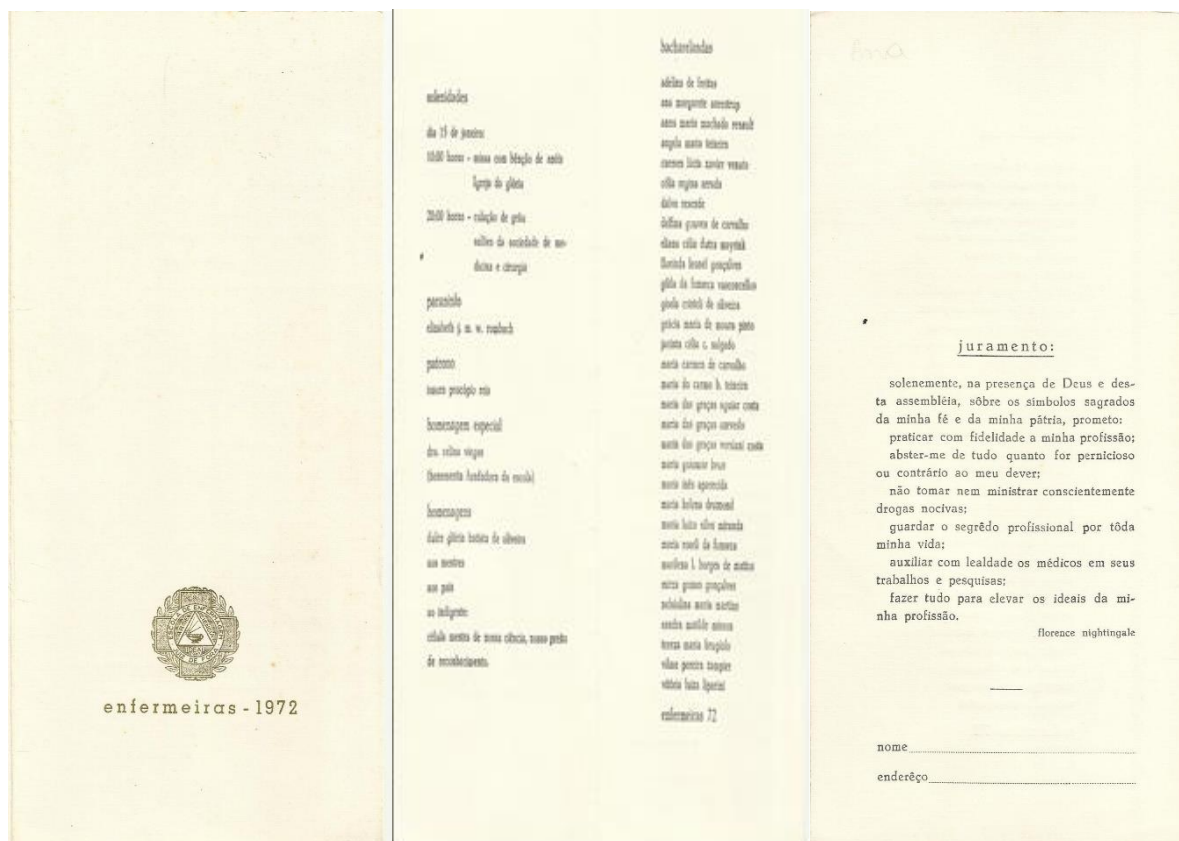


Figura nº 3: Convite de Formatura da Turma de Enfermeiras de 1972.

Fonte: Acervo pessoal de Marilene Borges de Matos Leite

Pode-se observar na figura nº 3 o convite de formatura da turma de 1972, onde nota-se, à direita, o juramento feito pelas alunas durante a solenidade, o que conclamava pela incorporação dos ideais que deveriam ser seguidos, compartilhados e reproduzidos no exercício da profissão, nos espaços de cuidados onde se fizesse presente a figura da enfermeira. O juramento das enfermeiras consistia em um importante ritual no qual era possível “entrar em uma comunidade moral com motivações profundas, uma comunidade de homens que prestavam juramento solene de fidelidade. [...] de pertencimento a uma corporação, de engajamento” (DUBAR, 2005, p. 166).

A formatura enquanto marco, se torna importante para os alunos que se apropriam de seus diplomas, como também para os que estão no processo de formação e almejam alcançar o mesmo objetivo: a graduação. A “Passagem da Lâmpada”, rito tradicional instituído pela Escola Anna Nery e reproduzido na maioria das escolas de enfermagem que seguiram este modelo também estava presente nas cerimônias de formatura da EEHB. A alusão à lâmpada, conforme já foi descrito em nota anterior, remonta aos anos em que “Florence Nightingale, cuidando dos feridos na Guerra da Criméia, fazia ronda noturna com uma lamparina na mão visitando os doentes sob seus cuidados” (MIRANDA, 1996, p.142).

A Cerimônia de passagem da lâmpada perdurou em todo o período em que a EEHB esteve em funcionamento. Foi descrita por uma aluna da década de 1960, que posteriormente na década 1970, se tornou professora:

[...] O aluno formando do último ano passava a lâmpada para o aluno que estava no ano anterior. Eu percebi esta cerimônia da lâmpada enquanto a escola era estadual, do governo estadual. Quando passou para a federal esta cerimônia da lâmpada foi deixando de acontecer. [...] ficaram com aquelas cerimônias padrão da universidade e acabou a Cerimônia da Lâmpada (C9, 2013, p.4).

A colaboradora observou que a cerimônia foi deixando de existir após a extinção da EEHB e sua incorporação à UFJF, o que ocorreu no ano 1978, primeiro como Curso de Enfermagem e Obstetrícia pertencente ao Departamento da Faculdade de Medicina, e posteriormente como Faculdade de Enfermagem da UFJF (FIGUEIREDO, 2008).

3.3 A BECA COMO VESTUÁRIO DE FORMATURA DA EEHB

A EEHB foi se adequando às transformações de então, incluindo as alterações das vestimentas utilizadas para a diplomação. Na cerimônia de formatura do ano de 1965, pela primeira vez, as alunas utilizam a beca, numa demonstração da assimilação das mudanças ocorridas no contexto social vigente. Esta turma ficou conhecida como a “Turma da Beca” (ARAÚJO, 2004, p.48).



Foto nº 16: Formandas da EEHB - “Turma da Beca” - Ano de 1965
Fonte: ARAÚJO, 2002.

A foto nº 16 registra as alunas utilizando as vestimentas de Colação de Grau dos cursos superiores, adotadas até a atualidade, em cuja cerimônia é facultativa a participação do

aluno. Porém, na cerimônia de formatura, que é um ritual de passagem, todos devem usar o seguinte traje: beca (vestimenta longa, na cor preta); capelo (chapéu) na cor preta; faixa da cor que representa a área de conhecimento do formando, cingindo a cintura (a cor padrão da enfermagem é o verde, como todas as profissões da área da saúde); capa de cor escura, cobrindo os ombros; *Jabeaux ou Jabour* (espécie de peitilho confeccionado em renda de cor branca) na parte frontal (MANUAL COLAÇÃO DE GRAU UnP, 2013).

Observa-se a diretora da EEHB, Celina Viegas, ao centro, trajando vestuário social, ladeada pelas diplomadas do primeiro semestre de 1965.

A utilização da beca, a partir de 1965, está relacionada à revisão dos critérios para admissão no curso, ligada a “questão da escolaridade das alunas para o ingresso no nível superior” (BAPTISTA; BARREIRA, 2006, p. 403). Somente na década de 1960 se passou a exigir a conclusão do nível médio para o ingresso no Curso de Enfermagem, “decisão tomada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1961 à revelia das lideranças de enfermagem à época que já vinham discutindo sobre esta questão há vários anos, nas instâncias da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN)” (BAPTISTA; BARREIRA, 2006, p. 403).

Refletir sobre a formação da identidade dos profissionais inclui a questão da utilização dos uniformes, quando se considera a roupa como componente importante de demonstração e afirmação da individualidade. Escolher o que vestir, incluindo-se o modelo, a cor e os acessórios, reflete todo um estilo e uma maneira peculiar de pensar sobre si e sobre o mundo em que se vive (NACIF, 2007; ECO, 1989).

Frases como “estar na moda” ou “fora de moda” acompanham o cotidiano das pessoas, não só em relação à vestimenta, mas também aos comportamentos. Neste sentido,

A moda é um todo harmonioso e mais ou menos indissolúvel. Serve à estrutura social, acentuando a divisão em classe; reconcilia o conflito entre o impulso individualizador de cada um de nós (necessidade de afirmação como pessoa) e o socializador (necessidade de afirmação como membro do grupo); exprime ideias e sentimentos, pois é uma linguagem que se traduz em termos artísticos (SOUZA, 1987, p.29).

A moda carrega consigo uma maneira particular de intensificar detalhes das vestimentas, demarcando aspectos que incorporam determinados conceitos, em um certo tempo e espaço, às vezes curto, mas intensamente vividos. Assim:

A importância do vestuário escrito confirma que existem funções específicas da linguagem das quais a imagem não poderia dar conta, seja qual for o seu desenvolvimento dentro da sociedade contemporânea (BARTHES, 2009, p.34).

Acompanhando as mudanças que foram ocorrendo, relacionadas à cerimônia de formatura, uma aluna do ano de 1971 descreve:

Não tinha aquele uniforme de gala. Eu me formei de beca, beca preta, como é até hoje (C11, 2013, p.7).

Outra aluna do ano de 1974, ao relembrar o dia de sua formatura, relata o seguinte acontecimento:

Na colação estávamos de vestido longo, Mas antes nós tiramos o retrato de beca, porque senão não teríamos o quadro oficial (C15, 2013, p. 6).



Foto nº 17: Formanda de enfermagem recebendo o diploma - Ano de 1972.
Fonte: Acervo pessoal de Marilene Borges de Matos Leite.

A foto nº 17 mostra a solenidade formatura, quando a diplomanda Marilene Borges recebe o diploma da professora Maria Elizabeth Rombach, paraninfa da turma do ano de 1972. É possível perceber que a aluna está vestida com uma beca de cor preta, utilizada nas formaturas de enfermagem da EEHB posteriores ao ano de 1965. A professora está com vestuário informal e não portando uniforme de professora da EEHB, conforme era comum em solenidades de formatura até década de 1960.

3.4 SIGNIFICADO DO UNIFORME DA EEHB PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE ENFERMEIRA

Para falar do significado do uniforme e sobre o que ele representava para as alunas da EEHB baseou-se em estudos que analisam a importância do vestuário e a sua função de representação enquanto signo e significante para uma profissão (SALGUEIRO, 2000; TORRES, 2010, PERES; PADILHA, 2014).

Ao analisar e descrever o vestuário, Barthes (2009), utilizando-se dos conceitos de linguística para traçar uma relação dialógica com a língua e a fala (SAUSURRE, 1995), estabelece que a vestimenta, juntamente com a moda, possui um significado, carrega uma mensagem, como parte de uma linguagem corporal, que a imagem e a escrita isoladamente, não são capazes de interpretar. Existe uma necessidade de articulação dos recursos da língua (escrita) e da fala para descrever uma vestimenta, como uma forma de comunicação (BARTHES, 2009).

[...] o vestuário descrito jamais corresponde a uma execução individual das regras da moda, mas é um exemplo sistemático de signos e regras: é uma língua em estado puro. [...] é língua no nível da comunicação indumentária e fala no nível da comunicação verbal (BARTHES 1997 p. 29).

As alunas do curso de enfermagem da EEHB, ao utilizarem o uniforme da escola, aprendiam a respeitar, amar e compartilhar com seus colegas e demais profissionais da área da saúde seu significado para a profissão. Ao vestir o uniforme carregavam, juntamente com ele, todo um simbolismo que vai muito além da descrição. A roupa, neste caso, representava uma categoria profissional que procurava galgar espaços rumo à aceitabilidade e reconhecimento da sociedade. Portanto, o uniforme enquanto símbolo contribuía na busca de um ideal a ser alcançado, de uma identidade.

Ao se interpelar as colaboradoras sobre a contribuição do uniforme para a construção da identidade de enfermeira, foram obtidos os seguintes relatos:

A gente gostava. Elogiavam-nos. Logo que nós entramos na escola D. Celina nos apresentou como alunas para a sociedade. [...] naquela época não sabiam o que era enfermeira. A Diretora teve muita dificuldade. Não tinha uma enfermeira em Juiz de Fora! Então ela nos apresentava à sociedade. Nós começamos o curso em março. Teve uma procissão de Corpus Christi, se não me engano no mês de junho. Nós fomos à procissão de uniforme. As pessoas viam a gente passar e ficavam todos admirados! E nós ali: as alunas e as professoras também. Foi aí que começou a enfermagem (C1, 2013 p.3).

O uniforme destacava a profissão naquela época. A gente achava importante por causa disso. No hospital distinguia a gente. Nós não éramos uma servente, nem uma atendente. Éramos uma aluna de enfermagem [Enfática] Ou enfermeira [a professora]. O reconhecimento dependia da gente, de nossa postura, de como trabalhávamos. Se não fosse assim, não havia respeito (C5, 2013; p.3).

Mostrava o que a gente era e o que estava estudando [...] o que pretendia ser. Distinguia das categorias de professores, alunos, de funcionários. Eram todos atendentes naquela época. Não tinha profissionais como hoje. Eram todos atendentes que a gente falava que pegava a laço, ensinava e assim que aprendia, subia de posto. Trabalhava primeiro na limpeza, ia para a copa e depois para a enfermagem. Para você ver a qualidade do trabalho. Mediante isso o uniforme deles era um e o nosso era outro. Não só pela competência, mas pela distinção de classes (C8, 2012, p. 3).

Logo, as alunas percebiam o uniforme como um símbolo da profissão, como um instrumento de identificação e diferenciação da categoria de enfermagem que começava a aparecer nos ambientes hospitalares, no caso específico aqui evidenciado a SCM-JF, que até então, tinha as religiosas como referência de enfermeiras. Destaca-se que, com a abertura da EEHB, as religiosas começam a procurar o curso visando diplomação de enfermeira. No entanto, a EECC de Belo Horizonte, foi a primeira instituição de ensino enfermagem de Minas Gerais criada para formar religiosas (NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1999).

Uma ex-aluna da escola, e posteriormente professora, relata uma passagem de sua vida e o quanto a figura de uma enfermeira uniformizada, carinhosa e competente influenciou na escolha da sua profissão, anos mais tarde:

Meu encanto surgiu quando eu era criança. Sempre tive bronquite. Então fazia uso de vacinas que era aplicada no Instituto dos Bancários onde o meu pai trabalhava. A enfermeira que aplicava a vacina era a dona Dulce Teixeira. Conheci-a lá. [...] Chegava a minha vez e eu não ia. Ela me chamava e eu pedia para deixar para depois, pois gostava de vê-la de uniforme. O uniforme dela era todo branco, inclusive com a toquinha branca. Saía toda branca engomada. Então, eu me apaixonei! Acabei sendo incentivada pelo uniforme de D. Dulce e pela postura dela. Pela Postura! Então foi muito importante para minha formação de enfermeira o uniforme, desde o início. Isto é histórico pra mim (C13, p. 3, 2013)!

A construção da identidade, também se faz a partir de situações que marcam a vida do ser humano, de ideologias, e de comportamentos que são observados e compartilhados no âmbito das relações desenvolvidas na sociedade. Podem se dar no seio da família, nos núcleos religiosos, nas escolas, mas também nos momentos considerados de adversidade, como no caso particular da instituição de saúde. Encontros e situações se transformam em divisores, marcos que mobilizam as pessoas a buscarem novas perspectivas de enfrentamento, como no caso narrado pela colaboradora acima. Situações que acabam por se tornar grandes motivadoras ao exercício de alguns ofícios, atividades ou profissões (DUBAR, 2005; HALL; WOODWARD, 2011).

A construção da identidade se faz diante da diferença, ou seja, em contraponto com outras identidades existentes. Para que uma identidade se sobressaia é preciso que ela possa ser comparada a outra, diferente ao que está posto. Neste sentido,

As identidades são fabricadas de acordo com a marcação das diferenças. Esta marcação ocorre tanto por meio de sistema simbólicos de representação como por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença (HALL; WOODWARD, 2011 p. 40).

As alunas de enfermagem, no momento em que faziam uso de uma vestimenta diferente das demais trabalhadoras da área, distinguiam-se inclusive em níveis hierárquicos,

pois o uniforme as credenciava para o exercício de uma profissão para o exercício da qual receberam uma capacitação técnica distinta da de outros profissionais da área de enfermagem que com elas atuavam nos estabelecimentos hospitalares.

Este sentimento de respeito e amor pelo uniforme, demonstrado pelas colaboradoras do estudo, bem como de pertencimento a uma classe profissional, perdurou nos anos em que a EEHB participou da formação de enfermeiras, até mesmo quando o uniforme alterou suas características de padrão, forma e modelo, evoluindo conforme a moda vigente à época. Nota-se semelhança nos relatos de alunas da década de 1970:

Era um posicionamento. Falava-se em enfermagem e pensava-se em outra coisa completamente diferente do que era. O uniforme dava uma distinção à profissão (C15, 2013, p.3).

Ah com certeza! A questão da referência, da imagem profissional. A construção de uma imagem profissional enquanto possibilidades de visibilidade, de identificação. E aquela percepção assim: ao me tornar enfermeira, ao usar o branco, isso tinha um simbolismo pra gente muito forte! De realização mesmo! E de certa forma de autonomia no sentido de estar pronta para assumir uma ação profissional. Era assim: ao mesmo tempo em que a gente tinha aquele “medinho” do momento, mas também era a realização, era uma conquista! Eu sempre valorizei a apresentação, da imagem. Não a imagem visual somente, mas a identidade que aquela imagem representava (C14, 2013, p.8).

Imagem e identidade estão intimamente correlacionadas. A imagem comunica, informa um pouco sobre o que se é. O uniforme equipara pessoas dentro da mesma categoria, distingue de outras, e traz intrínseca uma significação, um valor simbólico inerente ao que a profissão espera daquele grupo (FONSECA; PORTO, 2011).

A gente tinha um tremendo carinho e respeito pelo uniforme. Porque ele era uma identidade nossa também. A gente era jovem, estudante de enfermagem. O uniforme era uma promoção (C10, 2013, p 3).

Ah! Eu tinha o maior orgulho de colocar aquele uniforme! abre um largo sorriso ao falar sobre isso] Eu fico até emocionada! Mas eu gostava de usar aquele uniforme! De me sentir feliz! Porque eu lutei muito para fazer o Curso de Enfermagem (C14, 2013, p. 3).

Barthes (2009), ao analisar o significante sociológico do vestuário, destaca que,

Está claro que este significado geral se subdivide em certos números de conceitos ou significados secundários que variam segundo graus mais ou menos amplos, mais ou menos formalizados que se significam através deles; certa indumentária pode notificar conceitos aparentemente psicológicos ou sociopsicológicos, respeitabilidade, jovialidade, intelectualidade, luto [...] é através destes intermediadores que aparece o grau de integração do usuário na sociedade em que ele vive. [...] O vestuário é, no sentido pleno um modelo social uma imagem mais ou menos padronizada de condutas coletivas previsíveis e essencialmente neste nível ele é significante (BARTHES, 2009, p. 278).

Ao falar sobre o significado do uniforme, as colaboradoras deixaram transparecer em suas palavras a importância dada a ele em um sentido muito mais amplo, que vai além da função de cobrir o corpo e de identificar uma categoria profissional. No ato de utilizarem o uniforme percebe-se toda uma trajetória, um processo, uma dimensão significativa, da qual se captou um pequeno fragmento de história de cada aluna e da escola. Dos momentos de convivência com as ex-alunas, propiciados durante a realização das entrevistas ficaram gravados no subconsciente a emoção, os olhos marejados de lágrimas, a voz embargada, o orgulho, a satisfação das participantes de um dia terem vestido o uniforme da EEHB, visto como um signo de prêmio, vitória, conquista.

Cidreira (2006), ao analisar o consumo e a moda, apropria-se dos conceitos utilizados por Barthes (2009) sinalizando a importância da vestimenta enquanto signo, descrevendo:

O caráter utilitário da roupa e, por outro, a dimensão significativa. O autor faz esta distinção para assinalar que por mais funcional que a peça seja sempre contém um aspecto sinalético. Nesse sentido, o autor concebe a moda como sistema de signos e enquanto tal, a moda pode ser passível de uma análise sociológica. (CIDREIRA, 2006, p. 2)

Os relatos continuam demonstrando que, mesmo com o passar dos anos, vestir o uniforme da EEHB significava uma conquista para as alunas que passaram parte da juventude se especializando em uma carreira profissional, que então se consolidava na sociedade local e brasileira, que alcançava *status* e posição de destaque, graças à existência de escolas e entidades de classe (WOCIAL, 2014).

Outros alunos, porém, percebiam o uniforme de um ponto de vista curioso. Viam-no como um instrumento de controle e cerceamento da direção da escola sobre os estudantes. Principalmente no que diz respeito ao uniforme de cor cinza, chamam a atenção os relatos de alunos que contestam de forma contundente a sua cor, que no seu entender os deixava com a aparência das paredes pintadas do hospital.

A gente não gostava do uniforme cinza, que era uma cor muito “fechada” diferente. O pessoal [alunos] ficou doido para perder a cor cinza. O [uniforme] cinza tinha uma característica diferente. Estou me lembrando que as paredes do hospital eram na cor cinza. E isso nos dava... Uma sensação esquisita. Como se a gente só vivesse em função daquilo. Só isso. Tudo era cinza. O uniforme era cinza, as paredes do hospital eram cinza, era muito pesado. As cores das paredes eram quase da mesma cor do nosso uniforme (C16, 2014, p. 3).

Naquela época era um uniforme feio. Um uniforme feio que fazia a gente se sentir fora do contexto dos outros profissionais. Era diferente. Todos os outros profissionais como farmacêuticos, médicos. Todos os outros profissionais da época que utilizavam o hospital [...] usavam branco. Então a gente ficava diferente. Porque na enfermagem, não só o uniforme, como toda a estrutura de formação que a gente tinha na Hermantina, tudo conduzia para uma identidade. Uma profissão auxiliar,

uma profissão submissa. A gente se sentia menor em função de ser diferenciado pela cor (do uniforme). E isso não era legal para a gente (C17, 2014, p. 5).

Nesses relatos, é tecida uma crítica à cor cinza adotada, pelo fato de não dar destaque aos alunos de enfermagem. Segundo eles, a cor os distanciava dos demais profissionais da área da saúde, além de não se coadunar com a moda da época. Assim, o uniforme, como fator que contribui para a formação de uma identidade, e enquanto elemento que identifica uma determinada categoria profissional pode passar por adequações e modificações. Estas alterações devem tentar manter um equilíbrio entre o antigo e o moderno, não destoando tão acentuadamente do contexto social, preservando traços característicos e a herança simbólica que o uniforme transfere para as profissões (SEED, 1995).

Um artigo que aborda a questão do uniforme enquanto objeto simbólico na área da saúde verificou que em determinada instituição de saúde a grande maioria dos profissionais, fossem médicos, odontólogos, enfermeiros ou recepcionistas, aprovava a utilização do uniforme, acreditando que a sua utilização denota credibilidade e organização da empresa, sendo significativo para a identidade da equipe. Em contrapartida, alguns profissionais refutaram o uso do uniforme por acreditarem que a roupa é um importante elemento de manifestação da personalidade do indivíduo, e que a uniformização impedia a expressão das características e atributos pessoais, da individualidade e identidade a que se tem direito. Neste mesmo estudo, entretanto, os clientes questionados informam outro ponto de vista, o de que o uso de uniforme transmite os sentimentos de segurança e tranquilidade aos pacientes, identificando o profissional prestador do atendimento e informando seu vínculo com o estabelecimento, sendo ele um recepcionista, médico ou enfermeira; os mesmos clientes concordaram ainda que a cor branca na área da saúde transmitia-lhes a sensação de higiene e limpeza (MARTINS; MARTINS, 2011).

A participação em atividades de cunho social e científico na sociedade também é uma maneira de se fazer presente e notado enquanto categoria profissional, contribuindo para formar a identidade positiva do grupo e para divulgar sua contribuição social. Neste sentido, tanto a diretora da escola como os alunos participavam de eventos que proporcionassem essa visibilidade à EEHB.

Alguns eventos festivos na cidade de Juiz de Fora contaram com a participação da instituição. Entre eles, é possível destacar, no ano de 1950, “a participação das alunas e professoras da escola acompanhando a Procissão de *Corpus Christi*”, vestidas com o uniforme da escola e se apresentando para a sociedade como as futuras enfermeiras. (ARAÚJO, 2002, p.103). As alunas da EEHB ainda tiveram participações na comemoração

de aniversário da cidade, assim como na “abertura dos Jogos Universitários do ano de 1964” (ARAÚJO, 2002, p.106).

Em seu depoimento, um ex-aluno conta que buscava, juntamente com suas colegas, patrocínio junto ao comércio local como forma de custear as atividades acadêmicas que a escola organizava na cidade. Relatou também que, no ano de 1971, tanto a diretora da EEHB quanto os alunos e a SCM-JF empreenderam esforços para sediar a Primeira Semana de Enfermagem de Juiz de Fora:

A escola fazia muitos eventos na sociedade, e nós incrementamos isto mais ainda. Então, nossas colegas iam para o comércio solicitar apoio para custear os eventos. O comércio apoiava muito. Tanto é que nós sediamos o Primeiro Encontro de Enfermeiros com o apoio da Santa Casa, da Gerência Regional de Saúde e da EEHB. Na época vieram vários enfermeiros (C10, 2013, p.3).



Foto nº 18: Cerimônia de Abertura - 1ª Jornada de Enfermagem de Juiz de Fora - 1971.
Fonte: Acervo do Museu Histórico da SCM-JF, 1971.

Na foto nº18 observa-se a presença de D. Celina Viegas (segunda da esquerda para a direita) juntamente com outras autoridades (não identificadas) que compunham a Mesa da Primeira Semana de Enfermagem de Juiz de Fora, evento que ocorreu no dia 23 de outubro de 1971, no salão da SCM-JF. A figura central da Mesa é o médico Geraldo Guedes, diretor do corpo clínico da SCM-JF (quarto da esquerda para a direita) que na ocasião fez a abertura oficial da solenidade, que contou com a presença de enfermeiros de vários estados brasileiros:

Naquele ano, vieram vários alunos da escola [ex-alunos]. De Belo Horizonte, do Rio de Janeiro, Santa Catarina, Porto Alegre. Teve aluno da Escola Ana Nery. Vários alunos da escola. Foram convidados. Foi muito divulgado. Eu creio que teve de setenta a cem pessoas, mais ou menos. Os almoços festivos, a parte científica (C10, 2013, p.3).

Dubar (2005), ao abordar o modo como o indivíduo constrói a sua identidade no processo de socialização que ocorre no campo das relações desenvolvidas no interior das instituições destaca que a incorporação desta identidade perpassa pela apreensão de uma técnica, de um vocabulário e de atitudes, definidas por ele como:

Um saber legítimo que permite a um só tempo a elaboração de estratégias práticas e a afirmação de uma identidade reconhecida. [...] A relação com os sistemas, com as instituições e com os detentores dos poderes diretamente implicados na vida cotidiana aciona a implicação e o reconhecimento do indivíduo, seu engajamento. [...] as orientações estratégicas que resultam da avaliação das capacidades e das oportunidades (DUBAR, 2005, p.129).

Então, participar de eventos de classe onde se fazem presentes uma linguagem específica, atitudes e comportamentos, compartilhados com outros saberes, se torna uma estratégia visando a construção e consolidação de uma identidade, no caso específico aqui enfocado, a identidade dos enfermeiros de Juiz de Fora.

A EEHB, mesmo enfrentando dificuldades operacionais e administrativas durante o seu período de funcionamento, agravados em alguns momentos, amenizados em outros, se manteve firme no propósito de formar enfermeiros e ajudar a construir a identidade almejada para os profissionais em Juiz de Fora. O empreendimento de tais estratégias se configurou em uma marca, um conceito criado pela escola para a formação e atuação de profissionais de caráter e dignidade.

Celina Viegas, como primeira diretora, e posteriormente como professora, contribuiu, juntamente com os demais diretores e professores da EEHB, de forma efetiva para a implantação e o reconhecimento da Enfermagem Moderna em Juiz de Fora, sendo até hoje lembrada e reverenciada por aqueles que tiveram a oportunidade de conviver com sua pessoa, culta, dinâmica, educadora, e profissional, nos moldes *nothingaleanos*.

Como sucessora de Celina Viegas, a enfermeira Dulce Glória, formada pela EEHB, assumiu o cargo, permanecendo como diretora até o ano de 1974, consolidando conhecimentos e posturas assimiladas nos anos de estudante da instituição, bem como na convivência com outros profissionais de saúde nos campos de prática dos estabelecimentos hospitalares e de saúde pública.

A terceira e última diretora da EEHB, D. Dulce Teixeira, assumiu o cargo em 1974, permanecendo até 1978. Participou ativamente do processo de discussão, negociação e incorporação da EEHB à UFJF. Por opção, permaneceu trabalhando no Estado até o ano de 1981, quando a UFJF então absorve o quadro de professores remanescentes da EEHB e admite-os no regime estatutário universitário (FIGUEIREDO, 2008).

Ressalta-se que, com todas as transformações relacionadas à transferência da EEHB para a UFJF, que resultou na mudança do regime administrativo, de ambiente, formação profissional e gestão financeira, impactando tanto os dirigentes da escola como a comunidade estudantil, os alunos continuaram a reivindicar a troca do uniforme por acreditarem na importância do mesmo como elemento importante para a formação da identidade profissional. Como diretora, D. Dulce Teixeira manteve o uniforme na cor cinza até que os alunos fossem completamente integrados ao curso da UFJF, quando passaram então a utilizar o uniforme de cor branca, comum a todos os alunos da área da saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou descrever o uniforme enquanto componente significativo para a formação e afirmação da identidade do grupo de enfermeiras formadas pela Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo, em Juiz de Fora. Permitiu também, relembrar, através dele, todo um contexto social e cultura reinante à época. Ao se estudar os uniformes utilizados pelas alunas da instituição, no período de 1947 a 1978, foi possível levantar várias questões que, acredita-se, servirão de estímulo para a realização de novas análises sobre a trajetória da escola, mas que não couberam a esta dissertação desenvolver.

Os uniformes de alunas da EEHB, como fragmento de um universo chamado “vestuário”, contribuíram para a identificação de uma categoria profissional em formação, transmitindo tanto uma imagem quanto uma linguagem emblemáticas para alunos, professores e demais profissionais de classe que compartilharam do mesmo momento histórico e social encontrado no período em que a escola se manteve em funcionamento, e uma vez que transmitiam novos conceitos da ciência, da técnica e um ideal de assistência à saúde a ser prestado à população.

As fontes do estudo, bem como o referencial teórico, permitiram descrever os primeiros uniformes (hospitalar e de saúde pública) utilizados pelas alunas da instituição, assim como concluíram que os mesmos se assemelhavam aos utilizados pelas escolas de referência na época, a saber: EEAN e EECC, o que representa a reprodução do modelo vigente à época. A escola manteve características da vestimenta, inclusive o uso da touca no ambiente hospitalar, até o ano de 1965, perfazendo um período de 18 anos sem que fossem feitas alterações, o que pode ser entendido como fator de relevância para a consolidação da identidade da enfermeira brasileira e juizforana.

O segundo uniforme hospitalar utilizado na EEHB, no período compreendido entre os anos de 1965-1968, acompanhou o padrão da moda vigente no momento, que imortalizou o vestido conhecido como “tubinho”, também incorporado ao uniforme da escola. A diretora da EEHB, Celina Viegas, alterou o modelo (retirando a touca – acessório de grande repercussão simbólica para a profissão de enfermagem), e a cor, que passou do branco para o rosa. Este uniforme (vestido tubinho rosa) ficou popularizado em profissões do comércio varejista de Juiz de Fora. As alunas da EEHB, ao perceberem tal semelhança com a roupa adotada por segmentos de trabalhadores sem formação técnica (no caso do comércio), passaram a demonstrar constrangimento, pois a partir do momento em que outras categorias se apropriam

das características do uniforme utilizado pelas enfermeiras, ele perde sua exclusividade e potencial de distinção, causando impacto negativo na imagem criada para identifica-las.

O terceiro uniforme adotado pela EEHB foi instituído no ano de 1968, período em que, pela primeira vez, foi admitido um aluno do sexo masculino na escola. Esta mudança ocorreu de forma mais democrática, com os alunos organizados através do DA opinando sobre as modificações propostas, podendo optar por uma cor de sua preferência, mais neutra, de forma que tanto os homens quanto as mulheres pudessem utilizá-lo sem acanhamento, e se vissem representados pela vestimenta.

O uniforme de cor cinza adotado pela EEHB, no entendimento de alguns alunos, denotou uma atitude de controle e de vigilância por parte da escola, uma vez que a cor era associada à disciplina e sobriedade, sendo também era empregada pelos segmentos militares. Para outros, teve a conotação de identificar os profissionais como grupo integrante da EEHB, transmitindo a imagem de retidão de caráter e de postura ético-profissional, além dar a ideia de compromisso, zelo e amor pela profissão, a partir da identidade que foi construída.

Durante os anos em que a EEHB esteve funcionando na cidade de Juiz de Fora, formou profissionais, consolidou-se como uma instituição de ensino de credibilidade, respeito e valor social na área, com seus egressos se inserindo no mercado de trabalho em assistência à saúde na cidade, região e no restante do país, demonstrando a importância do nome da EEHB.

É importante registrar também que algumas colaboradoras em idade mais avançada demonstraram, durante toda a realização das entrevistas, satisfação e orgulho em repassar as informações e sensações que afloraram ao recordar os fatos da escola.

Este estudo permitiu colocar em contato duas colegas de turma que não se viam há mais de quarenta anos, acontecimento que contribuiu para reaproximação das ex-alunas. Elas puderam, por intermédio da pesquisa, além de compartilhar suas vidas durante o período em que estiveram afastadas, lembrar e partilhar experiências da época do curso na EEHB, vivenciando e reconstruindo fatos do passado no ato de lembrarem. Essa foi uma das recompensas indiretas com a realização da pesquisa, além de poder dar uma reinterpretação histórica ao tema e aos fatos ocorridos no passado.

O uniforme das alunas de enfermagem da EEHB se configurou como uma marca, um símbolo essencial no movimento de construção e consolidação da identidade da enfermeira na cidade de Juiz de Fora uma vez que foi reconhecido como um objeto de identificação das enfermeiras diplomadas na cidade, pela EEHB, sendo utilizado por trinta e um anos.

Os documentos orais se mostraram como um recurso metodológico importante para desenvolver o tema proposto, tornando possível recuperar e registrar uma parte da história da

enfermagem de Juiz de Fora que teria se perdido no decorrer do tempo, não fosse a colaboração de ex-alunos, professores e funcionários que se dispuseram a dividir um pouco de seu tempo e de suas vivências. Através da história da enfermagem em Juiz de Fora, foi possível também retratar uma parte do panorama social e cultural da cidade e do país no período. Desta forma, cria a possibilidade, tanto para a geração presente como também para aquelas vindouras, de acesso ao conhecimento, à compreensão e interpretação da história (no caso específico da EEHB e da importância dos uniformes na contribuição da formação profissional), a qual se manifesta sempre em movimento contínuo e inexorável de mudanças, onde cada ser humano é um protagonista de seu próprio tempo e espaço.

Esta pesquisa enfrentou algumas limitações, entre as quais se destacam:

Primeiro, o próprio processo de aprendizagem da pesquisadora que, mediante um universo diferente daquele vivenciado por ela no dia a dia do hospital, precisou enveredar por caminhos nunca antes trilhados, necessitando de aprofundamento no campo teórico-conceitual, se familiarizando com novas ferramentas de trabalho metodológico no campo da pesquisa histórica. No decorrer da pesquisa este processo acabou por se converter em estímulo científico, dadas as necessidades de empreender novas perguntas e de dar continuidade ao aprendizado; a escassez dos documentos escritos referentes à EEHB, que anteriormente se encontravam na antiga Sede da Escola (atual Gerência Regional de Saúde de Juiz De Fora) e que foram remanejados para outros locais durante a reforma do prédio e acabaram por se extraviar na sua quase totalidade, tornando ainda mais escassos os acervos sobre o tema e resultando em mais uma restrição para o levantamento de informação.

Apesar do grande contingente de profissionais graduados em enfermagem pela EEHB nos anos em que se manteve em atividade, foi observada uma resistência de muitos enfermeiros em participar do estudo, alegando já terem participado em outra pesquisa.

Contudo, considera-se que a pesquisa atingiu seus objetivos de descrever os uniformes usados por alunas da EEHB durante a existência da escola, no período de 1947 a 1978, e de relacioná-los com a construção da identidade da enfermeira em Juiz de Fora.

Os resultados foram além do esperado, e novos estudos poderão ser organizados a partir de lacunas sempre abertas quando se faz uma releitura do passado. Mas, oferecer essa dissertação de mestrado se torna um orgulho por permitir iluminar uma parte importante da história de uma instituição com tradição na formação de enfermeiros em Minas Gerais.

Restam a vontade, o esforço e o prazer de poder contribuir, escrevendo mais um capítulo da história da enfermagem de Juiz de Fora e do Brasil, creditando ao estudo a possibilidade de instigar novas pesquisas sobre uniformes de enfermeiros e seu papel na

formação da imagem, da linguagem visual, social e simbólica na construção da identidade profissional de uma classe.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Considerações Sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo nº5mai/jun/jul/ago 1997, nº6 set/out/nov/dez 1997. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a04.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2013.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- APERIBENSE; P. G. G. S; BARREIRA, I. A. Nexos entre Enfermagem, Nutrição e Serviço Social, profissões femininas pioneiras na área da saúde. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v.42, n.3. São Paulo set.2008.
- ARAÚJO-JÚNIOR, M. S. **Reestruturação do Ensino Superior no Regime Militar de 1964 a 1968**. Capítulo – Contexto Histórico. UGF. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/educacao/a-reestruturacao-ensino-superior-no-regime-militar-htm>>. Acesso em: 20 maio 2013.
- ARAÚJO, M. A.; NASCIMENTO, E. S.; CALDEIRA, V. da P. Criação e Implantação da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo. *Gestão Celina Viegas*. **REME - Rev. Min. Enf.** 8(3): 358-363, jul/set., 2004.
- ARAÚJO, M. A. **História da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo Gestão Celina Viegas**, 2002. 127p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2002.
- ARAÚJO, M. A. *et al* Criação e implantação da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo Gestão Celina Viegas **REME Rev. Min. Enf.** Belo Horizonte, vol. 8 n.3, p.358-363, jul/set, 2004.
- AVELAR, V. L.; PAIVA, K.C. Identity's configuration of nurses of a mobile emergency care service. **Rev. Bras. Enferm.** 63(6) 1010-8, Nov. Dec. 2010.
- AVELAR, E. A. **As Raízes da Cultura Bacharelesca e a Construção do Imaginário da Formatura** Disponível em: <<http://www.pdfio.net/k-64731562.html>> Acesso em; 27 nov. 2014.
- BARATA, R. B. Cem anos de endemias e epidemias **Ciênc. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 333-345, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 jun. 2014.
- BAPTISTA, S. S.; BARREIRA, I. A. Enfermagem de Nível Superior e Vida associativa **Rev. Bras. Enferm.** v. 59 n. especial, p. 411-6, 2006.
- BARTHES, R. **Sistema de Moda**. Trad. Ivone Castilho Benedetti São Paulo: Ed.WMF Martins Fontes, 2009.
- _____. *Imagem e Moda*, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2005.

BAUDOT, F. **Moda do Século**. Trad. Maria Tereza Resende Costa. Ed. Cosar Naify, 4ª Ed., São Paulo, 2008.

BECK, C. L. C. *et al.* A Linguagem Sígnica das Cores na Ressignificação (Humanização) de Ambientes Hospitalares. Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: **XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, SANTOS**, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/Pesquisa/a_linguagem_signica_das_cores_na_resiginificacao_de_ambientes_hospitalares.pdf>. Acesso em: 7 maio 2013.

BORESNTEIN, M. S; ALTHOFF, C. R. Pesquisando o passado. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v. 48, n. 2 p. 144-149, abr/jun 1995.

BORGES, M. S.; SILVA, H. C. P. Cuidar ou tratar? Busca do campo de competência e identidade profissional da enfermagem. *Rev. Bras. Enferm.* Brasília V. 63, n. 5, out.2010. Disponível em: <http://WWW.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000500021&Ing=em&nrm=isso> Acesso em: 14 dez 2013.

BRASIL. Decreto- lei nº 20.109, de quinze de junho de 1931. Regula o exercício da Enfermagem no Brasil e fixa as condições para a equiparação das Escolas de Enfermagem e Instruções Relativas ao Processo de Exame para Revalidação de Diplomas. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, 1931; 10516.

_____. Decreto-lei nº 775, de 6 de Agosto de 1949. Aprova o Regulamento básico para os cursos de enfermagem e auxiliar de enfermagem. Dispõe sobre o ensino de enfermagem no País e dá outras providências.

_____. Decreto-lei 4024 de 20 de Dezembro de 1961 Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional normas Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0053.htm>. Acesso em: 01 nov. 2104.

_____. Decreto-lei 252 de 1966. Fixa princípios e normas de organização para as universidades federais e dá outras providências normas. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0053.htm> Acesso em: 01 nov. 2104

_____. Decreto-lei nº53 de 1966 18 de novembro de 1966. Fixa princípios e normas de organização para as Universidades Federais. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/126183/decreto-lei-53-66>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

_____. Decreto-lei nº 5540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média e dá providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 1968. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15540.htm> Acesso em 17/07/14.

_____. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Conselho Nacional de Saúde aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos: Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em 17 jul. 2014.

CATELLANI, M. R. **Moda Ilustrada de A a Z**. Ed. Manole, 2010.

CARVALHO, A.C. **Associação Brasileira de Enfermagem** – documentário. 1926/1976. Brasília: Ed Folha Carioca, 1976, p.134, 170.

CASTRO M. C. Feminismo *Prêt-à-Porter* - Significação da Aparência na Imprensa Feminina e Feminista do Brasil. **Cadernos AEL**, n. 3/4, 1995/1996.

CASTRO, H. História Social. In: CARDOSO, FLAMARION. C.; VAINFAS, R. (Horas). **Domínios da História Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro. Ed. Campos, 1997CEDOC, Centro de Documentação da EEAN/UFRJ/Banco de Fotos/Rituais/Foto nº 1.02.0001.1.

CIDREIRA, R. P. **A Sociedade de Consumo e a Moda**.

Disponível em <http://coloquiomoda.com.br/anais/anais/2-Coloquio-de-Moda./98.PDT>>. Acesso em 01 maio 2013.

_____. **Os Sentidos da Moda**: vestuário comunicação e cultura, São Paulo, Annablume, 2005.

_____. A moda nos anos 60/70 comportamento, aparência e estilo **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras** vol. 2 (1) 2008.

COELHO, T. L. S. O Olhar Indiciado. O Feminismo Sob A Ótica de Ziraldo em o Pasquim. SEGUNDA SEMANA DA LICENCIATURA EM HISTÓRIA DO IFG. “História, Educação e Sociedade”: Demandas e Tendências – Goiânia. **Anais ..** “01 a 04 de Outubro de 2012.

CORBELLINI, V.L et al Ensino de Enfermagem no Rio Grande do Sul a partir de 1950 **Rev. Bras. de Enferm.** V 63, n. 4, jul-ag. 2010, p. 637-643. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267019592021>>. Acesso em 10 fev 2014.

CUNHA, L. C. R. A Cor no Ambiente Hospitalar. In: I CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO DO EDIFÍCIO HOSPITALAR. Salvador, Bahia, **Anais...** ABDEH – IV Seminário de Engenharia Clínica, 2004.

DELGADO, L. A. N. **História oral**: memória, tempo e identidades B. Horizonte, Autêntica: 2006.

DESLANDES, A. K. M. *et al.* A Imagem do Cuidado Prestado pelas Enfermeiras de Saúde Pública Veiculada na Revista da Semana (1929). **Revista Latino-Am. Enfermagem**, v. 21, n. 1, p. 412-418, fev. 2013. Disponível em: <http://WWW.scielo.br/scielophp?script=sci_arttex&pid=SO-104116920130001000117&Ing=em&nrm=isso>. Acesso em: 02 jan. 2014.

ESCOLA QUE vive o exemplo eficiente de Florence Nigthingale. **Diário Mercantil** [de] Juiz de Fora. 27 de Agosto de 1965, p.1.

DICIONÁRIO Histórico Biográfico Brasileiro Pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2001, Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/clodesmidt_riani> Acesso em: 17 jul. 2014.

DUBAR, C. **A Socialização: Construção das Identidades Sociais e Profissionais**, São Paulo: Ed.WMF Martins Fontes, 2005.

ECO, U. *et al.* **Psicologia do Vestir**. 3 ed. Assírio e Alvim Lisboa, 1975.

ERDMANN, A.L *et al.*, A visibilidade da profissão de enfermeiro: reconhecendo conquistas e lacunas. **Rev. Brás Infere**, Brasília jul-ago. 62(4): 637- 43. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n4/25.pdf>.> Acesso em: 16 fev. 2013.

ESCOLA DE Enfermagem Hermantina Beraldo. **Ata de Formatura**, 09 de março de 1968.

FAGUNDES, J. C. O RG Feminino Impresso no Vestuário. In: XI CONLAB: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DIVERSIDADE E DESIGUALDADES. **Anais...** Salvador 7-10 Agosto 2011 Universidade Federal da Bahia (UFBA), Campus de Ondina. PAF I e II Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308257296_ARQUIVO_ArtigCONLABJoyce.pdf>. Acesso em: 01 maio 2013.

FARIAS R. C. P. **Transubstanciação simbólica do uniforme de trabalho em signo de prestígio** Anais do Museu Paulista V.18. n 2, 263-283, jul/dez 2010. Disponível em: www.scielo.br/pdf/anaismp/v18n2/v18n2a07.pdf.>Acesso em: 06 jun 2012.

FARINA, M.; PEREZ, C.; BASTO, D. **A psicodinâmica das cores em comunicação**. 6ª ed. Editora Edgard Blücher Ltda, 2011.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil** 6ª Ed. Editora da Universidade Federal de São Paulo: Fundação de Desenvolvimento da Educação, 1998.

FAVERO, M. L. A. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006. Ed. UPPR.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio - o minidicionário da Língua Portuguesa** 4ª Ed. Rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, N. M., Paz e Amor na Era de Aquário: a Contracultura nos Estados Unidos. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. Número Especial, Vol. 33, Ano 18, 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/viewFile/130/89#page=68>> Acesso em: 01 maio 2014.

FIGUEIREDO, M. A. G. **Lutas Simbólicas no Processo de Incorporação do Quadro Social da Faculdade de Enfermagem Hermantina Beraldo à Universidade Federal de Juiz de Fora: 1977-1983**. 2008. Tese (Doutorado em Enfermagem) Curso de Doutorado em Enfermagem-Faculdade de Enfermagem Universidade Federal do Rio de Janeiro, R J, 2008.

_____; BAPTISTA, S. Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora: 1977-1979 **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v 62, n.4: 512-7 jul/ago, 2009.

FONSECA, E. F. R; PORTO, F. Enfermeiras-Parteirase Uniforme: Índícios e Representações Objetais na Construção da Identidade Profissional **Rev. Bras. Enferm.** Rio de Janeiro: UERJ, 19(3): 432-7 jul/set, 2011.

FONTES, A. S. **A Escola de enfermagem Anna Nery e a Nova Ordem no Campo da Educação em Enfermagem** (1949-1961). Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Faculdade de Enfermagem Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2009.

FREITAS, S. M. História Oral - Procedimentos e Possibilidades. **Associação Brasileira de História Oral**. Gestão 2000-2002. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6936360/Historia-Oral-Procedimentos-e-Possibilidades-Sonia-Maria-de-Freitas>> Acesso em: 07 mai 2011.

FREITAS, A. K. M. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. NUCON: Núcleo de Comunicação. ISCA - FACULDADES Limeira/SP Ano 4, nº 12 - out-dez 2007.

GODOY, E V. Historiografia linguística: um percurso histórico linguístico. **Revista Múltiplas Leituras**, v.2, n.2, p. 177-188, jul. /dez. 2009.

GOMES, A. A. A construção da identidade profissional do professor: uma análise de egressos do curso de Pedagogia. In: VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA MUNDOS SOCIAIS SABERES E PRÁTICAS, Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 25 a 28 de Junho de 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/590.pdf>>. Acesso em: 06 jun 2013.

7 GRAUS, Dicionário de Latim Online. Disponível em: <http://www.dicionariodelatim.com.br/> Acesso em: 10 maio 2014.

GRABIANOWSK, E. **O Verdadeiro Homem das Cavernas**. Disponível em: <<http://ciencia.hsw.uol.com.br/homem-das-cavernas1.htm>>. Acesso em: 13 maio 2014.

GUIMARAES, I. B; CASTRO, N. A. O que é que a baiana faz Os Novos padrões de divisão sexual do trabalho nas atividades urbanas do estado da Bahia 1987. Disponível em: <www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=1530&article>. Acesso em 13 mai 2014.

HAMMES, E. J. **Orientações e Normas para Trabalhos Científicos Conforme ABNT**, 2011. Porto Alegre.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S; WOODWARD, K. Identidade e diferença: introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**, 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. DICIONÁRIO Básico de Filosofia. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora: Alunas da EEHB na inauguração do Ambulatório da SCM-JF. **Acervo**. 27 de Agosto de 1965.

KRUSE, M. H. L. É possível pensar de outro modo a educação em enfermagem? **Esc. Anna Nery Rev. Enf.** Jun. 2008; 12 (2): 348 52.

LAVAR, J. **A roupa e a moda: uma história concisa**. Trad. Glória Maria de Mello Carvalho. SP: Cia das Letras, 1989.

LACY, M. L. **Conhecer-te através das cores**. São Paulo, Pensamentos, 1989.

LEÃO, I. Z. C. C. Reflexões sobre O Império do Efêmero, de Gilles Lipovetsky. **Economia & Tecnologia**. Ano 07, Vol. 25 - Abril/Junho de 2011.

LONZA, F. **A história do uniforme escolar no Brasil**. Ministério da Cultura, Rhodia s/d.

LUNARDI, V.L **História da Enfermagem Rupturas e continuidades**. 2ªed.Rev. Pelotas: Ed. do autor, 2004.

LURIE, A. **A linguagem das roupas**. Trad. Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LYPOVISTICK, G. **O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MACHADO, W. C. Gênero, Saúde e Enfermagem: A inserção do Masculino no Cuidado de Enfermagem. **Online Brazilian Journal of Nursing** (OBJN_ISSN 1676-4285), v.3, n.2, 2004 [Online]. Disponível em: <www.uff.br/nepae/objn302machado.htm>. Acesso em: 10 set. 2012.

MARTINS, E. F. MARTINS, C. J. O Uniforme Enquanto Objeto Sígico na Área da Saúde. **Verso e Reverso**, vol. 25, n. 59, maio - ago. 2011.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de História oral**. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer como pensar**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MERENDA-JUNIOR, J; SYLLA, M. J. T. Cromoterapia, Ambiência e Acolhimento ao Usuário do SUS nas ESFS. **Colloquium Vitae**, vol. 5, n. Especial, jul-dez, 2013, p. 16-22. ISSN: 1984-6436. DOI: 10.5747/cv. 2013. V. 05.NESP.000196

MINAS GERAIS (Estado). Decreto nº 1.751, de três de junho de 1946. Organiza o Departamento Estadual de Saúde e cria a Escola de Enfermagem no município de Juiz de Fora. **Diário Oficial [do] Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte (MG); 1946.

_____. Decreto 18275, de 21/12/1976. Altera a denominação da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo, de Juiz de Fora. Publicação - **Minas Gerais Diário do Executivo** - 22/12/1976, Pág. 6, Col. 4. Microfilme 228. Disponível em: <http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=18275&comp=&ano=1976&aba=js_textoOriginal#texto>. Acesso em: 04 dez. 2014.

_____. Lei 7131, de 16/11/1977. Autoriza o Poder Executivo a promover a transferência da Faculdade de Enfermagem mantida pela Fundação Hermantina Beraldo para a Universidade Federal de Juiz de Fora. Publicação: **Minas Gerais Diário do Executivo** - 17/11/1977, P. 5, Col. 1. Microfilme 235. Disponível em:<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=7131&comp=&ano=1977&aba=js_textoOriginal#texto>. Acesso em: 04/12/2014.

_____. Resolução 1919, de 12/09/1978. Aprova convênio celebrado entre o Estado de Minas Gerais, a Universidade Federal de Juiz de Fora e a Fundação Hermantina Beraldo. Publicação - **Minas Gerais Diário do Legislativo** - 16/09/1978, Pág. 2, COL. 4. Microfilme 242.

Disponível em:

<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=RAL&num=1919&comp=&ano=1978&aba=js_textoOriginal#texto>. Acesso: em 04/12/2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio de conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Ed. HUCITEC, 7º ed. 2000.

MIRANDA, C. M. L. **O Risco e o Bordado:** um Estudo sobre a Identidade Profissional Rio de Janeiro. Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ. 1996.

MEDEIROS, M.; TIPPLE, A. C. F. MUNARI, D. B. A Expansão das Escolas de Enfermagem no Brasil na Primeira Metade do Século XX. **Rev. Eletrônica de Enf.**, [S.l.], v. 1, n. 1, dez. 2006. ISSN 1518-1944. Disponível em:

<<https://revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/666>>. Acesso em: 13 maio 2012.

NACIF, M. C. V. **O vestuário como princípio de leitura do mundo.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. Disponível em:

<<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Maria%20Cristina%20V%20Nacif.pdf>> Acesso em: 14 jun 2012.

NASCIMENTO, E. S; SANTOS, G. F; CALDEIRA, V, da P. **Criação, cotidiano e trajetória da escola de Enfermagem da UFMG:** um mergulho no passado. Belo Horizonte: Escola de Enfermagem da UFMG, 217 p. 1999.

NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D. S. Imagem da Enfermeira: revisão de literatura **Rev. Bras. Enferm.** v. 58, n. 1, 74-7, jan-fev 2005.

OGUISSO, T. **Do Sagrado ao Profano:** a Indumentária e as Representações da Enfermagem. São Paulo: EEUSP, 2007.

OGUISSO, T, CAMPOS, P. F. de S. **A Lâmpada - Símbolo da Enfermagem Moderna**

Disponível em: <<http://www.ee.usp.br/organizacao/lampada.htm>> Acesso em: 27 nov. 2014.

OLIVEIRA, D; PERIUS, M; ZAGO, C. Z. A Influência das Cores nos Ambientes Jurídicos Disc. **Scientia Série: Artes, Letras e Comunicação**, S. Maria, v. 7, n. 1, p. 1-9, 2006.

Disponível em:

<<http://sites.unifra.br/Portals/36/ALC/2006/ambientesjuridicos.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

OLIVEIRA, M. A.C; EGRY, E.Y A Historicidade das Teorias Interpretativas do Processo Saúde-Doença. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 34, n. 1, p. 9-15, mar. 2000. Acesso em: 20 jun. 2014.

PADILHA, M. I. S. C; VAGHETHI, H. H; BRODERSEN, G. **Gênero e Enfermagem:** uma análise reflexiva, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/handle/1/1572>>.

_____. ; BORESTEIN, M. O Método de Pesquisa Histórica na Enfermagem. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v. 14, n. 4:575-84, dez. 2005. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072005000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jun 2011.

_____. História da Enfermagem: Ensino, Pesquisa e Interdisciplinaridade **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**,v. 10 n.3 p. 532-8, dez. 2006.

PADILHA, M. I. C. S; SANTOS, BARREIRA. I. A. Grupos de pesquisa em história da enfermagem: a realidade brasileira. **Rev. Esc. Enf. USP** 2012; 46(1): 192-9 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n1/v46n1a26.pdf>>Acesso em: 8 maio 2013.

PAI, D. D; SCHRANK, G; PEDRO, E. N. R. O Enfermeiro como Ser Sócio-Político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. **Acta Paul Enferm.** v.19, n.1, p. 82-7. 2006.

PAIVA C. H. A. **A Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) e a Reforma de Recursos Humanos na Saúde na América Latina (1960-70)** Disponível em: <http://observatoriohistoria.coc.fiocruz.br/local/File/opus.pdf>. Acesso em: 29 out. 2012.

PAULINO, A. F. B.; PEREIRA, W. **A educação no estado militar (1964-1985)**, S/d Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/columhe06/anais/arquivos/176AnaBorgesPaulino_e_WanderPereira.pdf>. Acesso em: 28 out. 2012.

PEREIRA, I. B.; FERREIRA, A. T. A Cor como elemento constitutivo da linguagem e narrativa cinematográfica. **Unoesc & Ciência, ACHS**, Joaçaba, v. 2, n. 1 p. 17-28, jan./jun. 2011.

PERES, M. A. A.; BARREIRA, I de A. Significado dos Uniformes de Enfermeira nos Primórdios da Enfermagem Moderna. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 25 38, abril 2003.

PERES, M. A. **A Relações Institucionais da Escola Ana Nery (EAN) / Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB) (1957-1963)**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Curso de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2004.

_____. ; BARREIRA, I. A. Uma nova Enfermagem Psiquiátrica na Universidade do Brasil nos anos 60 do século XX. **Esc. Anna Nery Rev. de Enf.**, v. 12, n. 1, p. 108-114, 2008.

_____. ; PADILHA, M. I. S. Uniforme Como Signo de Uma Nova Identidade de Enfermeira no Brasil (1923-1931) **Esc. Anna Nery Rev. de Enf.** v.18 n.1, p.112-121, Jan/mar 2014.

POLÍTICA História da Resistência. **DIVERSA UFMG, Belo Horizonte**, Ano 5 - nº. 11 maio de 2007. Disponível em <<https://www.ufmg.br/diversa/11/politica.html>>. Acesso em: 20 nov. 2011 e 01 dez. 2014.

PORTELLI, A. O que faz a história oral. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 1997.

PORTO, F. *et al.* A imagem do cuidado prestado pelas enfermeiras de saúde pública veiculada na Revista da Semana (1929) **Rev. Latino-Am. Enfermagem** vol.21 nº. 1 Ribeirão Preto Jan./Feb. 2013.

PORTO, F.; SANTOS, T. C. F. O Rito e os Emblemas na Formatura das Enfermeiras Brasileiras no Distrito Federal (1924-1925). **Esc Anna Nery Rev. Enferm.** Vol.13 nº2 p.249- 55 abr/jun 2009.

QUIRINO, S. F.S; FRANÇA, C. G. A moda brasileira das décadas de 60 e 70: uma visão organizacional, de produção e mercadológica. **Moda Palavra**, n. 3, p. 102-9, 2004.

RIBEIRO, W. F. P. **Escola de Enfermagem Wenceslau Braz**: da Santa Casa de Misericórdia à Congregação das Irmãs da Providência do GAP (Itajubá, 1953-1959). Dissertação (Mestrado em Enfermagem); Curso de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, R J, 2007.

RIOS, R. L. F. As formaturas na universidade: cerimônia ou espetáculo? In: IV MOSTRA DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO. Programa de pós Graduação, Faculdade de Educação/ PUCRS (Trabalhos apresentados) PUCRS, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Educacao/70248-RENATA_LERINA_FERREIRA_RIOS.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2013.

ROMANELLI, G. O significado da Educação Superior para Gerações de Famílias de Camadas Médias. **Rev. Bras. Est. Pedag.** Brasília, v. 76, n.184, p. 445-476, set/dez, 1995.

ROTHEN, J. C. Os Bastidores da Reforma Universitária de 1968. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 453-475, maio/ago. 2008. Disponível em<<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 12 jun. 2014.

SABINO, M. **Dicionário da Moda**. Elsevier, 2ª impressão, RJ, 2007.

SALGUEIRO, N. O. Vestuário do Pessoal de Enfermagem I: Do Negro ao Branco Imaculado **Revista Referência**, nº 4 mai. 2000 (p. 81) Disponível em <<https://www.esenfc.pt/rr/>> Acesso em: 12 jun. 2014.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA, **Relatório**, 1958, p 10; 1962 p.5.

SANTOS, G. F.; CALDEIRA, V. da P.; MOREIRA, S. A. A inserção de Waleska Paixão na Enfermagem **Esc. Anna Nery Rev. de Enf.** Rio de Janeiro, Vol. 14 (2) 268-274, abr/jun 2010.

SANTOS, T. C. F. Significado dos Emblemas e Rituais na Formação da Identidade da Enfermeira Brasileira: uma reflexão após oitenta anos **Esc. Anna Nery Rev. de Enf.** vol. 8, n. 1, p. 81-86, abril 2004.

_____.; BARREIRA, I.A. A mulher e a Enfermeira na Nova Ordem Social do Estado Novo. **Texto e Contexto**, Florianópolis, jul-set; 17(3) 587-3 2008.

SANTOS, J.; NEVES, L. A. História oral, fontes documentais e narrativas como recursos metodológicos na educação. In: III Seminário de Educação: Memórias, Histórias e Formação de Professores. Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação, UFRJ, 2007, São Gonçalo, Rio de Janeiro: Trabalho apresentado e publicado no **Portal Programa Rede Social**, SENAC São Paulo, 05 Nov. 2008 <http://www.zonadigital.com.br/redes>. Acesso em: 12 abr. 2012.

SANTOS, T. M. A Mulher nas Constituições Brasileiras. In: **II Seminário Nacional de Ciência Política: América Latina em debate** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, p. 02-03, 23 a 25 de setembro de 2007.

SANTOS, T. C. F. *et al.* A memória, o controle das lembranças e a pesquisa em história da enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 15, n. 3, p. 616-25, 2011.

SCHU, G A Moda Sob Influência Bélica: Uma Análise da Indumentária Feminina na Revista A Cena Muda entre 1942 e 1951. **Signos**, ano 33, n. 1, p. 159-174, 2012.

SECAF, V.; SANNA, M. C. Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil - um documento da década de 50 do século XX **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília (DF) 56(3): 315-317 maio/jun. 2003.

SEED, A. The uniforms of the students at the Salpatrieri nursing school. **J. Adv. Nurs.** 21(6) 1136-43 Jun. 1995.

SILVA, A. L.; PADILHA, M. I. C. S.; BOREISTEIN, M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, 2002 jul-ago., 10(4) Ribeirão Preto, p. 586-595. jul/ago.2002. Disponível em: <www.eerp.usp.br/rlaenf. Acesso em: 20 mar. 2013.

SILVA, C. B.; RAMIRES, J. C. L. Regionalização da Saúde em Minas Gerais: Algumas Reflexões Críticas **Higéia, Rev. Bras. de Geografia Médica e da Saúde**, 6(11); 6079 dez/2010.

SILVA, M. R. G; GALLAN, D. M. C. A Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo e seu primeiro currículo (1939-1942). **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v. 62, n. 2, abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000200024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 jan. 2014.

SILVA, S. Vestuário Comunicação e Cultura. **Líbero IV**, V. 4, n°7-8, p.80-85, 2001.

SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**.

SIMILI, I. G. Políticas de Gênero na segunda guerra mundial: as roupas e a moda feminina. **Acervo**. Rio de Janeiro, vol.25, n.2, p.121-142, 2012.

SIMÕES, J; AMÂNCIO, L. Gênero e enfermagem: um estudo sobre a minoria masculina. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 44, jan. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292004000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso 09 mar 2014.

SOARES, J. M. Cartografia e ocupação do território: a Zona da Mata Mineira no século XVIII e a primeira metade do XIX. In: III SIMPÓSIO LUSO- BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA. 10-13 de Nov. de 2009, **Anais...** Ouro Preto MG Brasil. Disponível em: <https://ufmg/rededemuseus/crch/soares_cartografia-e-ocupacao-do-territorio-a-zona-da-mata-mineira.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2014.

SOUZA, G. M. **O Espírito das Roupas A Moda no Sec. XIX**. Cia das Letras, São Paulo, 1987.

SOUZA, M. A. P. **Indústria Têxtil e produção Cultural: o Declínio Desvelado**. Monografia (Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte). Instituto de Artes e Design UFJF, 2010.

SOUZA, V. V.; CUSTÓDIO, J. A. C. Fotografia: meio e linguagem dentro da moda. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.1, p.231-251, 2005.

TOLEDO, J.R. *et al.* Emblemas e Rituais: reconstruindo a história da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 12, n. 2, p. 243-250, 2008.

TOLEDO, C. N. 1964: O golpe contra as reformas e a democracia **Rev. Bras. Hist.** vol.24, no. 47, São Paulo, 2004. Disponível em:<www.redalyc.org/pdf/263/26304702.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2013.

TORRES, L. A. F. **O Modo e Moda: O Feminino, Feminismo e Moda no Olhar da Imprensa das Décadas de 50 e 60**. Monografia (Pós-Graduação); Pós Graduação em Moda, Cultura da Moda e Arte do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, JF, 2010.

RIBEIRO, W. F. P. **Escola de Enfermagem Wenceslau Braz: da Santa Casa de Misericórdia à Congregação das Irmãs da Providência do GAP (Itajubá, 1953-1959)**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Curso de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2007.

UNIVERSIDADE POTIGUAR. **Manual de Colação de Grau dos Concluintes em Turmas regulares e Colações Especiais UnP**. Disponível em: <<http://unp.br/wp-content/uploads/2013/12Orient>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

VALLE, M. R. do. 1968: o diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. Resenha de: ALMADA, P. E. R. 1968: o diálogo **Rev. Segurança Urbana e Juventude**, Araraquara, v.3, n.1, 2010.

VIEGAS, C. **Educação em Enfermagem como Lema de Vida**. Minas Gerais, 1996. Entrevista concedida a Valda da Penha Caldeira, Dagmar de Deus Queiroz, Bárbara de Queiroz e Bragaglia.

WOCIAL, L.D. *et al* Image is more than a uniform: the promise of assurance. **J Nurs Adm.** 44 (5): 298-302, mai. 2014.

ZIMMERMANN, M. Diálogos entre moda e rua: Teddy Boys: de subcultura a cultura de massa. **Ponto Urbe Ed. 11 Cir-Kula, 2012 Ponto Urbe** [Online], 11 2012, Online since 01 December 2012. Núcleo de Antropologia Urbana da USP ISSN 1981-3341 Disponível em:<www.pontourbe.net> Acesso em 02 de Jul 2014.

ICONOGRAFIA

ACERVO de Amenartas Sofia Gabriel. **Imagem de domínio público**. Disponível em: <<http://upaipved.blogspot.com.br/2011/05/florence-nightingale-biografia-iv.html>>

Acervos pessoais:

Ana Margareth Aarestrup Arbex.

Darcília Maria Nagen da Costa.

Designer Aline Costa, 2014.

Família da Enfermeira Conceição Lessa Maria José Otoni.

Marilene Borges de Matos Leite.

Rachel Audebert Delage.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA EEAN/UFRJ/**Banco de Fotos/Rituais/Foto nº**
1.02.0001.1

JORNAL DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora: Alunas da EEHB na inauguração do
Ambulatório da SCM-JF. **Acervo**. 27 de Agosto de 1965.

MUSEU Histórico da SCM-JF. **Acervo**. 1971.

PORTAL DO GOVERNO DE MINAS GERAIS. **João Tavares Correia Beraldo**.

Sites:

www.servicor.com.br.

www.mariadoresguardo.com.br

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY**

**UNIFORMES DA ESCOLA DE ENFERMAGEM HERMANTINA BERALDO EM
JUIZ DE FORA: TRANSFORMAÇÕES NO PERÍODO DE 1947 A 1978.**

Roteiro de entrevista de ex-alunos e ex-professores da EEHB

Identificação

Nome:.....Idade.....

Profissão:.....

Ano de ingresso na EEHB.....

Ano de formação:.....

Questões.

1-Quando você ingressou na escola? Como era o uniforme utilizado? Havia mais de um uniforme? E os acessórios, quais eram?

2-Descreva com detalhes o uniforme de gala e do cotidiano, tecido, comprimento, tinha insígnias? Quais? O que significava para você o do uniforme (no dia a dia) e o de gala?

3-Tinha uniformes diferenciados entre professoras e alunas? Descreva-os.

4-Como você adquiriu o seu uniforme? Tinha algum lugar específico para comprar o tecido? Quem confeccionava os uniformes?

5-Nas atividades desenvolvidas em sala de aula e no hospital, tinham diferenciação nos uniformes usados?

6-Quais foram os motivos que levaram a transformação ou mudanças do uniforme no ano de 1965 e no ano de 1968? Você usou a touca ou o véu como acessório do uniforme? Descreva o que você achava da touca e/ou do véu.

7-Você vivenciou a retirada da touca e do véu do uniforme? Quais foram os motivos destas mudanças?

8-Qual a importância para você do uniforme na Escola, no Hospital e na Sociedade?

9-Para você o uniforme teve alguma influência na construção de sua identidade como enfermeira? Que significado da touca você atribui à profissão de Enfermeira?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução 466/12 Conselho Nacional de Saúde

O Sr (a) foi selecionado (a) e está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: **Uniformes na Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo em Juiz De Fora: Transformações no Período de 1947 A 1978**. Têm como objetivos: identificar o papel do primeiro uniforme implantado na EEHB para a construção de uma nova identidade profissional de enfermeira em Juiz de Fora; analisar as transformações ocorridas nos uniformes utilizados por enfermeiras e alunas do curso de enfermeiras da EEHB no período do estudo; discutir as relações entre o uniforme usado da EEHB e a construção da identidade profissional.

Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa, utilizando como método a história social. A pesquisa terá duração de dois anos, com o término previsto para dezembro de 2013. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

O pesquisador com base na Resolução 196/96 (pesquisa que envolve seres humanos) se compromete.

Respeitar os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes do(s) participantes(s).

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista. A entrevista será gravada em gravador para posterior transcrição que será guardada por cinco (05) anos e incinerada após esse período.

O Sr (a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação.

O Sr (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Orientador: Dra. M^a Angélica de A. Peres.
Pesquisador Principal (instituição)
Cel.:
E-mail: aguaonda@uol.com.br

Orientando: Regina Lucia Muniz de Almeida
Mestrando
Cel.: (032)9123.4924
E-mail: munizreg@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa EEAN/HESFA: (21) 2293-8148/ramal 228.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20_____

Sujeito da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE D - TERMO DE DOAÇÃO DE FOTOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE****ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY**

Eu,.....

possuidora da carteira de identidade nº.....

CPF nº:.....

Residente à.....

nº..... na cidade de..... Estado de.....,

autorizo a doação de minhas fotos para o Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ para arquivo e futuras pesquisas, acadêmicas relativas aos uniformes.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 201____.

APÊNDICE E - DOAÇÃO DE DEPOIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY

Projeto de pesquisa: **Uniformes da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo: Transformações no Período de 1947 a 1978 e sua Influência na Construção da Identidade Profissional de Enfermeiros na Cidade de Juiz de Fora.**

Autora: Regina Lucia Muniz de Almeida

Tendo prestado depoimento para esta pesquisa, que tem como objeto de estudo: Os Uniformes da EEHB e sua influência na construção da identidade profissional de enfermeiros na cidade de Juiz de Fora, eu....., CI. n°, CPF n°, autorizo, REGINA LUCIA MUNIZ DE ALMEIDA, a divulgar e arquivar as gravações transcritas e imagens no Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, inclusive referir meu depoimento ao meu nome, desde que seja aprovado em comitê de ética em pesquisa.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20__.

.....
Assinatura do entrevistado

.....
Assinatura da Pesquisadora Mestranda

Regina Lúcia Muniz de Almeida

Enfermeira. Aluna do Curso de Mestrado em

Enfermagem da EEAN/UFRJ

2013

Período Atividades	Jan 2013	Fev 2013	Mar 2013	Abr 2013	Mai 2013	Jun 2013	Jul 2013	Ago 2013	Set 2013	Out 2013	Nov 2013	Dez 2013
Coleta de dados	X	X	X	X	X							
Revisão de Literatura												
Análise de dados		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Redação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Entrega Primeiro Capítulo							X					
Redação do relatório												
Capítulo II												
Redação do relatório Capítulo II												
Produção do primeiro artigo												
Qualificação												
Capítulo III												
Relatório final Cap. III												
C. Finais												
Relatório Final da Defesa												
Defesa da dissertação de mestrado												
Produção segundo artigo												

OBSERVAÇÃO: No período de Agosto a Dezembro de 2013 foi concedido o trancamento do Curso de Mestrado.

ANEXOS

ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

ESCOLA DE ENFERMAGEM
ANNA NERY - EEAN/ UFRJ -
HOSPITAL ESCOLA SÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Uniformes da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo em Juiz de Fora: transformações no período de 1964 a 1968

Pesquisador: Regina Lucia Muniz de Almeida

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 10827812.7.0000.5238

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem Anna Nery

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 168.815

Data da Relatoria: 11/12/2012

Apresentação do Projeto:

O vestuário é utilizado como interface entre o corpo humano e o meio ambiente em que se vive, cultura sociedade e econômico. O uniforme e a touca são considerados fortes símbolos da Enfermagem Moderna possuindo simbolismo próprio. Na cidade de Juiz de Fora a touca foi retirada muito antes da Escola de Enfermagem Anna Nery considerada padrão de Ensino de Enfermagem Moderna no Brasil. O Objeto do estudo, são as transformações ocorridas nos uniformes usados na Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo (EEHB) em Juiz de Fora no período 1964 a 1968. Trata-se de um estudo histórico social, tipo descritivo com abordagem qualitativa tendo como referencial teórico Claude Dubar que aborda a identidade profissional e a Socialização das profissões e Roland Barthes que considera o vestuário uma linguagem abstrata que carrega em si aspectos práticos e simbólicos. A pesquisa será realizada com ex-alunos e ex-professores da EEHB (1965-1967). Como critério de inclusão: ex-alunos e ex-professores no período compreendido no recorte temporal. Como critério de exclusão: aqueles que não fizeram parte da EEHB e os que não tiverem condições de responder ou não quiserem participar da pesquisa. A pesquisa terá como fonte primária: depoimentos de ex-alunos e ex-professores da EEHB das turmas de 1965 a 1967, coletados sob forma de entrevistas. Também arquivos, atas, livros de registro, fotografias, legislações pertinentes ao arquivo da EEHB e dos depoentes. Como fonte secundária: artigos, livros, teses e dissertações que abordem a História da Enfermagem em especial a história da EEHB, História do Brasil e aquelas que se referem a vestuário em especial a uniformes. Numa análise preliminar a motivação para as mudanças no uniforme e retirada da touca, foi a

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275

Bairro: Cidade Nova

CEP: 20.211-110

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2239-8148

E-mail: apeeanhesia@gmail.com

ESCOLA DE ENFERMAGEM
ANNA NERY - EEAN/ UFRJ -
HOSPITAL ESCOLA SÃO



necessidade de adequação de espaço físico e melhoria na dinâmica cotidiana das alunas internas no preparo e cuidado com os uniformes, consequência do aumento do número de alunas que passou de três para onze estudantes em regime de internato. A segunda mudança colide com a entrada do homem na EEHB.

Objetivo da Pesquisa:

Descrever as mudanças nos uniformes utilizados na EEHB no período de 1964 a 1968; analisar os motivos que levaram às transformações dos uniformes usados na EEHB e discutir as relações entre o uniforme usado da EEHB e a construção da identidade profissional do enfermeiro em Juiz de Fora.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A tipificação do Risco deverá ser definida pela Resolução 196/96, do CNS, na 2ª versão, no Capítulo V, Item V. 1 e subsequentes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O recorte temporal tem como marco inicial o ano de 1964 ano da formatura da última turma a utilizar o uniforme implantado desde a criação da Escola e como marco final, o ano de 1968, quando ocorreu a adoção de um novo modelo de uniforme, sem touca, o que também colidiu com o ingresso dos primeiros alunos do sexo masculino na escola.

Bibliografia vasta e adequada a temática.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados todos os termos de acordo com os requisitos propostos.

Recomendações:

Especificar os riscos e benefícios, conforme aplicação na Resolução 196/96 do CNS, e seus direcionamentos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Rever a Avaliação de Riscos e Benefícios.

O benefício da pesquisa não deve focar custos ou compensações financeiras. Deve se oferecer a possibilidade de gerar novos conhecimentos sem afetar o bem-estar dos participantes e seus grupos de pesquisa.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275

Bairro: Cidade Nova

CEP: 20.211-110

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2239-8148

E-mail: aspeanhesa@gmail.com

ESCOLA DE ENFERMAGEM
ANNA NERY - EEAN/ UFRJ -
HOSPITAL ESCOLA SÃO



Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da EEAN/HESFA atendendo o previsto na Resolução 196/96 do CNS/MS APROVOU o referido projeto na reunião ocorrida em 11 de dezembro de 2012. Caso a pesquisadora altere a pesquisa é necessário que o projeto retorne ao Sistema Plataforma Brasil para uma futura avaliação e emissão de novo parecer. Lembramos que a pesquisadora deverá encaminhar o relatório da pesquisa após a sua conclusão, como um compromisso junto a esta Instituição e o Sistema Plataforma Brasil.

RIO DE JANEIRO, 11 de Dezembro de 2012

Assinador por:

MARIA DA SOLEDADE SIMEÃO DOS SANTOS
(Coordenador)

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275

Bairro: Cidade Nova

CEP: 20.211-110

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2239-8148

E-mail: apeanhesfa@gmail.com